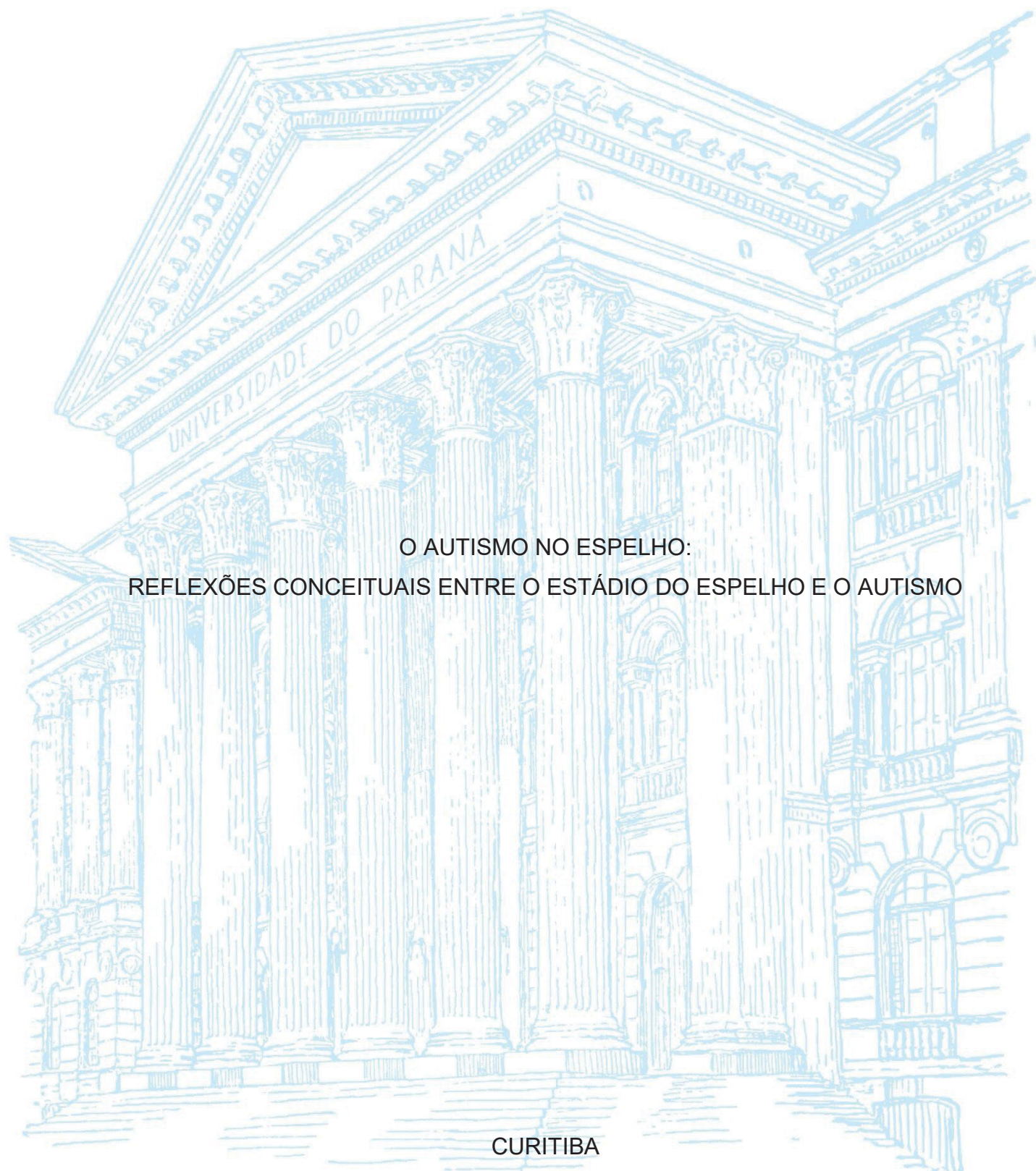


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

AGNES DE BRITO LIMA



O AUTISMO NO ESPELHO:  
REFLEXÕES CONCEITUAIS ENTRE O ESTÁDIO DO ESPELHO E O AUTISMO

CURITIBA

2021

AGNES DE BRITO LIMA

O AUTISMO NO ESPELHO:  
REFLEXÕES CONCEITUAIS ENTRE O ESTÁDIO DO ESPELHO E O AUTISMO

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosane Zétola Lustoza  
Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nohemí Ibáñez Brown

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Lima, Agnes de Brito

O autismo no espelho : reflexões conceituais entre o estágio do espelho e o autismo. / Agnes de Brito Lima. – Curitiba, 2022.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosane Zétola Lustoza

Coorientadora : Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nohemi Ibáñez Brown

1. Psicanálise. 2. Autismo. 3. Imagem corporal - Autistas. 4. Sujeito (Filosofia). 5. Self (Psicologia). I. Lustoza, Rosane Zétola, 1973-. II. Brown, Nohemi Ibáñez -. III. Título.

CDD – 616.85882



ATA Nº26

## ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRA EM PSICOLOGIA

No dia dezessete de dezembro de dois mil e vinte e um às 09:00 horas, na sala da plataforma digital Zoom <https://us02web.zoom.us/j/84347077139?pwd=UHHmZGdDdFAydnZVcUZtbHpxeWh0dz09>, conforme recomendações da Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação (PRPPG), foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação da mestranda **AGNES DE BRITO LIMA**, intitulada: **O autismo no espelho: reflexões conceituais entre o estádio do espelho e o autismo**, sob orientação da Profa. Dra. ROSANE ZÉTOLA LUSTOZA. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes membros: ROSANE ZÉTOLA LUSTOZA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), ROBERTO PIRES CALAZANS MATOS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REY) A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestra está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, ROSANE ZÉTOLA LUSTOZA, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 17 de Dezembro de 2021.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SETOR DE  
CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA - 40001016067P0

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **AGNES DE BRITO LIMA** intitulada: **O autismo no espelho: reflexões conceituais entre o estádio do espelho e o autismo**, sob orientação da Profa. Dra. ROSANE ZÉTOLA LUSTOZA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 17 de Dezembro de 2021.

Assinatura Eletrônica

17/12/2021 15:40:00.0

ROSANE ZÉTOLA LUSTOZA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

18/12/2021 12:34:59.0

NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

21/12/2021 08:24:01.0

ROBERTO PIRES CALAZANS MATOS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI)

“Era uma casa muito engraçada  
Não tinha teto, não tinha nada  
Ninguém podia entrar nela, não  
Porque na casa não tinha chão

Ninguém podia dormir na rede  
Porque na casa não tinha parede  
Ninguém podia fazer pipi  
Porque pinico não tinha ali

Mas era feita com muito esmero  
Na Rua dos Bobos, número zero  
Mas era feita com muito esmero  
Na Rua dos Bobos, número zero”  
(Vinícius de Moraes, “A casa”, 1970)

Dedico essa canção ao Francisco, a quem a cantei e recantei em diversas ocasiões. Ele me ensinou que uma relação se estabelece nas entre linhas de poemas, poesias, sobre uma variedade incansável de tons de voz e ritmos de tempo.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe (Sirlene) pelo esforço ao tentar me explicar os esquemas ópticos de Lacan com uma colher, por sempre ter a paciência em me escutar e, ainda, em debater sobre o tema comigo. Ao meu pai (Manoel) por sempre me incentivar a continuar, mesmo nos momentos em que desistir parecia a solução mais fácil. A ambos, minha mãe e meu pai, por me ajudar a seguir e persistir os meus caminhos acadêmicos em momentos difíceis e em um cenário nacional no qual a pesquisa toma caminhos obscuros.

À minha orientadora Rosane Lustoza, pela oportunidade concedida em fazer o mestrado e pela paciência aos meus tempos de produção um tanto quanto peculiares. E por toda a possibilidade de aprendizado ao longo do caminho.

À minha coorientadora Nohemí Brown, por ter topado a empreitada de escuta e leitura da dissertação, pelo seu tempo e por todas as suas ricas pontuações.

À banca, composta por Nadja Pinheiro e Roberto Calazans, por sua participação e por sua generosidade em debater comigo os pontos do trabalho na qualificação, que foram sumamente pertinentes para a construção deste trabalho final.

À Tatiana Lot, por debatido comigo durante horas sobre a temáticas da dissertação, em cafés, parques e até mesmo no bar. E por ter indicado textos e livros muito pertinentes.

Ao Pedro Brambilla, por confrontar minhas certezas e me colocar em questão para procurar diferentes caminhos de pesquisa.

À Priscila Fortini, por toda ajuda, incentivo, leitura e carinho. Por todos os cafés, risadas, conversas que possibilitaram o processo do mestrado não ser tão pesado. E por ser essa pessoa extraordinária.

Ao Luciano Palheta, por me lembrar de todas as datas e prazos do mestrado. Por todos os abraços, todos os cafés da manhã, almoços e jantas, por todo o carinho nas horas difíceis e por estar presente no momento de pandemia.

À Mariana Brandão, pela delicadeza em dar abraços e ao mesmo tempo puxar a orelha nos momentos certos do processo.

A Nicolas Brandão, por tornar meu o processo de escrita mais leve e menos exaustivo. Por todas as dicas preciosas e pela paciência em ler meus textos acadêmicos, ensaios poéticos e ensaios não tão poéticos assim.

À Rafaela Gollnick por continuar morando comigo mesmo depois de eu ler e reler parágrafos do texto infinitamente. Pelo carinho e incentivo (“You can get it, gurl!”).

À Débora N. Pinheiro, que abriu as portas do CPA (Centro de Psicologia Aplicada) para o atendimento de crianças autistas.

À Rita, secretária do CPA que sempre foi tão gentil e atenciosa com seus chás para momentos difíceis. E pipocas para alegrar as tardes.

À Bruna, secretária do programa de pós-graduação de psicologia da UFPR, por sempre estar atenta aos detalhes e ser sempre muito solícita, o que não deve ser assim tão fácil no mundo caótico das pós-graduações.

A todos os amigos e as amigas que escutaram meus lamentos, minhas dúvidas e minhas hipóteses sobre a constituição do sujeito no autismo. Por todos os abraços, falas carinhosas e incentivo.

À CAPES, pelo auxílio financeiro, sem ela esse trabalho não teria acontecido, como imagino ser a realidade de muitos pesquisadores do Brasil.

À Universidade Federal do Paraná, por viabilizar os programas de Pós-graduação e por fazer resistência em tempos tão caóticos e complicados para a educação no país.

## RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo articular o conceito do estágio do espelho e a constituição do sujeito no autismo com base em um dos conceitos fundamentais da obra de Lacan: o Estádio do Espelho, desenvolvido e modificado ao longo de algumas décadas e que atravessou em diversas ocasiões a obra lacaniana. Para alcançar tal objetivo há, primeiramente, um percurso em algumas obras freudianas selecionadas para tratar da constituição do Eu e do corpo, por meio de conceitos como o narcisismo, os objetos de *Lust* e de *Unlust*, assim como o duplo, do infamiliar. Na obra de Freud a constituição do Eu e do corpo unificado são simultâneas, são uma mesma moeda, pois um não pode existir sem o outro. No segundo capítulo tratamos, especificamente, do conceito do estágio do espelho. Com ele pode-se observar que a constituição do sujeito é um processo múltiplo e complexo, que precisa de uma imagem especular do Eu e do corpo como base, mas que precisa também ser atravessado pela voz e pelo olhar do Outro, que, além disso, é responsável por transmitir o tesouro dos significantes, que permite à criança adentrar no meio da troca social mediada pela linguagem. Em meio a esse cenário, no terceiro capítulo, soma-se o conceito do autismo, a fim de pensar em como se daria o processo constitutivo do autista. É importante destacar aqui que o diagnóstico de autismo está aumentando de forma exponencial desde a nova classificação do DMS-5, a partir do qual tornou-se um espectro. Todavia, na psicanálise, o diagnóstico é distinto ao DSM-5 e passa por uma série de observações clínicas de como a criança se relaciona com os pais ou cuidadores, com seu próprio corpo e com as palavras. Para tanto, há a apresentação de vinhetas clínicas que visam associar o que ocorreu na prática com a teoria na qual a pesquisa objetiva se circunscreve.

Palavras-chave: Estádio do espelho; constituição do sujeito; autismo; imagem especular; Psicanálise.

## ABSTRACT

The present master thesis aims to articulate the concept of the mirror stage and the constitution of the subject in autism based on one of the fundamental concepts in Lacan's work: the Mirror Stage, developed and modified over several decades and that crossed the Lacanian work on several occasions. To achieve this goal, there is first a journey through some selected Freudian works to deal with the constitution of the self and the body, through concepts such as narcissism, the objects of *Lust* and *Unlust*, as well as the double, the unfamiliar. In Freud's work, the constitution of the "I" and of the unified body are simultaneous, they are the same coin, because one cannot exist without the other. In the second chapter we deal specifically with the concept of the mirror stage. With it, it can be observed that the constitution of the subject is a multiple and complex process, which needs a mirror image of the self and the body as a basis, but which also needs to be crossed by the voice and the gaze of the Other, who is also responsible for transmitting the treasure of the signifiers, which allow the child to enter into social exchange mediated by language. In the middle of this scenario, in the third chapter, the concept of autism is added in order to think about how the constitutive process of autism would work. It is important to note here that the diagnosis of autism is increasing exponentially since the new DMS-5 classification, in which it has become a spectrum. However, in psychoanalysis, the diagnosis is distinct from DSM-5 and involves a series of clinical observations of how the child relates to parents or caregivers, to his or her own body, and to words. In the end, there is a presentation of clinical vignettes that aim to associate what occurred in practice with the theory on which the research aims to focus.

Keywords: mirror stage; subject constitution; autism; mirror image; psychoanalysis.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Modelo Óptico do Buquê Invertido.....	56
FIGURA 2 – Esquema óptico de Lacan.....	58
FIGURA 3 – Esquema L .....	69
FIGURA 4 – Esquema L simplificado .....	75
FIGURA 5 – Modelo Óptico de 1960.....	77
FIGURA 6 – Esquema óptico completo.....	82
FIGURA 7 – Esquema óptico simplificado .....	83

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>16</b>
1.1 Objetivo geral.....	16
2.1 Objetivos específicos .....	16
<b>MÉTODO</b> .....	<b>17</b>
<b>Capítulo 1 – A constituição do Eu em Freud</b> .....	<b>21</b>
<b>Seção 1: O Caminho de Freud</b> .....	<b>22</b>
§ Autoerotismo, Narcisismo e Formação do Eu .....	22
§ A Pulsão e o Corpo Erógeno .....	26
§ Angústia e Aniquilação: O Que não faz Parte do Eu.....	30
§ O corpo que o Eu Habita .....	40
<b>Capítulo 2 – A constituição do Eu em Lacan: Articulações sobre o Estádio do Espelho</b> .....	<b>43</b>
<b>Seção 2: O Caminho de Lacan</b> .....	<b>43</b>
§ 1º Momento: Da Fragmentação à Especularização (campo do imaginário).....	43
§ 2º Momento: A criança no espelho – Esquema Óptico (esquema do Buquê).....	55
§ 3º Momento: Do imaginário rumo ao Simbólico – Uma transição.....	61
§ 4º Momento: O Eu e o Outro – Apresentação do Esquema L .....	66
§ 5º Momento: O Eu é o Outro (campo simbólico).....	72
§ 6º Momento: O Eu eclipsado entre o S1 e o S2 (campo real) .....	86
<b>Capítulo 3: A Constituição do Sujeito na Clínica do Autismo</b> .....	<b>89</b>
<b>Seção 3: O autista no Espelho</b> .....	<b>89</b>
§ 1º Momento: Autismo e a Medicina.....	90
§ 2º Momento: A constituição do sujeito – Autismo e Psicanálise .....	99
§ 3º Momento: O autismo em manifestação .....	112
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>127</b>

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Ao longo da história há uma questão filosófica que atravessa a humanidade, do ocidente ao oriente, relativa ao que singulariza o sujeito e lhe faz, lhe torna um ser humano e o diverge dos animais. Há uma grande variedade de respostas que compõem essa questão: filosóficas, antropológicas, sociológicas, históricas. A psicanálise não escapou e nem saiu ilesa a ela. Pelo contrário, desde o seu início, na virada do século XX, Freud esteve às voltas sobre a constituição do eu e do corpo. Com a publicação da *Interpretação dos Sonhos*, pontualmente em 1900, Freud apresenta o sujeito como aquele que é dividido, transpassado pelo inconsciente.

O sujeito freudiano seria, então, aquele que surge por meio de lapsos, sonhos, chistes, atos falhos, mas que permanece apenas por apenas um instante para na sequência se esvanecer, desaparecer. Por este motivo não é um sujeito substancial, não há nenhum substrato ou permanência que o consista em um ser constante. Essa implicação freudiana é muito diferente das proposições anteriores sobre o que transformaria o homem em sujeito, em ser humano. “Há um tipo de fogo de palha e tudo então se acaba” (FINK, 1998, p. 64).

Na sequência, Lacan retoma e trabalha também a questão do sujeito. Para Lacan, o sujeito também é dividido entre o consciente e o inconsciente; contudo, ligado à ideia de um *falso eu*, pois este estaria ligado à imagem especular que se consiste em uma representação, em uma imagem estática de si, e ao *funcionamento da linguagem* (da cadeia de significantes), que causa a divisão da criança e a aliena à linguagem, estabelecendo o funcionamento do inconsciente.

O estabelecimento do inconsciente se dá pelo discurso do Outro. Isso implica que a criança se constitui enquanto sujeito por meio da relação com um outro alguém que lhe toca, que lhe marca por meio do olhar, que a costura, pela voz, a uma historicidade que é construída de forma única por cada família e por cada sujeito. Soler (2013) afirma que nenhum ser humano escapa à estrutura da linguagem, já que ela nos coloniza antes mesmo do nascimento, na medida em que a família já atribuiu ao bebê – mesmo no ventre – um lugar e uma significação.

---

<sup>1</sup> Com a finalidade de facilitar a leitura do trabalho a numeração das seções começará a partir do capítulo 1.

Todavia, há crianças que não recebem essa atribuição antes do nascimento, ficam no lugar de resto – de objeto indesejado (no sentido comum da palavra) e há outras crianças que, mesmo com um lugar estabelecido, têm desarranjos em sua constituição, na medida em que o processo de constituição é, na realidade, composto por uma série de tentativas e erros, embaraços, mal-entendidos, entre a mãe/cuidador e o bebê.

Nesse sentido, a construção de um eu e de um corpo remete aos primeiros tempos de vida do bebê e de seu relacionamento com aquela que lhe dirigiu os cuidados essenciais, ou seja, com a mãe ou a cuidadora. Algo na criança sempre ficará marcado e isso refletirá em suas próximas relações, pois antes de ser um indivíduo, o bebê foi *um* com outro alguém. Assim, antes de desenvolver uma imagem de si, a criança vale-se da imagem “emprestada” do olhar desse Outro.

O estudo a respeito do autismo oferece bons exemplos de que o processo de constituição do sujeito é complexo, repleto de confusões e tropeços. Sendo assim, pode-se observar que a construção do eu e do corpo está longe de ser uma tarefa simples, na medida em que envolve uma série de ruídos e embaraços entre a criança e o Outro. Tendo em vista que, para qualquer sujeito, a constituição já é uma tarefa repleta de ruídos, indagamo-nos aqui sobre como esse *processo de constituição do eu se dá no autismo* – se é que, de fato, se dá.

Além de tudo isso, pode-se observar que, ao longo dos últimos anos, o número de diagnósticos de autismo disparou, principalmente depois que passou a integrar a categoria de *espectro*. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma em cada 160 crianças tem o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) pelo mundo, sem o número especificado para adultos que recebem o diagnóstico *a posteriori*, o que tem ocorrido com frequência após a modificação dos critérios diagnósticos do DSM-IV para o DSM-5<sup>2</sup>. Estima-se que no Brasil há cerca de 2 milhões de autistas, o que configura mais ou menos 2,21% da população adulta<sup>3</sup>.

No balaio do autismo, o termo *espectro* acabou por agregar uma quantidade elevada de sujeitos, quiçá quase todos cabem ali. Observamos no cenário artístico também um grande aumento de filmes, novelas e séries sobre a temática. No cenário da ciência, por sua vez, são produzidas inúmeras pesquisas, especialmente no âmbito

---

<sup>2</sup> Essa questão específica será abordada com mais detalhes na primeira seção do capítulo 3.

<sup>3</sup> Informações obtidas pelo *site* <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56604535>.

genético, a respeito das possíveis causas do autismo. Já no âmbito comportamental, encontramos uma série de manuais para padronizar o tratamento da criança autista, onde a criança, na maioria das vezes, não tem sua singularidade respeitada.

A psicanálise, nesse contexto, tem perdido espaço por não se tratar de uma técnica científica que possa ser duplicada e replicada, e, principalmente, por não ter um modelo uniformizado de trabalho que abarque todas as crianças autistas. Este é um dos muitos motivos pelos quais cada vez mais publicações psicanalíticas têm de ser mais divulgadas a respeito do autismo.

Sendo assim, no presente trabalho questiona-se: *como se opera a constituição do sujeito na clínica do autismo?* Por meio do conceito do estágio do espelho, tentamos dar uma certa borda à questão, abrindo possibilidades de intervenção neste campo. Para tanto há, primeiramente, uma breve discussão na obra freudiana a respeito do Eu e da corporeidade, onde aparecem os conceitos de autoerotismo e narcisismo, que são caros para tratar da constituição do sujeito freudiano.

Na sequência há o debate sobre a investigação do conceito do Estádio do Espelho na obra de Lacan. Desde as primeiras proposições, em que havia ainda um resíduo da biologia no trabalho acerca da constituição da criança, até o momento em que a constituição passou a ser tratada por meio do registro do imaginário – o Eu como imagem especular no espelho. Para o seguinte momento em que a constituição do sujeito teve o acréscimo do registro simbólico: o Eu não só como imagem, mas amarrado e costurado ao corpo por meio da linguagem, marcado pelos significantes. E, finalmente, uma breve passagem ao acréscimo do registro do real na constituição do sujeito – o Eu constituído pela imagem, marcado pela voz e pelo olhar do Outro, inserido na cadeia de significantes, ultrapassado pelo gozo e por aspectos inassimiláveis.

Todo esse caminho é percorrido para no final da pesquisa articular o conceito do Estádio do Espelho à constituição do autismo, a fim de discutir as peculiaridades da relação das crianças autistas com seus corpos e na relação com os Outros. A pesquisa surgiu do trabalho e da observação da presente pesquisadora com crianças e adolescentes autistas que demonstravam um enamorando, uma desconfiança ou uma total indiferença à imagem de si mesmas no espelho; situação que se repetia com relação aos outros ao seu redor. A proposta aqui é então refletir sobre os conceitos encontrados na literatura psicanalítica (constituição do sujeito, estágio do

espelho e autismo) com o que se apresenta no dia a dia no trabalho clínico com autistas.

O que se pretende com o trabalho é discutir que, por mais a psicanálise não apresente uma prática estruturada e replicável para tratar de “todos os autistas”<sup>4</sup>, é uma forma de tratamento que não só tem eficácia terapêutica, mas que também dá lugar à singularidade, à peculiaridade, ao tratar do autista em sua posição de sujeito.

---

<sup>4</sup> Aspas pela autora.

## OBJETIVOS

### **1.1 *Objetivo geral***

Articular o conceito do estágio do espelho e a constituição do sujeito no autismo.

### **2.1 *Objetivos específicos***

Discutir o conceito do Eu e do corpo em algumas obras freudianas selecionadas.

Identificar a diferença entre o autoerotismo e o narcisismo em Freud.

Investigar o conceito do Estádio do Espelho na obra lacaniana.

Articular o conceito de autoerotismo e de narcisismo freudianos com o conceito do Estádio do Espelho lacaniano.

Debater sobre as implicações que a não amarração do corpo (imaginário) com a linguagem (simbólico) acarretam ao sujeito.

Discutir a noção do Eu e do corpo no autismo.

## MÉTODO

O questionamento da presente pesquisa surgiu em meio ao trabalho e à observação de crianças autistas pela pesquisadora, em um estágio durante a faculdade e em experiências clínicas (em suas diferentes modalidades) depois de formada. Com crianças e adolescentes com o denominado autismo grave, com quase nenhuma comunicação verbal, cantarolando músicas por horas seguidas, geralmente a mesma canção; repetindo o que os outros ao redor falavam como uma caverna com eco (ecolalia); muitos momentos de agitação motora intensa, movimentos com as mãos e braços; balanço “descontrolado”, para frente e para trás (estereotipia); colocavam tudo na boca, por vezes ainda acabavam por comer (tinta, papel, cola, giz de cera e de quadro...); e, além de tudo isso, cada um tinha uma relação muito peculiar com a imagem refletida no espelho, com o próprio corpo e com os outros ao seu redor.

É uma clínica muito cansativa, no sentido físico da coisa, exige muita atenção e concentração. Às vezes acontece de levar um tapa, um soco, um chute, mas na maioria das ocasiões tais fatos ocorrem por gestos estabados, sem querer, pois as crianças e os adolescentes autistas graves não têm muita noção espacial, de distância e do espaço que seus corpos ocupam no mundo. Não têm dimensão de sua força, às vezes abraçam muito forte aqueles que os cercam, por vezes outras crianças é que acabam se machucando. Todavia, apesar dessas questões, são muito delicados, gentis e carinhosos, contrariando aquilo que é difundido, geralmente, sobre suas condutas, de serem frios e desatentos.

Dado esse cenário, a investigação em psicanálise se faz, justamente, a fim de implicar o analista em sua práxis. Pois a prática clínica abre questões acerca do edifício teórico psicanalítico que a sustenta, uma vez que o manejo clínico encontra apoio e diretrizes por meio da teoria. Nesse sentido, é uma via de mão dupla em que o analista, através da teoria, também pode formalizar e sustentar conceitualmente a clínica (PINHEIRO; LUSTOZA; PINHEIRO, 2019).

A clínica abre portas a uma dúvida no contexto teórico que pede uma certa solução, que, por sua vez, dependerá da direção do trabalho clínico. A solução de tal problema teórico pode ser pelo caminho de uma pesquisa teórica dentro das universidades, em que “os alunos encontrarão as condições necessárias ao processo

de formalização conceitual de suas dúvidas teóricas. E em um momento posterior tal formalização os sustentará em suas clínicas. Clínica que, sem cessar, produzirá novas indagações” (PINHEIRO; LUSTOZA; PINHEIRO, 2019, p. 7).

Sem essa busca teórica e conceitual psicanalítica, a escuta clínica seria impossível, uma vez que a matriz que orienta a prática é, justamente, a teórica. O trabalho aqui em questão foi baseado em questões clínicas com os sujeitos autistas, como já ressaltado, e para tanto há uma parte conceitual e teórica, que consiste nos dois primeiros capítulos e por um capítulo, o final, a respeito de pequenas vinhetas de três casos clínicos, que são compostos por pequenos extratos que não identificam nenhum dos sujeitos; portanto, não há maiores detalhes sobre os escolhidos, por questões e implicações éticas, uma vez que a finalidade não é exatamente um estudo de caso, mas sim ilustrar e exemplificar o que foi articulado nos fundamentos teóricos da pesquisa.

As vinhetas ou os extratos e os casos têm como intenção transmitir por meio de fragmentos e imagens os conceitos teóricos psicanalíticos, na medida em que os conceitos ganham corpo por meio dos trabalhos clínicos. Segundo Moreira (2010), as vinhetas e os casos tratam de uma ficção, pois o relato de um encontro clínico não é um reflexo fiel da realidade concreta, mas sim uma reconstituição fictícia dos fatos ocorridos e rememorados.

Conforme Castro (2010), a lógica de um trabalho teórico-clínico pode estar situada em uma perspectiva em que a exceção pode confirmar uma regra na via em que há, precisamente, uma tensão entre o que se faz na ordem do particular do caso com o que é da ordem do geral. A ideia de uma pesquisa clínica psicanalítica não é exatamente refutar ou confirmar o corpo teórico, mas sim fazê-lo evoluir, deslizar. Todavia, cabe destacar, ainda, que com o uso de casos e vinhetas clínicas, nunca se trata de procedimento neutro, indiferente (imparcial) ou até mesmo puro.

Há uma participação direta do psicanalista-pesquisador na escrita sobre o caso, a vinheta, na medida em que ele está presente nas linhas e entrelinhas sobre aquilo que ele escreve. Assim como houve uma participação nos atos e nas atitudes ligadas à direção do tratamento de caso x e y (CASTRO, 2010). Nesse sentido, as articulações que a presente pesquisadora fez dos três casos aqui apresentados passam diretamente pela forma que o tratamento ocorreu.

O trabalho iniciou-se pela seleção de obras de Freud a respeito da constituição do Eu e do corpo. Os textos freudianos selecionados foram baseados em outros textos autores que investigam o autismo pela psicanálise, que utilizaram os textos freudianos a fim de localizar alguns pontos específicos. Por conta do tempo da pesquisa, não houve uma leitura mais profunda e exaustiva sobre as duas temáticas na obra freudiana.

Em seguida houve um mapeamento e seleção dos textos lacanianos a respeito do conceito do estágio do espelho especificamente. Para tanto, a autora fez uma busca em arquivos digitais da obra de Lacan com o termo “estádio do espelho”. O termo foi encontrado em textos dos Escritos e em alguns seminários. Quase todos os textos foram utilizados para a construção do capítulo 2. Outros autores foram utilizados para articular os textos lacanianos.

Por fim, último capítulo (3) foi composto por psicanalistas que trabalham com a temática do autismo especificamente (Maleval, Laurent, O casal Lefort, Soler, Fink...), assim como foi feita uma pesquisa no catálogo de teses e dissertações da Capes e *Web of Science* com buscas pelos descritores “autismo & estágio do espelho” e “autismo e imagem especular”, encontrando uma dissertação e uma tese. Houve também a pesquisa de artigos com o uso dos mesmos termos nas bases da *Scielo*, *Pepsic*, *Redalyc* e pelo Google Acadêmico.

A última seção (§ 3º Momento: O autismo em manifestação) do capítulo 3 é a parte do texto composto pelas vinhetas clínicas, a fim de articular os conceitos aqui debatidos com a prática clínica. Como o objetivo da pesquisa não era para o tratamento em si, as práticas de intervenção na clínica do autismo, apenas breves passagens sobre o assunto são apresentadas.

Duas outras questões não foram abordadas explicitamente no trabalho por questão de tempo e amplitude, são elas: O autismo é uma categoria da psicose?; O autismo é uma quarta estrutura? Há grandes discussões na área sobre o assunto, mas são longas e complexas, por esse motivo houve a uma abstenção sobre a temática ao longo da dissertação. Todavia, essas questões poderão compor pesquisas futuras.

Por fim, o trabalho discute três temáticas a partir da ideia do estágio do espelho: o Eu, o corpo e a linguagem, visto que o Eu e o corpo unificado tratam da

mesma realidade, pois para haver um Eu é necessário que ele habite um corpo unificado. Logo, o Eu é antes de qualquer coisa corporal. A linguagem é o que vem marcar e amarrar esse corpo em um corpo unificado, delimitado pelo gozo, constituído por zonas erógenas. Por conseguinte, falar de um implica costurar o outro.

## Capítulo 1 – A constituição do Eu em Freud

*Há um menino  
Há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto balança  
Ele vem pra me dar a mão  
Há um passado no meu presente  
Um Sol bem quente lá no meu quintal  
Toda vez que a bruxa me assombra  
O menino me dá a mão  
(MILTON NASCIMENTO, “Bola de Meia, Bola de Gude”, 1988)*

A criança, ao nascer, encontra-se sem nenhuma coordenação e organização motora, há uma prematuração biológica natural do bebê humano, que ao contrário de muitos outros mamíferos não possui a menor condição de sobreviver sozinho. Precisa do cuidado, do toque, da troca de olhares e do investimento de outro (nomeando-o, alimentando-o, trocando sua fralda, dando banho etc.). Essa prematuridade não implica somente no não controle das funções do corpo, mas também em uma não organização de um Eu nem de uma imagem corporal. Com o passar do tempo e por meio da relação com alguém, mãe e/ou cuidador, a criança poderá se constituir como um sujeito.

A prematuração biológica normal da criança é recoberta na relação. “Esses buracos, lugares de entrada e saída [boca, nariz, ânus], portam as marcas simbólicas que a mãe inscreve neles, desenhando, assim, a borda do objeto que essencialmente permanecerá vazio (...)” (JERUSALINSKY, 1989, p. 25). O que acontece é que os pais (cuidadores), com a finalidade de manter a criança como extensão de seu narcisismo perdido, apagam, ocultam tudo aquilo que, para qualquer outro, seria um defeito; tomam o cocô como um presente, o choro como um chamado, o olhar como um pedido, o sorriso como expressão de amor.

Nesse sentido, o primeiro capítulo em questão faz um breve percurso conceitual, em algumas obras selecionadas, de Freud sobre o narcisismo, sobre o Eu e a pulsão, a fim de articular com o que Lacan trabalhou para a construção do seu caro conceito do Estádio do Espelho, que atravessou muitos anos de sua obra; conceito este que articula a constituição do Eu amarrado à imagem especular.

Essa imagem especular do sujeito (que abarca o seu Eu) se funda a partir do que Lacan (1949/1998) denominou de estádio do espelho, onde o corpo do bebê, que ainda está despedaçado, passa a ser uma estrutura totalizante, a partir do encontro com sua imagem refletida no espelho. Flesler (2012) relata que o estádio do espelho é um estágio inaugural da criança, onde seu pequeno corpo, que é vivenciado como despedaçado, passa a ser organizado.

Vamos tratar primeiro sobre a constituição do Eu e do narcisismo em Freud, para depois tratar da constituição do sujeito pelo estádio do espelho em Lacan e no fim articular como se dá a constituição do sujeito nos casos de autismo. Todavia, tendo em vista que para todos a constituição já é uma tarefa repleta de ruídos.

## **Seção 1: O Caminho de Freud**

### **§ Autoerotismo, Narcisismo e Formação do Eu**

Em 1914 Freud publicou a *Introdução ao Narcisismo*, que foi o seu primeiro texto a trazer o conceito do narcisismo como central. Antes, como pontua Garcia-Roza (2008), o conceito havia sido debatido de forma secundária no artigo sobre Leonardo da Vinci de 1910, no caso Schreber em 1911 e no terceiro capítulo de Totem e Tabu, em 1913.

O conceito de narcisismo, nas primeiras aparições na obra de Freud, estava em um fundo secundário, ligado à ideia de perversão, pois se configurava no uso do próprio corpo para obtenção de prazer, sem a inclusão de um outro em relação. Todavia, a partir de 1914, o texto *Introdução ao Narcisismo* passa a ter um caráter de conceito essencial e imprescindível para tratar do desenvolvimento da criança. Pois o narcisismo configura a primeira operação na constituição do Eu, como unidade, da criança.

Segundo Freud (1914/2010), ao nascer, o ser humano, apesar de não ter um Eu formado, já tem a pulsão circulando em seu organismo. Nesse primeiro momento

o investimento da libido<sup>5</sup> se dá através do autoerotismo, por meio da satisfação da pulsão por meio do uso do próprio corpo. Esse movimento autoerótico da criança é fundamental, pois a pulsão é uma energia constante que não acaba, não cessa, não pode ser extinta.

Como destaca Garcia-Roza (2008): “a rigor, qualquer objeto pode ser objeto da pulsão, o que é o mesmo que afirmar que nenhum objeto é, especificamente, objeto da pulsão” (p. 31), o que corresponde a dizer que a pulsão segue sua procura indefinidamente, já que não há um objeto capaz de preenchê-la. Portanto, sua satisfação é sempre parcial e nunca completa.

A não satisfação das necessidades, mesmo que primordiais (fome e sede) não gera a sensação de angústia à criança, porém a não satisfação da pulsão leva à sensação de angústia e despedaçamento (FREUD, 1917/2014). Isto ocorre, pois, como pontua Laznik (2013), antes de existir uma unidade corporal e do Eu, a criança enfrenta a vivência de despedaçamento, estilhaçamento, quando há algum excesso em seu corpo que não pode ser escoado.

O autoerotismo consiste, então, conforme Freud (1914/2010), em um investimento libidinal independente de qualquer função biológica do sujeito, onde não há a necessidade de um objeto externo específico e que, ao mesmo tempo, antecede o desenvolvimento do narcisismo. Por isso, pode-se perceber que “(...) as pulsões autoeróticas são primordiais, estão lá desde o início; portanto, algo tem que se acrescentar ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que o narcisismo se constitua” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 42).

Como Alba Flesler (2012) afirma, o ser humano é muito mais do que apenas um ser que está aí no mundo, vivendo, pois sua existência começa antes mesmo de seu nascimento. “Como já dito, o traço mais destacado e relevante, característico desse modo inaugural, é a ilusão: um filho desperta uma aspiração sustentada de completude que anseia ver-se preenchida” (p. 70). Por esta via, o bebê vem cobrir, de uma forma imaginária, algo que os seus pais desejam. A lógica empregada aqui é: há

---

<sup>5</sup> Na dissertação, libido e pulsão serão utilizadas como sinônimos, pois como enfatiza Garcia-Roza (2008), em alguns momentos na obra freudiana a libido é uma expressão da pulsão, em outras é sinônimo da mesma.

um espaço vazio naquela família e a criança surge de uma falta, mais do que necessária.

É porque há um espaço, uma falta, que pais podem ter o renascimento do narcisismo abandonado, com o nascimento da criança que permite que eles possam atribuir todas as perfeições a ela e ocultem, esqueçam, todos os seus defeitos e sua prematuridade motora, psíquica. A criança é perfeita, sem defeitos e desprovida de sexualidade aos olhos dos pais (FREUD, 1914/2010).

A criança está na posição de *His Majesty the Baby*<sup>6</sup>, de objeto de amor parental. Para ela os pais proveem tudo o que há de melhor, relativo àquilo que eles gostariam de ter vivenciado ou tido. Não há restrições para os desejos e vontades do bebê. Todavia, em troca disso, aos olhos dos pais, a criança poderá realizar os sonhos que eles mesmo não conseguiram e, além disso, através do filho haveria a possibilidade de imortalidade do Eu. “O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetual revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora” (FREUD, 1914/2010, p. 37).

Nesse sentido, o narcisismo é investimento libidinal no Eu, e para haver um Eu é necessário que o corpo seja unificado; enquanto no autoerotismo, o investimento libidinal se dá em partes/pedaços do corpo, aqui não há uma imagem unificadora, há apenas pedaços, fragmentos do corpo. “O narcisismo implica o eu; o autoerotismo é um modo de funcionamento libidinal sem eu” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 66).

Ao passar do autoerotismo para o narcisismo, a criança passa a investir no próprio Eu para obter a satisfação e, depois desse movimento, passa a atribuir o investimento da libido à mãe, ou àquele a quem dela cuida. Esse investimento libidinal para além do corpo e do Eu em um outro alguém constitui o primeiro objeto de amor da criança. Por essa via, Freud (1914/2010) ressalta que “o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria, e nisso pressupomos o narcisismo primário de todo o indivíduo” (p. 33).

---

<sup>6</sup> “Sua Majestade o bebê”, em português.

Segundo Garcia-Roza (2008), o narcisismo primário está relacionado à imagem corporal, logo, é representado pelo eu ideal (refere-se ao amor que a criança sente por si mesma, da figura de si idealizada). Nesse momento, há uma identificação da criança com a imagem unificada do próprio corpo, o narcisismo primário se passa no plano imaginário; no narcisismo secundário, por sua vez, há uma identificação com os outros ao seu redor, logo, o ideal do eu (refere-se às limitações, à figura do supereu) surge aqui; o narcisismo secundário se passa, então, no plano simbólico.

O processo de constituição da criança se dá primeiro no lugar de objeto de amor parental e da satisfação da libido em partes do próprio corpo; no segundo momento, a criança com a percepção do seu Eu e do seu corpo como unidade passa a investir a libido no Eu e ao mesmo tempo percebe que há alguém quem lhe dirige um cuidado; no terceiro momento a criança passa a investir não mais só em si mesma (no corpo e no Eu), mas também naquele que lhe dirige cuidado e esse sujeito passa a ser seu objeto de amor.

A pulsão passa a se compor por três movimentos: primeiro investir no outro; segundo, recolher algo desse objeto de amor; terceiro, retornar, então, a si mesmo. Portanto, o Eu volta a ser objeto da pulsão depois de ter passado pela relação com o outro. Conforme Freud (1914/2010) nos aponta, o surgimento do ideal do eu ocorre por conta dessa movimentação e tem a finalidade de restituir o narcisismo primário, que na relação com o semelhante teve de ser abandonado.

Segundo Garcia-Roza (2008), esse ideal do eu busca restituir esse eu ideal infantil, em que a criança era seu próprio ideal. Isto aparece na fase adulta: o advento do ideal do eu tenta restituir de alguma forma o eu ideal, do narcisismo primário. O ideal do eu projeta para o sujeito o seu ideal perdido, a uma tentativa então de aproximar o que é do ideal ao eu real, atual. Para Lacan, essa representação complexa de si mesmo e de seu ideal está demarcada no registro simbólico, pois se apoia nas enunciações do sujeito, na sua linguagem. Tem uma função crítica de autoavaliação.

Freud (1917/2014) denomina como narcisismo no texto *A Teoria da Libido e o Narcisismo* o movimento de investimento da libido no próprio Eu, que é o objeto da pulsão, enquanto o investimento nos objetos externos fica apagado, já não tem uma função. Nesse texto ele afirma que um sujeito adulto pode fixar sua pulsão de uma

maneira narcísica, onde há um desinteresse por outros objetos externos que não o próprio Eu. Isto seria justificável pelo fato de que seja “provável, antes, que esse narcisismo seja o estado geral e primordial, a partir do qual se desenvolveu mais tarde o amor objetal, sem que o narcisismo precisasse desaparecer” (p. 550).

A partir do momento que a criança passa a investir no outro como objeto de amor, a pulsão passa a ser não só investida no próprio corpo, mas também no outro. A criança, que no narcisismo primário se identificava com a imagem de si mesma, passa a se identificar com o outro, com esse objeto de amor.

No início da vida, as pulsões são satisfeitas no próprio corpo da criança, o que Freud (1917/2014) enfatiza, novamente, como autoerotismo, que em outras palavras representa o estágio inicial da vida psíquica, estágio narcisista da alocação da libido. Todavia, diferentemente do que foi trabalhado no texto *Introdução ao Narcisismo* (1914/2010), Freud (1917/2014) relata que, por mais que a pulsão na vida adulta seja investida em objetos, uma grande parte dela pode permanecer no próprio Eu.

No sentido que “a libido do Eu pode ser transformada, de maneira desimpedida, em libido objetal, e esta, ser novamente acolhida pelo Eu” (FREUD, 1917/2014, p. 551). O que possibilita que a pulsão, após ter percorrido o desenvolvimento nos seus três tempos/momentos, possa ter várias maneiras de se manifestar na vida adulta de um sujeito, para além do próprio corpo e do Eu.

## **§ A Pulsão e o Corpo Erógeno**

No texto *Os Instintos e seus Destinos* (1915/2010), Freud debate sobre a pulsão, quais os seus caminhos e explica com mais afinco sobre os seus três tempos. O texto inicia-se com a afirmativa de que a pulsão é uma força que provém do interior do organismo, não do mundo exterior e tem diferentes formas de atuação sobre o corpo e sobre a psique, por isso, necessita que uma ação aconteça para poder ser eliminada.

Pelo fato de a pulsão se tratar de uma força constante sobre o sujeito, não há nenhuma fuga possível dela e sua satisfação se dá sempre a nível parcial, já que, como mencionado anteriormente, ela não deixa de existir, mesmo depois de encontrar

um objeto, pois o objeto elencado pela pulsão só pode satisfazê-la de modo parcial (FREUD, 1915/2010).

Ao nascer, o bebê, em suas primeiras vivências, sentirá estímulos de duas ordens: externos e internos. Contra os estímulos externos, ele pode subtrair o desconforto causado através de uma ação muscular (agitação motora); todavia, o bebê também recebe estímulos provenientes do interior do organismo, dos quais não consegue livrar-se através de uma ação motora do corpo. Como ressalta Freud (1917/2014), o Eu deve aprender a enviar para fora sua libido do corpo, para não adoecer com sua permanência, pelo seu excesso, pelo seu represamento no corpo.

Segundo Freud (1915/2010), o aparelho psíquico se organiza e funciona pelo princípio de prazer, em outras palavras, é automaticamente regulado “por sensações da série prazer-desprazer, dificilmente podemos rejeitar o pressuposto seguinte, de que tais sensações reproduzem a maneira como se realiza a sujeição dos estímulos” (p. 55). A pulsão seria então o limite entre o somático e o psíquico.

Garcia-Roza (2008) aponta que “a pulsão sexual seria um *desvio* do instinto. Inicialmente ela se apoiaria e se confundiria com ele para, em seguida, desviar-se e tornar-se autônoma” (p. 41). Nesse caminho, a pulsão é um desvio original em si mesma e está presente desde os primórdios da vida do bebê, não tem a ver com aquilo que se denomina como instinto ou com o que seria da ordem do biológico.

Todavia, antes de haver um Eu organizado, a pulsão se satisfaz por fragmentos, em diferentes partes do corpo, por uma satisfação local, e só irá compor e obter prazer de zonas mais específicas (órgãos ou funções) com a organização do circuito pulsional em zonas erógenas, que permite que o corpo da criança passe a ser organizado em uma unidade (FREUD, 1915/2010).

Dejours (2019) afirma que a pulsão subverte o corpo, que seria apenas biológico, e o transforma em um corpo erógeno. Para isso, exemplifica o uso da boca que, para ter sua função subvertida e transformada em zona erógena, necessita que não sirva apenas para matar a fome, mas também para beijar, para morder, para sugar.

O corpo não erogeneizado, não subvertido pela pulsão, faz com que não ocorra ou que ocorra de forma precária a formação de uma unidade de imagem

corporal do bebê, o que o impede de estabelecer relações imaginárias com seus semelhantes e que, portanto, dificulta o estabelecimento de laços e trocas sociais, pois para estar em relação com menos angústia com outro, é necessário ter seu corpo delimitado e separado dos outros (LAZNIK, 2013).

É importante destacar que o corpo biológico da criança não modifica sua estrutura, não deixa de ter suas funções vitais para se tornar um corpo erótico. Contudo, Dejours (2019) ressalta, a pulsão passa a ter sua energia canalizada, contida em um corpo unificado, por meio da relação dela com aquele que dela cuida.

Os movimentos expressivos da criança passam a ter a função de endereçamento ao outro que deve, por sua vez, responder a esses movimentos; há um jogo de trocas entre a criança e o outro. Quando há falhas nesse jogo de trocas, permanecem traços duradores inscritos no corpo da criança, assumidos, futuramente, em formas de incapacidades (DEJOURS, 2019).

Retornando ao texto *Os Instintos e seus Destinos* (1915/2010), Freud assinala que a pulsão tem quatro particularidades: o *impulso*<sup>7</sup>, que se refere à força, a energia da pulsão; uma *meta*, que é obter sempre a satisfação; um *objeto*, pelo qual possa alcançar sua meta, que é a parte mais variável da pulsão, pode ser o próprio corpo ou pode se deslocar por vários outros objetos externos ao sujeito; e, por fim, a *fonte*, o lugar (a parte do corpo ou um órgão) de onde provém a pulsão.

A pulsão teria, além das particularidades, segundo Freud (1915/2010), quatro destinos possíveis: *a reversão ao contrário*<sup>8</sup>, que se divide em dois processos para transformar a atividade em passividade e a inversão de conteúdo, por exemplo, sadismo em masoquismo; a reversão diz respeito à meta, substitui uma meta ativa: olhar, por uma meta passiva: ser olhado; *volta contra a própria pessoa*<sup>9</sup>, como, por exemplo, no masoquismo, que é uma espécie de sadismo contra o próprio sujeito, aqui há a mudança de objeto, mas a meta permanece a mesma; *a repressão*, quando o objeto ou a meta da pulsão não pode ser cumprida de forma direta, pois passa pelo

---

<sup>7</sup> Em itálico pela autora.

<sup>8</sup> Em itálico pela autora.

<sup>9</sup> Em itálico pela autora.

crivo da censura; e a *sublimação*, que é a pulsão sexual deslocada para outra meta para além da sexual.

Além de todas essas características, a pulsão ainda se divide em três tempos para compor o que se denomina de circuito pulsional. Sendo que, no primeiro tempo, a criança faz uso do próprio corpo como objeto, a fim de obter satisfação; no segundo tempo, a criança não usa apenas o próprio corpo, aqui já há uma unidade do eu (o narcisismo passou a operar), mas passa observar também os objetos de fora, os objetos de amor, e obtém uma satisfação análoga em seu corpo; no terceiro momento, a criança tem a noção de seu Eu e da presença do outro, objeto de amor, e passa a investir, lança seu olhar para fora e demanda que o outro também a perceba, a olhe, e como ela faz isso? Mostrando-se para o outro, por meio do olhar, dos gestos, movimentos, balbucios, a criança também anseia ser o objeto de amor do outro (FREUD, 1915/2010).

Nesse sentido, para a criança, olhar, desejar ser olhada e mostrar-se para o outro, oferecer-se como objeto, é necessário em um primeiro momento que ela se veja, que tenha a noção seu próprio corpo, o “olhar precede ser olhado” (FREUD, 1915/2010, p. 68). O que podemos retomar com a questão do autoerotismo e do narcisismo aqui é que o olhar, no primeiro momento, traz a satisfação à criança, que se configura como autoerótico (observação e júbilo com o próprio corpo – o que Lacan retoma no conceito do Estádio do Espelho), o estágio do narcisismo vem a complexificar essa operação e inclui o olhar: olhar o objeto (prazer em ver), ser olhado pelo outro e se mostrar a ele (prazer em se mostrar).

A pulsão de olhar/ver, como Assoun (1999) nos afirma, se divide em duas: uma parte é ativa, outra parte é passiva. A parte ativa da pulsão de olhar é o movimento em direção a algum objeto, enquanto a parte passiva tem como finalidade manter a proximidade narcísica, pois em uma etapa preliminar da pulsão de olhar, o prazer de ver da criança está conectado ao próprio corpo, que se faz como objeto; é, portanto, uma formação narcísica.

Esse movimento preliminar da pulsão de olhar é o que compõe o desenvolvimento da pulsão de olhar ativa, a partir do abandono do narcisismo.

Contudo, a pulsão de olhar<sup>10</sup> mantém o objeto narcísico. Dessa forma, o modo passivo da pulsão do olhar é a reversão narcísica, que mantém a posição narcísica do sujeito (ASSOUN, 1999).

### **§ Angústia e Aniquilação: O Que não faz Parte do Eu**

Após debater, brevemente, algumas vias da constituição do Eu e corpo nos textos de Freud selecionados e articular a pulsão no processo, faz-se necessário debater outras questões importantes para dar um horizonte ao caminho da constituição de corpo e do Eu na clínica do autismo. Para tanto, discutiremos um pouco mais sobre a formação do Eu da criança, mais especificamente sobre o que é agregado ao Eu, assim como ao corpo, e o que é expulso, repellido. Como se dá a relação da criança com o movimento dialético do prazer-desprazer.

Para começar, retomaremos o texto discutido anteriormente, *Os Instintos e seus Destinos* (1915/2010), pois ao final dele Freud debate sobre a relação do sujeito (Eu) com o objeto (mundo externo), assim como o papel da relação de atividade e passividade, de prazer e desprazer na constituição do sujeito.

Quando a criança começa a desenvolver uma unidade de Eu referencial, por meio da relação com o outro, surge uma antítese, cara ao seu desenvolvimento, entre o que lhe pertence e lhe representa (o que é do seu Eu) e o que não lhe pertence e não o representa (o que é o seu não-Eu). Em outras palavras, o que é do sujeito e o que está fora dele.

Essa questão entre o Eu e o não-Eu gira em torno da relação da criança com o objeto. Objeto este que está no lugar do prazer ou do desprazer e que é, intimamente, ligado à escala de sensações causadas à criança. Quanto à questão de atividade-passiva, podemos relacioná-la com a ideia de que o “Eu-sujeito é passivo diante dos estímulos externos, e ativo em virtude dos próprios instintos [pulsões]” (FREUD, 1915/2010, p. 73).

---

<sup>10</sup> A pulsão do olhar será retomada no capítulo 3 da presente dissertação, na seção § 2º Momento: A constituição do sujeito – Autismo e Psicanálise como pulsão escópica.

Há um paradoxo aqui, como Birman (1999) discute no seu livro *Cartografias do Feminino*, pela incompletude do corpo e do Eu, do sujeito, que leva a criança a ser empurrada aos braços do outro. Pois, ela necessita do outro de forma irrevogável, cabal, para obter uma experiência de satisfação, assim como é por meio dessa relação que a criança pode construir uma imagem corporal unificada de si. “Seria através do outro, representado originariamente pelas figuras parentais, que a unidade corpórea seria prefigurada e antecipada, oferecendo, ao mesmo tempo, os instrumentos para a sua materialização” (p. 35).

Conforme Freud (1915/2010), no primeiro momento da vida, o bebê investe a pulsão no seu próprio corpo, no seu próprio Eu (momento esse que corresponde ao tempo do autoerotismo e, posteriormente, do narcisismo). Nesse período, ele vê-se desligado do mundo exterior, na medida em que aqui não há investimento libidinal e nem interesse naquilo que está fora. “Logo, nesse momento o Eu-sujeito coincide com o que é prazeroso, o mundo externo com o que é indiferente (eventualmente com o que, enquanto fonte de estímulos, é desprazeroso)” (FREUD, 1915/2010, p. 74). Em outras palavras, o Eu introjeta aquilo que gera prazer e expelle tudo aquilo que lhe gera desprazer.

Vale retomar nesse momento, antes de prosseguir, a questão do autoerotismo e do narcisismo. Pois a passagem de um para o outro não se trata de uma passagem evolucionista, em que depois do narcisismo o autoerotismo desaparece. Pelo contrário, as duas modalidades eróticas convivem lado a lado, por isso não há uma real transformação permanente do autoerotismo em narcisismo. A sexualidade do sujeito é inicialmente perverso-polimorfa, o que implica que sempre é, “ao nascer”, autoerótica para depois se constituir como narcísica e centrada no eu-corpo (BIRMAN, 1999).

Para tanto, mesmo no tempo no qual a criança está no autoerotismo, quando sua satisfação se dá no próprio corpo, ela não deixa de receber estímulos e objetos do mundo exterior. Com o surgimento do narcisismo, ela passa não só a receber, mas também a acolher os objetos que lhe são oferecidos e aqueles que geram prazer,

introjetando-os àquilo que compõe o seu Eu, a sua imagem, essa corresponde à primeira forma de identificação<sup>11</sup> (FREUD, 1915/2010).

Na mesma via, tudo aquilo que gera desprazer, não somente os estímulos externos, mas aqueles estímulos internos, do próprio corpo também, devem sair, ser expelidos. Nesse sentido, tudo aquilo que não foi incorporado ao Eu (seja algo que venha de dentro ou de fora) permanece à criança como estranho. “Ela segregou uma parte integrante do próprio Eu, que lança ao mundo externo e percebe como inimiga” (FREUD, 1915/2010, p. 75).

Depois que a criança segregou uma parte do próprio Eu e colocou para fora o que lhe gera desprazer, há uma nova operação acerca das polaridades psíquicas, que nesse momento não mais se dividem em três, mas sim em apenas duas: Eu-sujeito se relaciona com o prazer; o mundo externo fica subjugado como desprazeroso. Aqui se estabelece, segundo Freud (1915/2010), a relação de antítese entre amor-ódio. Por isso, no primeiro momento do amor ao objeto, a criança deseja apoderar-se dele, devorá-lo, incorporá-lo ao seu próprio Eu, não importando se o objeto será danificado ou destruído nesse processo, pois o que prevalece é o desejo de se apoderar do objeto, enquanto todo objeto que lhe gera desprazer deve ser aniquilado, pois o que está em jogo aqui é o ódio e a defesa do Eu. Por essa via o ódio está *a priori* do amor, na medida em que se trata de uma tentativa de autopreservação do Eu.

Alguns anos após a publicação de *Os Instintos e seus Destinos* (1915), Freud retomou a questão do Eu-sujeito, em relação ao prazer, e Eu-não sujeito, com o desprazer. Retornou a questão do que não foi incorporado ao Eu e, por consequência, acabou permanecendo para fora do sujeito, como estranho. Esse texto recebeu inúmeros títulos ao ser traduzido para o português, em alguns locais aparece como O Estranho, O Inquietante, todavia, a última tradução realizada pela editora Autêntica foi

---

<sup>11</sup> “(...) o que se chama de ‘identificação’, isto é, o assemelhamento de um Eu a outro, em que o primeiro Eu se comporta como o outro em determinados aspectos, imita-o, de certo modo o assimila. A identificação já foi comparada, não sem razão, à incorporação oral, canibalesca, da outra pessoa.” (FREUD, 1933/2010a, p. 200). Essa é, para Freud, uma das mais importantes formas de ligação da criança com o outro, com o semelhante, seria a forma primordial; mas é importante ressaltar aqui que não se trata aqui da escolha do outro como objeto de amor.

escolhida para a presente dissertação e essa tradução em questão é intitulada como *O Infamiliar* (1919/2019).

No texto *O infamiliar* de 1919, Freud debate sobre uma espécie de sentimento aterrorizante que gera angústia e medo ao sujeito. Isto ocorre quando o sujeito entra em contato com algo que lhe causa uma sensação de estranhamento, mas que ao mesmo tempo traz também uma sensação de algo familiar, algo que ele de certa forma conhece. A sensação de infamiliar (estranho/sinistro) nesses encontros ambíguos do sujeito é, conforme Birman (1999), uma articulação interna que coloca o dito sujeito em frente a duas questões: a inevitabilidade da morte (da finitude) e a divisão do sujeito (consciente – inconsciente).

A sensação de infamiliar, além de ser relacionada com finitude do sujeito, teve seu registro em uma fase muito inicial do sujeito e de sua constituição, na medida em que, para a criança, formar uma imagem corporal de si mesma necessita primeiro da imagem do outro emprestada, que lhe serve como uma maquete. O que Lacan denominou mais tarde de momento do transativismo do Eu (será retomado no capítulo 2). O nascimento do Eu se dá por meio da identificação da criança com o outro, que representa para ela um duplo de si mesma (FREUD, 1919/2019; LACAN, 1946/1998).

Já na fase posterior à infância, o duplo, que fez parte do processo de constituição do eu e que foi abandonado ao fim da operação, retorna como o que restou do Eu, como aquilo que não foi incorporado ao Eu de prazer, entretanto, faz parte do sujeito. Esse duplo, então, torna-se uma imagem de horror, que gera o estranhamento, gera a sensação de infamiliar. Nesse sentido, é importante pontuar que o sentimento de infamiliar remete ao mesmo tempo ao desamparo, pois eles mantêm entre si uma estreita relação (FREUD, 1919/2019).

Segundo Freud (1919/2019), quando o sujeito se mistura ao outro, de modo que a dimensão de barreira corporal entre ambos é apagada, surge o sentimento de infamiliaridade, uma vez que há “a identificação com uma outra pessoa, de modo que esta perde o domínio de seu Eu ou transporta o Eu alheio para o lugar do seu próprio, ou seja, a duplicação do Eu, divisão do Eu, confusão do Eu (...)” (p. 69) e isso tem como consequência o esvanecimento do próprio sujeito. Aqui o duplo surge com a função, justamente, de impedir que o declínio do Eu leve ao seu apagamento.

No primeiro momento da vida do sujeito, a criação de um duplo tinha como finalidade de evitar a sua destruição, perante o mundo externo que o envia uma série de estímulos que geram desconforto e ao próprio corpo que em um primeiro momento lhe é estrangeiro. Esse duplo, no período do narcisismo, é representado pelo amor a si mesmo, que não possuiria nenhuma espécie de defeito. Todavia, segundo Freud (1915/2010), com a superação do tempo do narcisismo para adentrar e estar em sociedade, os presságios do duplo acabam sendo modificados, recebendo novos conteúdos.

O duplo, após o abandono do narcisismo, se manifesta como uma defesa que projeta o Eu para fora de si mesmo, como se fosse um estranho, para evitar seu colapso. Freud (1919/2019) pontua que o

caráter do *infamiliar* pode então mobilizar apenas a partir disso, de tal modo que o duplo é uma formação da mesma família dos processos anímicos superados dos tempos primevos, os quais tiveram, em todo caso, naquela época um sentido amigável. O duplo se tornou uma imagem do horror (p. 73).

Nesse sentido, Freud (1919/2019) pontua, ainda, que o duplo na fase adulta retorna, por meio da regressão, a um tempo no qual o Eu ainda não tinha se constituído como uma unidade e a criança se encontrava, por consequência, misturada ao mundo externo e aos outros, aos objetos. Aqui novamente há a incidência do sentimento de infamiliar, de estranhamento, para o sujeito que vê a barreira corporal que o impede de ser devorado pelo outro (no sentido de se fundir com ele, fazer Um com o outro) a ponto de ser diluída, desfeita. Contudo, é importante pontuar que o fenômeno do duplo retorna na vida adulta quando o Eu não consegue expulsar aquilo que lhe é desagradável, que gera desprazer, mas quando esse mecanismo de expulsão funciona, o sentimento do duplo não aparece, não vem à tona.

Lustoza (2015) destaca que só há um laço do sujeito com o outro se houver uma mínima diferença entre eles. Essa diferença é viabilizada pelo registro do simbólico, que é responsável por estabelecer uma rede de oposições, e é por essa rede que o sujeito pode organizar o mundo através das diferenças. O registro do simbólico, como Jorge Coutinho (2008) ressalta, é um processo que nos diferencia do mundo animal. Pois se trata de uma organização do universo estruturada em palavras: é o mundo da linguagem.

Essa operação de diferenciação do sujeito com o outro inicia-se pelo que Freud (1915/2010) debate sobre as polaridades psíquicas na operação econômica do aparelho psíquico que tem a função de, primeiramente, organizar o mundo da criança na oposição prazer-desprazer, que é responsável por aquilo que pertence ao Eu (prazer) e ao que não pertence ao Eu (desprazer), que fica no registro do Eu-não.

Em um texto posterior a esse, denominado de *A Negação* (1925/2019), Freud debate sobre a função do juízo para o psiquismo não só na fase adulta, mas também como ocorreria sua constituição na infância. Aqui ele divide em duas funções essenciais: a **atribuição de juízo de valor**, que é relativa a atribuir ou desatribuir uma qualidade a um objeto ou coisa; e **aceitar ou contestar a existência de algo**, de uma representação, na realidade.

A qualidade atribuída a um objeto ou coisa é uma forma do sujeito de ordenação do mundo ao seu redor a partir de duas polaridades: **bom versus mau**, que diz respeito ao que entra ou não no Eu. O julgamento acerca da existência real de algo ou de uma representação opera pela dupla oposição entre o **Eu-real** e o **Eu-prazer**, que diz respeito ao que pertence ao Eu e pode ser encontrado no mundo externo, se consiste em um julgamento/verificação da realidade **existe** ou **não existe**, para além do sujeito (do corpo ou do psiquismo).

O ponto em comum entre esses dois tipos de funções essenciais psíquicas é que julgam o mundo exterior a partir de uma referência ao que está dentro do sujeito, em contrapartida ao que se encontra fora dele. Trata-se aqui de que “o não real, o que é meramente representado, o subjetivo, é apenas interno; o outro, o que é real, está presente também no exterior” (FREUD, 1925/2019, p. 144). Todavia, é importante ressaltar que a oposição entre o que é objetivo do que é subjetivo não está dada ao nascer para o bebê, mas sim deve ser desenvolvida.

No primeiro momento da vida da criança, como Freud já havia desenvolvido no texto do *Infamiliar* de 1919, o Eu-prazer quer introjetar para si tudo o que é bom, tudo o que é prazeroso, mas na mesma moeda quer jogar tudo o que é mau para fora de si, tudo o que lhe é desprazeroso. Nesse sentido, “em princípio, o que é mau, o que é alheio ao Eu e o que se encontra fora dele é-lhe idêntico” (*Ibid.*, p. 143).

Sobre isso Lacan (1962-63/2005) debate que a dimensão do estranho torna o sujeito transparente para seu conhecimento, “o sujeito literalmente vacila, e tudo é

questionado na chamada relação primordial do sujeito com qualquer efeito de conhecimento” (p. 71). A angústia surge aqui, então, pela falta de referencial, falta de conhecimento.

A condição para a criança desenvolver o juízo/prova da realidade é que, primeiro, ela tenha perdido os objetos que um dia lhe trouxeram prazer, satisfação real. Pode-se aportar aqui à necessidade de um jogo entre ausência-presença<sup>12</sup>. Por isso, a construção da função juízo está diretamente conectada com o jogo pulsional primário. “O julgar é a continuação objetiva daquilo que originalmente é realizado de acordo com o princípio de prazer: a inclusão no Eu ou na expulsão [*Ausstoßung*]<sup>13</sup> para fora do Eu” (FREUD, 1919/2019, p. 145). O que já foi debatido anteriormente.

Nessa via, a construção do mecanismo de julgamento sobre a realidade só pode se constituir na medida em que falte algo ao sujeito, visto que o sujeito precisa de um símbolo de falta marcado em si. Símbolo esse da ausência, da negação. Freud (1925/2019) destaca que o inconsciente do neurótico no processo do desenvolvimento da criança, após ter constituído o mecanismo do recalque, passa a ser negado. O que surge do inconsciente, então, é recebido pelo sujeito, primeiramente, como algo alheio, algo que não lhe pertence, como um Eu-não. Já na psicose haveria uma interrupção pulsional, o que leva a uma interrupção na barreira corporal que separa o mundo externo do interno, o objetivo do subjetivo, como se a barreira corporal fosse construída de uma forma precária e tênue.

Retomando Lustoza (2015), a sensação do estranho, do infamiliar, é convocada quando há a duplicação do sujeito onde “sou [Eu] ao mesmo tempo a coisa que olha e o Outro que testemunha o olhar [o objeto olhado]” (p. 484). Nesse sentido, pode-se pensar que o sentimento de infamiliar aparece quando o sujeito vê seu juízo

---

<sup>12</sup> O jogo entre a presença e a ausência aqui mencionado faz referência à expressão do *Fort-da* debatida por Freud em 1920 no texto “Além do Princípio do Prazer”, onde ele discute através do exemplo do seu neto de dezoito meses que na ausência da mãe brinca com seu carretel, joga-o e fala “lá” para, logo em seguida, pegá-lo de volta com uma expressão de alegria “ai”. Esse movimento representa, segundo Freud (1920/2010), o desaparecimento e reaparecimento do objeto que vem para dar suporte à ausência materna à criança, que através de uma brincadeira torna-se capaz de representá-la (a mãe) mesmo que ela tenha se ausentado. O que nos primórdios da vida do *infans* este não era capaz de fazer, uma vez que no princípio, o bebê não tem um mecanismo de representação que dê conta dessa falta materna, falta do objeto de amor.

<sup>13</sup> A expressão faz referência ao que foi expulso do eu.

de realidade abalado, onde os seus critérios entre o que é objetivo e que é subjetivo veem-se à beira da destruição. Logo, a barreira que separa o sujeito do mundo externo permanece por um tempo no lugar da incerteza.

Os objetos de prazer, de *Lust* (prazer), são incorporados ao Eu e ao *Ich* (Isso), como objetos preciosos, enquanto os objetos de *Unlust* (desprazer) são colocados para fora do Eu, ocupam o lugar da indiferença, de rechaço. Isto se refere ao ciclo do princípio de prazer-desprazer proposto por Freud. A articulação do *Lust* e do *Unlust* se dá no estádio do espelho, por Lacan (1964/2008), no sentido de que o objeto de prazer que é mirado pelo Eu e, por consequência, torna-se parte do sujeito da sua imagem especular.

O objeto de *Unlust* não é integrado à imagem do Eu, é “o que resta inassimilável, irredutível ao princípio do prazer” (LACAN, 1964/2008, p. 234). É a partir daí que a criança constitui o seu não-eu. Todavia, é importante destacar que antes de ser rechaçado, esse objeto de desprazer fez parte da construção do Eu primitivo, ocupou um pedaço, só que ao longo do desenvolvimento psíquico da criança não foi reabsorvido. Tornou-se a representação do objeto mau.

O que surge então com a presença do sentimento de infamiliar, de estranho, é a angústia. Essa angústia, aqui discutida, seria causada não por falta de objeto, pelo contrário, seria causada por uma duplicação do Eu, que, de certa forma, dilui a barreira que o diferencia do outro. Isso ocorre quando a distância mínima entre o Eu e o outro está ameaçada de destruição (LUSTOZA, 2015).

Aqui, a angústia surge como uma defesa, contra o excesso de excitação que não pode ser escoado do aparelho psíquico. “A angústia ocorre no preciso momento em que a ausência de borda, de limite entre o sujeito e o Outro, se transforma em um problema. A angústia já supõe então um gesto inaugural de recuo diante do gozo<sup>14</sup>” (LUSTOZA, 2015, p. 484). Para se defender nesses momentos em que a borda corporal vacila (neurose) ou se rompe (psicose) e a angústia invade o aparelho psíquico, o sujeito fecha-se em si mesmo, a fim de se defender frente à invasão.

---

<sup>14</sup> Aqui entende-se como gozo o excesso de excitação pulsional que invade o corpo do sujeito e não tem nenhuma via para ser escoado. A questão do gozo será mais bem debatida no próximo capítulo.

Esse fechamento frente à angústia é um estado afetivo gerado na união antagonista entre prazer-desprazer, como Freud bem discorre no texto *Angústia e Instinto* de 1933. O sujeito se vê na necessidade de proteger-se de um dano (estímulo) que vem de fora, frente ao perigo, esse subjetivo (angústia), não objetivo. E, na mesma moeda, está relacionada a uma impossibilidade do sujeito de satisfazer uma excitação libidinal, uma pulsão. Pois, a “libido insatisfeita transforma-se diretamente em angústia” (p. 226).

A angústia seria causada, nesse sentido, pela repetição de uma antiga vivência traumática ou ascensão do duplo; em ambas as ocasiões, o sujeito não teve ferramentas para defender-se. Houve um excesso psíquico de uma tensa excitação pulsional, que acabou por inundar o aparelho psíquico. A dita inundação carrega consigo a antítese entre a sensação prazer-desprazer e, na mesma moeda, não pode ser escoada para fora do corpo por meio de uma descarga. Essa é uma das configurações do conceito de gozo criado por Lacan.

Freud (1933/2010) destaca que o Eu, mesmo depois do tempo do narcisismo, permanece como principal reservatório da pulsão e é por meio dele que a libido parte para os objetos externos para depois retornar novamente. “Portanto, libido do Eu é incessantemente transformada em libido de objeto, e esta em libido do Eu” (p. 251). Esse processo ocorre de maneira constante, pois a energia da pulsão nunca tem fim e dá-se sempre pela via de uma satisfação parcial, e é, justamente, essa repetição sem fim de investimento da pulsão no Eu e nos objetos que gera o prazer.

É importante acrescentar, antes de prosseguir, que para Freud (1933/2010) há uma tendência do sujeito à autodestruição, desde os primórdios da existência da criança. Essa tendência se apresenta na compulsão à repetição, que, por sua vez, surge na tentativa de conservar a natureza da pulsão, de sempre se satisfazer para estabelecer um estado homeostático, onde o aparelho psíquico não necessite se haver com nenhuma espécie de estímulo, sejam ele interno ou externo. Por conta disso, aparece então a necessidade de destruição do mundo externo, a criança destrói o mundo externo para não se autodestruir.

Isso ocorre pois a pulsão procura abolir a vida e retornar ao inorgânico, onde não há mais nenhum desconforto, logo, a morte seria uma precipitação desse estado. Essa operação seria uma expressão da pulsão de morte. “Ora, se o trabalho da pulsão

de morte consiste precisamente em *desfazer os laços*, o fim buscado por ela seria, no limite, o *apagamento da diferenciação* entre o sujeito e o Outro” (LUSTOZA, 2015, p. 484).

Todavia, como Freud (1933/2010) mesmo nos adverte, para entrarmos no mundo das trocas simbólicas com os outros, entrar no meio social, é necessário que haja uma limitação da agressividade, tanto para com o próprio sujeito quanto para com os outros. Esta limitação da agressividade talvez seja um dos maiores sacrifícios que o sujeito deva fazer. O que implica que a pulsão deveria, de certa maneira, ser então domesticada, contudo, isso não ocorre de bom grado, de uma forma fácil. Exige um sacrifício, medida em que “a pulsão é algo que afeta o sujeito, estando então no registro do afeto e da afetação. Enquanto tal, a pulsão obriga o sujeito a entrar em *movimento* pelo sobressalto inquietante que produz, funcionando, pois, pela lógica da paixão” (BIRMAN, 1999, p. 39/40).

Conseqüentemente, o Eu é o ponto de uma superfície do sujeito que necessita de uma série de etapas e processos complexos para se construir. Que tem como fundo a aleatoriedade e a anarquia das pulsões parciais. Por isso, o Eu se constitui sobre um contorno frágil em fase da potência irruptiva da pulsão, que está sempre em movimento e gera uma eterna inquietação, pois precisa sempre de uma satisfação, no corpo ou fora dele.

Todas essas tarefas e processos da constituição do Eu e, de certa forma, do apaziguamento da pulsão (canalizando-a para outras fontes para além do próprio corpo) são extremamente difíceis para as crianças autistas, uma vez que elas não têm um Eu como unidade e, por consequência, não têm um corpo delimitado para se apoiar. Isso gera uma série de implicações, tanto na relação deles consigo mesmos, quanto na relação que eles estabelecem com os outros. Há toda uma complicação colocada aí, pois sem limite de um Eu e de um corpo há uma invasão de estímulos, um não escoamento na pulsão, que leva os autistas à deriva. Essas questões serão abordadas na próxima seção, porém serão retomadas e aprofundadas no último capítulo.

## § O corpo que o Eu Habita

O Eu é antes de qualquer coisa corporal. Pois é encorpado e incorporado no corpo do sujeito. Portanto, é uma via de mão dupla, não existe um Eu sem um corpo e o corpo delimitado exige o apoio do Eu para existir. “Não existiria então *eu* sem corporeidade, sendo ele também sexual, alheio então a qualquer construção ideal e às operações assépticas da razão. Emerge, enfim, uma outra economia da sexualidade nessa nova tópica corporal centrada na unidade” (BIRMAN, 1999, p. 35).

Para concluir esta seção do caminho percorrido por Freud para a construção do Eu e do corpo da criança, é importante enfatizar que a noção freudiana de corpo se dá em um primeiro momento acerca da ideia de organismo *versus* mundo exterior, isto é, para não ser aniquilado, o bebê deve criar uma barreira que impeça que os estímulos do mundo externo o invadam, visto que há uma estimulação constante e intensa de estímulos externos ao qual o sujeito está exposto. Segundo Pimenta (2012), criar uma barreira é uma tarefa essencial à criança para que ela possa ter uma proteção contra os estímulos. Tarefa essa tão importante quanto recebê-los e assimilá-los.

Essa criação da barreira de proteção contra os estímulos do mundo externo se configura como a primeira delimitação do corpo da criança, sendo assim, é esse o primeiro momento no qual há uma diferenciação do que há dentro e do que há fora. Além disso, Pimenta (2012) pontua que as agitações mecânicas e ritmadas do bebê são de extrema importância na delimitação do corpo, pois esses movimentos produzem uma

(...) excitação sexual, mediante estimulação do aparato sensorial dos nervos vestibulares, da pele e das áreas mais profundas (músculo e aparelho articular). Tais influências, numa intensidade mínima, configuram-se em fontes de excitação sexual, mas, em medida excessiva, provocam uma profunda desordem no mecanismo ou na química sexual (p. 69).

Dito isto, a partir dessa noção freudiana de corpo, ainda como Pimenta (2012) enfatiza, pode-se apontar duas hipóteses sobre as consequências da falha na delimitação do corpo para a criança autista: a primeira diz respeito ao **déficit sensorial** que prejudicaria a recepção dos estímulos externos, esse *déficit* teria como consequência os comportamentos autísticos (dificuldades em: olhar, escutar, na

percepção da dor, tátil, entre outras); nessa visão, uma quantidade excessiva de estímulos atravessaria a ínfima barreira corporal constituída pela criança, invadindo o seu aparelho mental e o seu sistema nervoso, que não teriam como absorver toda a informação recebida, o que provocaria um fluxo muito grande de energia livre no corpo; a segunda diz respeito também ao **déficit sensorial de crianças/sujeitos autistas**, todavia, esse *déficit* seria provocado por uma maior sensibilidade do córtex receptivo aos estímulos; nessa perspectiva, uma quantidade normal de estímulos seria recebida no organismo, mas o processamento da informação provinda do mundo externo no aparelho mental é sentido de forma intensa, como um excesso no corpo.

Ambas as possibilidades tratam a respeito da ausência ou falha na barreira contra os estímulos. O que supõe que no autismo não há uma consciência corporal. O corpo não foi integrado, delimitado. A criança autista teria, como as outras que não o são, uma movimentação mecânica e ritmada do corpo, todavia, sem que as partes estimuladas em algum momento fossem integradas por um Eu como unidade, pois essa integração só pode decorrer do que se configura a partir da imagem de um corpo unificado.

O que Fink (2015) aborda a respeito do tema é que os autistas se sentem bombardeados, invadidos, por uma grande carga sensorial e não conseguem fazer uma filtragem, daqueles que seriam considerados estímulos irrelevantes, aqueles que a maioria das pessoas geralmente consegue não prestar atenção. Justamente por não terem acesso a uma barreira de um corpo unificado, percepções, sensações e estímulos permanecem fragmentados e geram um grande incômodo.

Laurent (2014) enfatiza que as orelhas dos autistas nunca se fecham, por isso há a necessidade de tapar seus ouvidos; como o autista não entra na cadeia metonímica<sup>15</sup>, fica engendrado na pura repetição do Um, sem a possibilidade de haver um jogo simbólico. Essa pura repetição do Um implica que, para o autista, as coisas devem obedecer sempre a uma ordem absoluta e repetitiva; nada pode interromper

---

<sup>15</sup> Ferreira (2002) discorre sobre o fato de que a operação da metáfora e da metonímia na teoria lacaniana tem origem a partir das operações de substituição (relativas à metáfora) e de combinação (relativas à metonímia), que corresponderiam na teoria freudiana à condensação (metáfora) e ao deslocamento (metonímia). Toda operação metonímica é efeito de uma operação metafórica e vice-versa. Todavia, há algo que sempre fica como um resto que não pode ser assimilado por nenhuma das duas operações. Essa questão será retomada ao longo da dissertação.

essa cadeia, essa ordem, pois ela não se organiza pela oposição de pares significantes, mas, sim, como justaposição do real. “Quando alguma coisa do mundo já não está em seu lugar, a ordem do mundo fica imediatamente abalada. O mundo acaba se confundindo com a ordem do mundo” (p. 51).

Segundo Laurent (2014), essa confusão é causada pela falta de uma imagem especular, que separe o mundo externo do interno, marcado pela não-divisão do sujeito. A imagem especular do sujeito se funde com o que Lacan (1949) denominou como estádio do espelho, onde a imagem do corpo do bebê despedaçado passa a ser totalizante, por meio de sua imagem refletida no espelho, somada à voz e ao olhar do Outro, que fazem uma amarração. O próximo capítulo fala, então, da perspectiva de Lacan sobre a formação do Eu e do corpo da criança para que ela se constitua como um sujeito e adentre na ordem social.

## Capítulo 2 – A constituição do Eu em Lacan: Articulações sobre o Estádio do Espelho

### Seção 2: O Caminho de Lacan

*O Estádio do Espelho lacaniano vem demonstrar como se efetiva essa operação inaugural do Eu, culminando na determinante relação simbólica com o Outro (...)  
(PIMENTA, 2012, p. 82)*

Lacan ao longo de sua obra esteve às voltas com a construção do Eu, da imagem especular e da constituição do sujeito, isto se deu por intermédio do conceito do Estádio do Espelho. Segundo Júnior (2010) e Pimenta (2012), há três períodos da formalização de tal conceito, o primeiro é pela abordagem imaginária (de 1938 a 1953), o segundo momento leva em consideração os efeitos daquilo que dá a ordem do simbólico sobre o imaginário e faz uso do sistema óptico (1953 a 1964) e o terceiro e último momento inicia em 1964, quando ele trata o registro do real como o organizador tanto do simbólico, quanto do imaginário. No entanto, para uma finalidade didática, mediante a complexidade do tema, há uma seção (§), na presente pesquisa, que se refere a um momento de transição entre o campo imaginário e o campo simbólico.

Na presente dissertação serão abordados com mais afinco a primeira e a segunda fase do conceito lacaniano, por uma questão de tempo e complexidade. O momento da fase do registro do real deverá ser abordado pois pode-se observar na clínica com crianças autistas o impacto que esse registro (sem o intermédio do imaginário e do simbólico) implica na vida, no desenvolvimento e no sofrimento dessas crianças.

#### § 1º Momento: Da Fragmentação à Especularização (campo do imaginário)

No primeiro período de elaborações, Lacan (1938/2008) investiga como uma pessoa constitui o seu Eu, questão esta que já havia levantado em sua tese *Da Psicose Paranoica em suas Relações com a Personalidade*. Aqui ele faz referência

direta aos primórdios do narcisismo, em que a criança pequena se identifica com seus pais; neste momento, ele debate a formação de complexos (desmame, intrusão e Édipo).

Lacan (1938/2008) debate que seria através dos complexos que o psiquismo se instaura na criança por meio de imagens que servirão como base de comportamentos, e como isso ocorre? Por meio da identificação com estas imagens “modelos”, como se a criança e, depois, o adulto fossem atores em seus dramas. Os complexos “demonstram desempenhar um papel de ‘organizadores’ no desenvolvimento psíquico (...)” (p. 18); aqui a família está como o primeiro ponto de discussão, que depois é continuado pela psicopatologia.

Aqui vamos tratar apenas da questão da família, trazida no texto de 1938 de Lacan. A família humana seria constituída por laços sociais e suas mais diversas variações, porém estaria estruturalmente ligada por laços biológicos. A comunicação verbal seria aquilo que nos separa dos animais e que dá o suporte a um desenvolvimento significativo das relações sociais. Nesse sentido, a comunicação “introduz uma nova dimensão na realidade social e na vida psíquica. Esta dimensão especifica a família humana tal como, de resto, todos os fenômenos sociais no homem” (LACAN, 1938/2008, p. 8).

Além disso, é por meio do grupo familiar que o sujeito desenvolve traços essenciais. A família humana é destacada aqui como uma instituição e que se ocupa da transmissão cultural, assim como “na prevalência da educação, na repressão dos instintos e na aquisição da língua, preside também a organização das emoções, base dos sentimentos, estabelecendo, assim, uma continuidade psíquica entre as gerações” (PIMENTA, 2012, p. 86). Desta maneira, a família funciona muito mais de acordo com a ordem cultural do que com a ordem natural, maneira como os animais se organizam.

O complexo, então, é aquilo, segundo Lacan (1938/2008), que possibilita e organiza repetições de comportamentos e emoções. “O complexo, com efeito, liga sob uma forma fixada um conjunto de reações que pode interessar todas as funções orgânicas desde a emoção até à conduta adaptada ao objeto” (p. 15/16). O objeto aqui se trata da comunicação. O complexo é, portanto, responsável por reproduzir uma realidade, em um momento x/y do desenvolvimento psíquico.

Cabe aqui salientar que o complexo que Lacan desenvolveu em 1938 é diferente daquilo que Freud desenvolveu ao longo de sua obra. Para Freud, segundo Pimenta (2012), o elemento fundamental do complexo seria uma representação contida no inconsciente que ele denominou como *imago*. “A *imago*, de modo mais específico, diz respeito a uma função informativa e formadora. Isso é demonstrado especialmente pela maneira peculiar pela qual a *imago* constitui o psiquismo por meio da identificação” (KASZUBOWSKI; AGUIAR, 2015, p. 91). A identificação seria a base para o sujeito desenvolver-se; o Eu, então, estaria precipitado através das identificações, uma vez que se trataria de um sistema central da consciência.

Para Lacan (1938/2008) complexo tem uma definição mais geral, pois inclui também os fenômenos da consciência que têm uma estrutura semelhante, como o sentimento. Em relação aos complexos, Lacan privilegia e aborda três essenciais para o desenvolvimento psíquico da criança: o complexo de desmame, o complexo de intrusão e, por último, o complexo de Édipo.

O complexo de desmame seria o mais arcaico do psiquismo e responsável por unir a criança à família, por fixar na psique a relação com a alimentação e representar a *imago* materna. Ele se difere do instinto na medida em que é cercado de fatores culturais, pois é a regulação cultural de cada local que condiciona o desmame da criança. Nas famílias de animais mamíferos, o instinto materno termina com o desmame. Já nas famílias humanas, o laço materno continua mesmo com o desmame, mantendo-se como laço familiar (LACAN, 1938/2008).

Traumático ou não, o desmame representa para a criança a separação. A criança, pequena antes de 12 meses, não tem ainda um suporte do seu Eu e de um corpo para dar conta da situação do desmame de forma psíquica elaborada. Assim, a criança precocemente apreende a presença materna e sua função de assistência e cuidado. Esta relação orgânica, da amamentação, explica a ligação da criança com a mãe, assim como traz marcas profundas no psiquismo; por vezes essa ligação é muito forte e a criança apresenta dificuldades de sublimar a ausência da mãe (LACAN, 1938/2008).

Isto pode-se tornar na vida adulta um fator mortífero, vivenciado pelo sujeito como um objeto de apetite, como, por exemplo, toxicomania, anorexia... A *imago* do

seio materno faz parte de toda a vida do indivíduo e, mesmo que tenha sido sublimada, continua presente nas relações familiares (LACAN, 1938/2008).

Em seguida há o Complexo de Intrusão que acontece após a criança identificar que há a participação de outros em sua relação com os pais, há a presença dos irmãos. Um seria o possuidor e o outro o usurpador na relação. O que se destaca aqui é o ciúme infantil que, apesar de aparentar uma rivalidade, trata-se de uma identificação ao lugar do irmão, identificação mental.

Nesse sentido, a criança confunde uma parte de si mesma com o a do outro, parte esta que se identifica. O que viabiliza à criança se identificar com outra é o Estádio do Espelho (LACAN, 1938/2008). Cabe ressaltar que Complexos Familiares é o primeiro texto no qual Lacan apresenta o conceito do Estádio do Espelho, e ele o faz baseado na teoria e na pesquisa de Henry Wallon, publicada no livro *As Origens do Caráter na Criança* de 1934.

Antes de seguir com as observações sobre o texto de Lacan, é interessante contextualizar, de forma resumida, o estudo desenvolvido por Wallon sobre a criança no espelho, já que se trata de um conceito tão fundamental para a presente dissertação.

Jalley (2009) infere que a pesquisa de Wallon foi desenvolvida e escrita de 1931 a 1934, quando foi publicada na íntegra. O estudo foi construído a partir de observações de crianças e tinha como alvo analisar o desenvolvimento humano em relação a uma hierarquia genética. O tema imagem especular aparece ali para tratar da percepção da criança (entre 3 meses até 6 anos) de si mesma e do outro.

Em suas observações, Wallon (1934/1975) percebe que bebês de 3 a 6 meses se surpreendem todas as vezes que veem suas mãos ou seus pés e que apenas progressivamente é que o bebê vai se interessar pelos movimentos dessas partes de seu corpo. Todavia, mesmo que o bebê mostre este interesse pelos movimentos das mãos e dos pés, a princípio, é incapaz de prevêê-los.

O bebê, então, se espanta com sua própria movimentação corporal, pois falta a ele a capacidade de apreender seu corpo como um todo, um conjunto. Mais adiante, entre os 6 e os 12 meses, o bebê começa a ter uma percepção do mundo e de seu corpo. Assim, sua movimentação corporal passa a ser mais organizada e ele começa

a esperar os efeitos dessa movimentação. Aqui o bebê passa a explorar seu próprio corpo e o mundo exterior.

O bebê segura os pés com suas mãos, mexe as pernas e os braços e observa o movimento, bate na boca e faz sons, bate na mesa, joga objetos que estão na mão. A surpresa que o bebê tem ao produzir esses movimentos vai com o tempo diminuindo, na medida em que ele consegue organizar, minimamente, suas reações e movimentos ao mundo exterior (WALLON, 1934/1975).

Com mais de 12 meses a criança começa a conseguir identificar partes do corpo, mas ela o faz melhor quando está se referindo a outra criança, por exemplo, apontar onde está a cabeça, os olhos, a boca em outra criança e não nela mesma. Porém, apesar disso, Wallon (1934/1975) infere que a criança de 1 ano e alguns meses ainda não é um indivíduo, não tem um corpo organizado e separado do outro, pelo contrário, ela ainda não tem nem uma delimitação de si mesma e nem de sua separação do corpo do outro.

Para tanto Wallon (1934/1975) dá exemplos dessa não organização corporal e separação com o mundo externo: uma criança de 1 ano e 3 meses morde os próprios dedos da mão e grita de dor; pedem para uma outra criança de 1 ano e 7 meses dar-lhe os sapatos, mas ela havia os jogado longe, pedem então que a criança lhes dê os pés, a criança se senta no chão e tenta, com força, tirar os pés do corpo para entregar. Este último, Wallon afirma demonstrar claramente, na literalidade, que a criança pequena não tem ainda uma organização e junção corporal de si, o que faz com que ela trate de forma muito semelhante o próprio corpo e os objetos externos do mundo.

A evidência que materializaria esta teoria, de a criança pequena não ser ainda um indivíduo, utilizada por Wallon (1934/1975), foi o não reconhecimento de bebês e crianças pequenas frente à sua imagem especular. Bebês de até 3 meses nem se interessam pela sua imagem no espelho, no 4º mês passam a olhar para a sua imagem, mas apenas no 8º mês manifestam uma reação de surpresa quando miram a imagem especular.

Com um pouco mais de 12 meses a criança fica em frente ao espelho e faz movimentos de que ela já tem certo domínio. Aos 20 meses a criança interage com a própria imagem, aqui Wallon (1934/1975) traz o exemplo de uma criança que depois de dar boa-noite à mãe, vai até o espelho e dá um beijo em sua imagem. No 31º mês,

muitas crianças tomam a imagem do espelho como um rival, como um duplo, uma duplicata. Somente com 36 meses (3 anos) é que a criança se comporta e se reconhece como um sujeito distinto do outro, dos objetos do mundo; neste momento reconhece a imagem especular como dela mesma.

Jalley (2009) pontua que Wallon, ao debater essas questões relativas ao reconhecimento da criança de si mesma, aborda de duas formas: subjetiva e objetiva. Ambas dizem respeito a componentes sensoriais da criança, sendo que a percepção da imagem especular, integrada, ocorre por meio da anexação do corpo objetivo (visível no espelho) ao corpo cinestésico (parte subjetiva da criança). É através da imagem unificada do corpo que a criança consegue captar e distinguir a si mesma, o seu corpo, de outras crianças e pessoas. A ideia será retomada um pouco mais à frente.

Agora, em retorno ao texto *Os Complexos Familiares* de 1938, após essa breve descrição da imagem especular em Wallon de 1934, onde o conceito do Estádio do Espelho aparece pela primeira vez na obra lacaniana. Cabe ressaltar aqui que nesta primeira ocasião o conceito se apresenta com um viés biológico e genético. Haveria um momento genético em que o Estádio do Espelho se manifestaria associado ao “(...) declínio do desmame, ou seja, ao fim desses seis meses cuja dominante psíquica de mal-estar, correspondente ao atraso do crescimento físico, traduz essa prematuração do nascimento que é, como dissemos, o fundamento específico do desmame no homem” (LACAN, 1938/2008, p. 33).

O bebê encontra-se, dessa forma, com seu corpo despedaçado e o psiquismo trabalha para uma recolagem, esse processo ocorre através da integração da imagem corporal, comprovada pela reação da criança diante do espelho. Contudo, esse processo de integração corporal acontece aos poucos mediante a percepção.

A imagem especular, quando possibilita a integração do corpo em uma unidade, saúda a criança com a capacidade de uma unidade mental. Nesta fase o mundo da criança é narcísico, pois aqui o investimento da criança está na formação do próprio corpo. Este mundo não inclui a presença do outro, na medida em que ele se apresenta como duplo, como uma ilusão produzida pela imagem especular.

Nesta etapa do desenvolvimento psíquico a criança ainda não distingue sua própria imagem no espelho, pelo contrário, a imagem apresenta-se como uma

intrusão, como algo estrangeiro. “Chamemo-la [a imagem especular] de intrusão narcísica: a unidade que ela introduz nas tendências contribuirá, entretanto, para a formação do eu” (LACAN, 1938/2008, p. 36) Todavia, antes que a criança possa ter um eu desenvolvido, que afirme sua identidade, necessita primeiro se confundir com sua imagem refletida. Imagem, esta, à qual a criança se alienará de forma primordial.

Lacan (1938/2008) afirma que o Eu da criança não só se constitui pela intrusão da imagem especular, mas também, simultaneamente, pelo ciúme. O papel do irmão é novamente retomado no texto, haja vista que o papel traumatizante que a aparição dele traz à criança é constituído pela intrusão: um terceiro que surge não apenas na relação direta com a mãe, como também na imagem do espelho. Este processo de formação da imagem corporal da criança acontece por volta do 3º ano de vida.

O Estádio do Espelho começaria, assim, com o enfraquecimento do complexo de desmame e teria como impacto no desenvolvimento da criança duas significações: como símbolo da realidade do sujeito pelo seu valor afetivo e ao mesmo tempo ilusório, e também como estrutura, pelo modo que ela reflete a forma humana (PIMENTA, 2012).

Por último, encontramos no texto Os Complexos Familiares, o Complexo de Édipo que seria, de certa maneira, uma puberdade psicológica que fixa a criança em um objeto sexual, aquele que está por perto, o progenitor do sexo oposto. Porém, a frustração se instala pouco tempo depois que o interesse pelo progenitor vem a aparecer. Esta frustração surge quando a criança percebe o outro genitor, do mesmo sexo, como obstáculo à relação.

A criança, intuitivamente, percebe, assim, que os seus desejos são proibidos, pois “o progenitor do mesmo sexo aparece para a criança ao mesmo tempo como o agente da interdição sexual e como o exemplo de sua transgressão” (LACAN, 1938/2008, p. 40). Surge, então, o processo de repressão, que é o recalçamento da tendência sexual da criança, e isso ocorre através do supereu, já que o que sublima o desejo sexual é o ideal do Eu. Levando isso em conta, o que representa o final da crise edipiana são, justamente, estas duas instâncias fundamentais: o supereu e o ideal do eu.

Aqui podemos observar que o Eu, perante a crise do Complexo de Édipo, conserva-se na imagem do duplo instaurando o Ser da criança. Ser este que ele denomina como ideal do eu. O Eu e o Ser aqui aparecem, nesse momento da obra lacaniana, como as duas instâncias que representam os traços psíquicos daquilo que se denomina como personalidade (JÚNIOR, 2010).

Por último, temos a patologia dos complexos familiares, que demonstram a influência no Eu, tanto nos casos de psicose quanto nos casos de neurose, sendo que, nas neuroses o outro, o semelhante, exerce uma grande importância, pois é aquele com o qual o sujeito se identifica. Todavia, esta identificação tem sempre um caráter ambivalente (LACAN, 1938/2008).

Já nas psicoses, o sujeito tem uma identificação crescente com o objeto familiar, porém de maneira delirante (LACAN, 1938/2008). Como aponta Pimenta (2012), é interessante notar a ênfase que Lacan deu, já neste texto dos complexos, ao ideal do eu, que só terá maior destaque a partir do período simbólico do seu ensino. Aqui, em 1938, o supereu e ideal do eu estão como as condições fundamentais para estruturar um sujeito.

É importante pontuar que, neste primeiro momento na obra de Lacan, o conceito do Estádio do Espelho de 1938 trata-se de uma teoria estruturante e genética de constituição de realidade da criança e não de um tempo lógico, metafórico.

Em *A Agressividade em Psicanálise* de 1948, Lacan aborda a questão da agressividade como essencial para a formação do Eu, de uma unidade. Além disso, ressalta que a agressividade é, assim como Wallon sublinhou, necessária para a constituição das emoções. O conceito do estágio do espelho surge, neste texto, para dar um alicerce à formação corporal e do Eu.

O conceito de estágio do espelho, aqui, então, aparece para dar suporte àquilo que foi denominado de dinamismo afetivo, o qual possibilita ao sujeito se identificar com a *Gestalt* visual do próprio corpo. Isto promove à criança uma coordenação de sua motricidade, uma unidade de si mesma ideal e a captação da *imago* humana. Tudo aquilo que a criança não vivenciou nos seis primeiros meses de vida, onde havia apenas um desamparo original, causado pela discordância entre o orgânico e o relacional (LACAN, 1948/1998).

A captação da *imago* humana possibilita que a criança ordene o seu Eu em torno de uma imagem especular totalizante de seu corpo, esta imagem é confirmada pela chancela materna. Birman (2006) afirma que é através desse movimento que o corpo, que era até então fragmentado, passa a ser organizado e, além disso, esta é a primeira totalização do psiquismo. Todavia, resíduos do estado de fragmentação originária permanecem, causando terror e horror ao infante, assim como ao adulto.

Seria então, justamente, por meio dessa captação da *imago* humana que a criança não só começa a se formar enquanto Eu, mas também que ela utiliza para se relacionar com o semelhante. Isto se dá entre os seis meses e os dois anos e meio de vida. Durante esta fase a criança expressa uma diversidade de reações emocionais, de um transitivismo normal<sup>16</sup>. Por exemplo, a criança chora ao ver o colega cair, chora quando bate em outra. Por esta forma de identificação, ela vive uma série de reações (impotência e ostentação), ambivalências que serão vivenciadas também na vida adulta, como, por exemplo, a vítima que se identifica com o agressor, um espectador com o ator...

Tudo isso para elucidar o fato de que o ser humano “se fixa numa imagem que o aliena em si mesmo” (LACAN, 1948/1998, p. 116). O sujeito, diante disso, deseja, cobiça, o objeto que é do outro, o que precipita a instauração de uma concorrência agressiva entre o Eu – o outro – o objeto. Além disso, podemos concluir dessa lógica que o Eu é o outro, alienado da sua imagem.

Todavia, ou por ironia, apesar do Eu ser a imagem do outro, figura-se ao mesmo tempo o imperativo de que ele é também narcísico. No sentido de que, por conta do narcisismo, o homem tenta se colocar, sempre, ou quase sempre, como um indivíduo. Esta noção de indivíduo, assim, seria a causa do isolamento anímico do ser. Entretanto, ao mesmo tempo em que se projeta no outro e por ele é também projetado, a visão do sujeito seria, por esse motivo, caleidoscópica (LACAN, 1948/1998).

---

<sup>16</sup> Momento no qual a criança encontra-se capturada pela imagem do outro que serve a ela como uma maquete do Eu (*Urbild*), que está em formação (PIMENTA, 2012); no sentido de que a criança se indistingue do seu semelhante, que está para ela como um espelho. Aqui, a criança fala de si mesma na terceira pessoa (JÚNIOR, 2010). Transitivismo é, então, “essa reação, com efeito, embora jamais se elimine por completo do mundo do homem em suas formas mais idealizadas (nas relações de rivalidade, por exemplo)” (LACAN, 1946/1998, p. 181).

As imagens especulares que compõem o Eu dão ao sujeito uma noção sobre a realidade. As imagens do Eu, então, fazem a mediação entre o sujeito e o mundo, dão suporte não só com relação às coisas materiais acessíveis, mas também com medos, que de certa forma nos são abstratos, como, por exemplo, o medo da morte. Há um medo narcísico, comum aos homens, de lesões em seu corpo. Neste momento da obra, portanto, o Eu está como agente do *instinto de conservação* (LACAN, 1948/1998).

Qualquer possível ameaça à totalidade da imagem especular é capaz de causar extrema angústia ao Eu. Nesse espaço de terror, horror, desamparo, surge, então, a agressividade que é produzida pelo psiquismo como uma defesa, em contrapartida da ameaça apresentada, como uma forma de defesa primordial, arcaica, em oposição ao possível retorno da fragmentação inicial do infante (BIRMAN, 2006).

A agressividade faria, por consequência, a manutenção da vida ao manter a qualquer custo a unidade corporal do Eu, contra qualquer ameaça de fragmentação da unidade psíquica corporal (BIRMAN, 2006). Lacan, neste texto de 1948, trabalha com a dualidade da organização entre corpo fragmentado e corpo totalizado (especular). A dualidade aqui é costurada entre o registro da pulsão (fragmentado) com o da imagem (totalizado). É importante destacar que, ainda, aqui a leitura lacaniana trata-se de um olhar biológico do comportamento humano, o que mais adiante em sua obra toma um outro rumo.

Lacan, no texto *O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu*, publicado em 1949, retoma a questão do bebê do ser humano não nascer com a noção sobre si mesmo *a priori*, o que aponta para o horizonte que essa noção de Eu deve ser desenvolvida e mediada por um outro. Assim como Freud elaborou no texto *Introdução ao Narcisismo* (1914/2010). Além disso, enfatiza que não só o bebê não possui um Eu ao nascer como também não tem total controle sobre seu próprio corpo e, muito menos, sobre o seu tônus muscular.

É a partir do estágio do espelho, que se dá entre os seis e os dezoito meses, que a criança pode experimentar um júbilo ao captar sua imagem como inteira. Este momento só pode ocorrer através da mediação de um Outro que não só vai confirmar à criança aquilo que ela vê como real, no sentido de condizer com a realidade, como vai outorgá-la. Segundo Garcia-Roza (2008), o estágio do espelho é a primeira

organização complexa das representações do Eu parciais e originais. Antes desse momento, as sensações corporais da criança não são unificadas e nem unificadoras. Há um estado de fragmentação, sente-se em partes e por partes – este período é denominado como autoerotismo, em que a satisfação se dá do corpo com o próprio corpo do *infans*.

O estágio do espelho seria, portanto, o momento no qual a criança, ainda muito pequena, demanda do adulto que ele, por meio do olhar, confirme o aquilo que ela vê no espelho, sua própria imagem, como sendo a de um corpo integrado, plenamente articulado, antes desse fato condizer com a realidade. Isto ocorre pois o controle e a articulação corporal demoram para ser dominados pela criança, tendo em vista que o bebê humano nasce muito prematuro, diferentemente dos outros mamíferos (LAZNIK, 2013).

Esta imagem especular do bebê no espelho tem uma eficácia simbólica do Eu e, ao mesmo tempo, separa aquilo que é relativo ao mundo visível daquilo que é uma alucinação, que é um sonho através da *imago* do próprio corpo. A função da *imago* do corpo é, justamente, a de unir o organismo com a realidade, unir o mundo interno com o externo, mas sem que se haja uma confusão entre ambos (LACAN, 1949/1998).

No momento do estágio do espelho a criança passa a diferenciar o que é seu e o que é do mundo, passa a se satisfazer não só com o próprio corpo, mas também com seu exterior. Esta operação permite que a criança passe do autoerotismo para o narcisismo. Mais tarde, principalmente no seminário 10, Lacan vai trabalhar com relação ao *objeto a* e com a extração, perda, de uma parte simbólica do corpo que permite uma abertura para o desejo.

O processo do estágio do espelho é fundado pela identificação do *infans* com a imagem refletida no espelho, onde a criança experimenta um júbilo ao ver o seu corpo, ainda impotente, como integrado, o equivalente a uma miragem (sonho, ilusão de potência). Este fato possibilita a ela dois aspectos simbólicos importantes para o seu desenvolvimento: a permanência do Eu; a destinação alienante ao desejo materno. Portanto, o sujeito se forma através do estágio do espelho que corresponde a:

um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial,

as fantasias que sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que mascara com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (LACAN, 1949/1998, p.100).

O sujeito encontra-se, então, capturado por sua imagem. Imagem essa representante do seu corpo e é a partir dela que ele se relaciona com o mundo externo, no sentido de que “o corpo ganha seu peso pela via do olhar” (LACAN, 1975/1998, p. 7). Essa imagem só se constitui à medida que ele, quando bebê, tenha sido não só desejado, mas também destinatário do desejo do Outro.

É importante sublinhar aqui que ao nascer a criança ainda não é um sujeito, mas torna-se ao longo do seu desenvolvimento pela via do olhar com a via da palavra, que articula um encontro entre corpo do *infans* com a linguagem. Antes deste momento, a criança está conectada apenas à realidade sexual do próprio corpo (autoerotismo). Para se constituir como sujeito é necessário que venha a palavra, o significante, para marcar o corpo da criança. Todavia, essa primeira marca é sempre equívoca.

Lacan (1949/1998) enfatiza que o Eu se desenvolve em um período de prematuridade corporal, através de uma noção irrealista de si mesmo. Esta noção irrealista, ao contrário do que se pode imaginar, permanece ao longo da vida do sujeito, o que abre caminho para uma constante insatisfação, seja ela qual for, pois a identidade do sujeito é alienante e alienada, na medida em que foi baseada em uma imagem ortopédica, virtual, de si mesmo e não uma imagem real.

A alienação a essa imagem ortopédica é um processo extremamente importante para o desenvolvimento da criança. Cabe salientar que o processo de alienação presente na teoria lacaniana difere-se do senso comum, pois é através deste que a criança pode ir aos poucos organizando e internalizando as imagens especulares, que mais tarde serão partes de uma imagem global de si mesma, o que se pode denominar como *self* ou Eu. Fink (1998) enfatiza, ainda, que é por meio da autoimagem internalizada que o sujeito tenta compreender o mundo que o cerca.

No processo de internalização das imagens especulares há uma separação entre o que é interno e aquilo que é externo (*Innenwelt* e *Umwelt*). Esta separação se

dá pela diferenciação que a criança faz do que está dentro e pertence a ela enquanto sujeito, em contrapartida, daquilo que está fora e não lhe pertence, que lhe causa indiferença ou repulsa. Retomamos aqui a ideia do objeto bom e objeto mau, discutida no primeiro capítulo, o objeto tido como bom é incorporado ao Eu e o objeto que é mau é expulso do Eu, o que corresponde ao conceito de narcisismo primário de Freud (GARCIA-ROZA, 2008).

O narcisismo primário seria, assim, o momento de desenvolvimento da *imago* corporal e de formação do Eu. O investimento libidinal é direcionado a si, e o Eu permanece ali alienado, a sua própria representação. Nesse período, o *infans* se satisfaz consigo mesmo, essencialmente. Somente mais tarde ele passará a obter a satisfação de suas necessidades através de outros, que são representados pela mãe ou pelo(a) cuidador(a).

Entretanto, em certa medida há algo desse prazer inicial com o próprio corpo, narcísico, que permanece no sujeito, que deixa rastros. Rastros, esses, que Freud enfatizou no texto *O Infamiliar ou Estranho* (1919/2019) e que retornam como algo ameaçador ao sujeito. Este, por sua vez, fica à deriva, desamparado, com o seu duplo especular.

Neste primeiro momento da obra lacaniana pode-se observar que, além de uma influência biologizante sobre o desenvolvimento da criança, a ênfase encontra-se nas imagens internalizadas pelo *infans*, no campo imaginário. O Eu e o corpo aqui estão, ainda, apenas no lugar das fixações imaginárias, na ligação da imagem especular com o narcisismo.

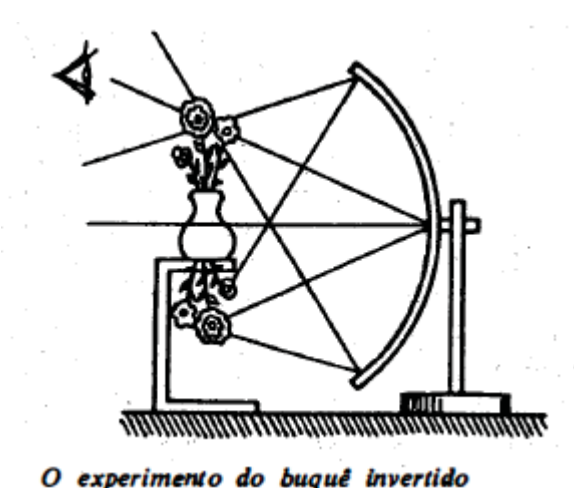
## **§ 2º Momento: A criança no espelho – Esquema Óptico (esquema do Buquê)**

No início de 1954 Lacan utiliza-se do experimento óptico do físico Henri Bouasse em seu seminário para reapresentar o conceito do estádio do espelho. Neste momento, é acrescentada uma nova dimensão ao estádio do espelho, no primeiro tempo o conceito estava vinculado apenas ao campo do imaginário, mas aqui passa a receber os primeiros contornos do campo simbólico. A escolha do modelo óptico (p) não foi aleatória, na medida em que Lacan toma-o como uma metáfora para evidenciar

como se dá a antecipação do domínio imaginário diante da insuficiência do domínio real do corpo. Além disso, por meio do modelo pode-se destacar o lugar que a função simbólica ocupa no desenvolvimento da gênese do Eu (IMANISHI, 2014; SILVA, 2017).

Apesar de o modelo óptico ser proveniente de um experimento da física, Lacan (1953-54/1986) estava mais interessado na compreensão em termos visuais do que acontece no experimento, mas não na explicação óptica que se presentifica ali. Isto ocorre pelo fato de que o ponto crucial do modelo é tratar da gênese do Eu, a hipótese estrutural fundamental, no campo imaginário e no campo simbólico.

Figura 1: Modelo Óptico do Buquê Invertido



Fonte: Lacan (1953-54) 1986, p. 94.

Tal esquema, acima demonstrado, consiste em uma experiência em que o observador (representado pelo olho na esquerda) posiciona-se de um ponto x (ponto específico), por conta das propriedades ópticas do espelho côncavo (posicionado à direita), e consegue ver o vaso com as flores projetadas sobre ele. As flores estão em uma caixa e, a princípio, seriam inacessíveis à visão (LACAN, 1953-54/1986; IMANISHI, 2014).

Essa ilusão de ótica é causada por meio do reflexo da imagem das flores no espelho côncavo, que não só a projeta no vaso, mas também a inverte. Por isso o observador consegue ver o vaso (objeto real) com as flores que não estão ali (objeto real) em uma imagem unificada (objeto virtual), que apesar de não muito nítida,

promove uma forte impressão de realidade, pois parece ser uma imagem tridimensional. O que Lacan explicita no modelo é que o mundo imaginário tem uma estreita relação entre com o mundo real da economia psíquica do sujeito (LACAN, 1953-54/1986; IMANISHI, 2014; SILVA, 2017).

O momento em que as imagens do vaso e das flores se tornam, por meio do espelho côncavo, uma imagem só (objeto virtual) aos olhos do observador, seria representante do momento em que o corpo real da criança passa a incluir o corpo imaginário, produzindo uma ilusão de unidade corporal (IMANISHI, 2014; SILVA, 2017).

O sujeito, a criança, toma consciência de seu corpo como uma totalidade, em um momento de sua história no qual as funções motoras e o domínio do corpo ainda não são realidade. Aqui Lacan (1953-54/1986) enfatiza que é só por meio da imagem total do corpo que se permite à criança um controle imaginário do seu corpo, prematuro em relação ao controle real que ela obtém sobre ele. A isso ele chama antecipação imaginária, pois essa antecipação do domínio psicológico dá à criança uma noção do domínio motor que ainda está por vir.

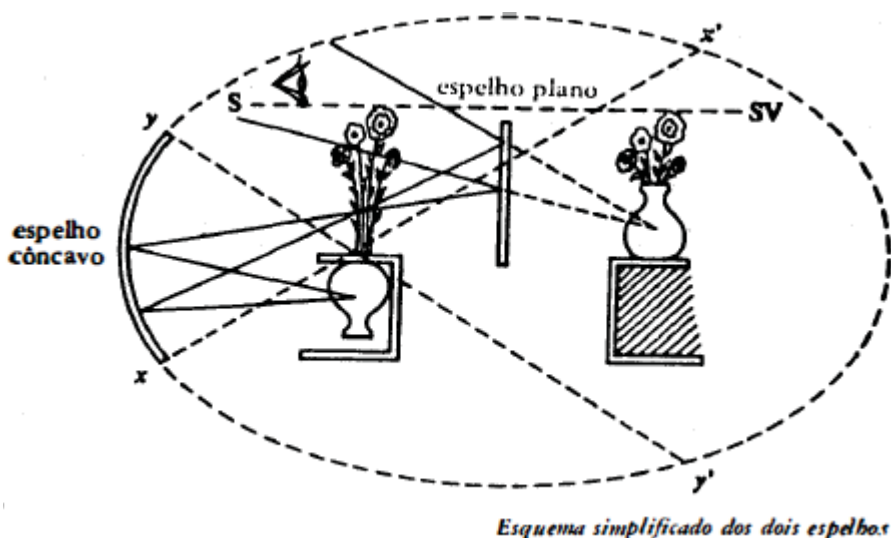
No modelo óptico de Bouasse (figura 1), a imagem real que unifica as duas imagens (vaso e flores) não é uma imagem completa, “o espelho côncavo refletirá sempre a imagem real, porém deformada e invertida – o que poderia ser uma ilustração do narcisismo primário” (GRECO, 2011, p. 7). Esta primeira imagem unificada do corpo da criança (entre o corpo real e o corpo imaginário) é o que lhe possibilita dar contornos, por meio do narcisismo primário, ao corpo e ao Eu, é o que permite a ela situar o que é do eu e o que não é (LACAN, 1953-54/1986).

Logo, a imagem refletida no espelho produz uma separação entre o *Innenwelt* (mundo interno) e o *Umwelt* (mundo externo). O mundo interno da criança passa a ser marcado, então, por meio das identificações com o mundo externo, a ela oferecidas pelo Outro, aquele no qual a criança encontra uma representação de si mesma, uma base. Neste momento da obra, o Outro ganha o estatuto de fundamental para que o *infans* se reconheça no espelho, pois é pelo seu olhar que o bebê se reconhece enquanto sujeito, o que viabiliza a ele instaurar o seu Eu, do ponto inicial do narcisismo, e é por meio da imagem refletida que advém o eu ideal (base de todas as identificações desde a infância até a velhice). No decorrer do desenvolvimento teórico

lacaniano, esse momento da constituição do sujeito passa a ser referido como alienação (LACAN, 1953-54/1986; GRECO, 2011).

No decorrer do mesmo ano do seminário, Lacan acrescenta ao esquema de Bouasse um espelho plano (figura 2). O espelho plano reflete a imagem virtual, da junção da imagem do vaso e das flores, e confere à figura uma *Gestalt*, como a representação de uma imagem inteira, acabada, organizada e ideal, desde que a criança esteja em ponto perfeito enquanto observadora de si mesma. Quando a criança está no lugar de observadora de si mesma é o que se pode nomear como momento do narcisismo secundário. A imagem do corpo da criança é representada pelo vaso (imaginário) somado/unificado com as flores (real), e este é o lugar que a criança ocupa antes do nascimento do Eu (LACAN, 1953-54/1986; GRECO, 2011; IMANISHI, 2014).

Figura 2: Esquema óptico de Lacan



Fonte: Lacan, (1953-54) 1986, p. 163.

O espelho plano (figura 2) surge a fim de enfatizar que a criança se constitui como sujeito no campo do espaço real do corpo e do aparelho psíquico: “O ser humano não vê sua forma realizada, total, a miragem de si mesmo, a não ser fora de si” (LACAN, 1953-54/1986, p. 64). Ele precisa estar em relação com o Outro, não só pelo olhar, mas também pela voz que autentica o que a criança está observando no reflexo do espelho com palavras. É a relação simbólica, que a criança estabelece com

o Outro, que define a sua posição de sujeito, depende de onde, de qual ponto, aquele que a vê observa.

A imagem do Eu é formada por meio da visão de si mesma, este Eu é, por conseguinte, o eu ideal (*Ideal-Ich*). É o que Freud denominou como narcisismo primário, pois para o ser humano o seu primeiro objeto de investimento da libido, objeto de amor, é a imagem do seu próprio Eu. Em suma, o eu ideal está no situado no âmbito do imaginário, refere-se ao amor que o sujeito sente por si mesmo. Todavia, para desenvolver-se, de fato, a criança precisa de um afastamento do estado de enamoramento por si mesma (LACAN, 1953-54/1986, 1960-61/2010).

Surge, então, o ideal do eu (*Ich-Ideal*), a fim de dar um limite à satisfação da criança, pois essa satisfação autoerótica não pode ocorrer sem limites, pois ela se encontra em sociedade, que é organizada por leis e regras. O ideal do eu advém pela relação que a criança estabelece com o outro, que lhe impõe limites, ou espera-se que imponha. Por isso, o ideal do eu é a cristalização das autoimagens refletidas para a criança por meio daqueles com quem ela tem uma relação, pais, professores e outras pessoas (LACAN, 1953-54/1986; FINK, 2018).

O ideal do eu coordena o jogo das relações que a criança estabelece com alguém, com seu semelhante. A relação entre a criança e o outro é construída por meio da estruturação imaginária, de seu corpo e do seu Eu, somada à troca simbólica, pelas palavras. Cabe aqui lembrar que, no primeiro momento do desenvolvimento, o próprio corpo da criança (eu ideal) ocupa, para ela mesma, o lugar de objeto, que é observado, e investido libidinalmente. Para ela investir em outros objetos (externos ao corpo), é necessário que haja um guia (ideal do eu), que no início é uma intervenção por meio da fala, das palavras dos outros e que depois é internalizada (LACAN, 1953-54/1986).

É pela palavra que o sujeito (a criança) pode se identificar consigo mesmo e estabelecer uma relação com os outros. Conseqüentemente, o Eu é desenvolvido não apenas pela imagem do corpo no espelho, mas também pela palavra do outro que intervém e dá consistência a essa imagem especular (LACAN, 1953-54/1986).

Em resumo, o ideal do eu é uma introjeção simbólica, já o eu ideal é a fonte de projeção do imaginário. A futura satisfação narcísica, para além do autoerotismo do sujeito, depende, então, do desenvolvimento do eu ideal. Todavia, como Lacan

debate no seminário 8: *A transferência* (1960-61/2010), para a inscrição psíquica do eu ideal, originado na imagem especular, é necessário que haja uma marca simbólica primordial, monoformal, monosssemântica, que precisa de um  $S_1$ . Portanto, o eu ideal tem uma estreita relação com a maneira como o sujeito pode desempenhar seu eu ideal.

É pelo ideal do eu que o sujeito mantém a ordem, pois ele é como um campo organizado no interior do próprio sujeito. Sua constituição ocorreu pelas primeiras lesões narcísicas, pelos limites à satisfação que lhe foram impostos. Após o ideal do eu ser constituído, introjetado, pode ser projetado sobre um objeto externo ao corpo. O que isso implica? Implica que a projeção do ideal do eu sobre um objeto o coloca em um estatuto de objeto de amor, de objeto de investimento, o que se denomina como narcisismo secundário. É por meio ideal do eu que o sujeito pode identificar-se com traços isolados do Outro, traços esses que têm a estrutura de significante (LACAN, 1960-61/2010).

O uso do esquema óptico (figura 2), truque de espelhos, serviu para Lacan demonstrar como a noção que possuímos de uma identidade coerente é construída. Pois, o vaso imaginário que contém as flores reais representa a imagem do corpo da criança, antes que ela possua uma organização do Eu. O espaço virtual que se encontra atrás do espelho plano é de onde a criança crê que seu Eu existe, como uma unidade de si mesma (LACAN, 1953-54/1986).

O corpo real da criança é como o vaso refletido, inacessível ao olhar. Logo o sujeito, determinado pelo campo simbólico, jamais terá mais que uma compreensão imaginária do seu corpo. Pois, a relação que a criança tem com o imaginário e com o real é entrelaçada, diretamente, por meio da sua posição simbólica. No esquema, o sujeito vê a imagem do espelho côncavo pelo seu reflexo no espelho plano (LACAN, 1953-54/1986; GRECO, 2011).

O espelho plano é aqui representado (figura 2) pela função do ideal do eu, faz a função do outro como lugar simbólico. É pela imagem do outro que a criança pode reconhecer a si mesma, pode projetar (sua imagem e o seu Eu) em uma relação que pode ser compreendida como uma projeção do seu eu ideal. Neste caminho, por conseguinte, o simbólico seria aquilo que sustenta o imaginário. No lugar onde o eu

ideal (imaginário) pode ser projetado como ideal do eu (simbólico) (LACAN, 1953-54/1986; GRECO, 2011).

### § 3º Momento: Do imaginário rumo ao Simbólico – Uma transição

Como observamos na seção anterior, o conceito do estágio do espelho é discutido e elaborado, essencialmente, pelo âmbito das imagens que compõe, que são incorporadas, a imagem especular do Eu e o corpo da criança. Naquele momento da obra Lacan debate, principalmente, as relações imaginárias do *infans* que ocorrem, inicialmente, por meio de oposições básicas: igual ou diferente; objeto bom (internalizado) e objeto mau (rechaçado); amor (identificação) e ódio (rivalidade).

A imagem que a criança vê no espelho a condensa (por meio de uma identificação imaginária), a imagem do seu próprio corpo está, no primeiro momento, congelada, estática. A alienação surge aqui, a fim de sustentar a construção da imagem corporal.

Todavia, a partir da década de 50 a obra lacaniana passou a integrar novos rumos no percurso, para além do nível imaginário. O campo do simbólico passa a ter um papel importante não apenas no conceito do estágio do espelho que foi retomado, mas em todas as articulações teóricas propostas. As relações simbólicas abrangem um aspecto maior que as relações imaginárias, que se baseiam por meio de pares de oposição, de sobreposições binárias.

As relações simbólicas seriam, então, mais complexas que os pares de oposição. Elas se referem, segundo Fink (1998), às relações que ocorrem entre o *infans* e o Outro, e neste balaiio encontram-se: a linguagem, o conhecimento, a lei, a autoridade, a moral, a carreira, os ideais sobre si e sobre o mundo, o sentimento de cumprir com o esperado pelos familiares... O sujeito se consiste, aqui, relativamente a como ele se posiciona, se porta, com relação ao Outro.

O primeiro texto escolhido para tratar dessa temática é o *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise* de 1953, em que Lacan debate o falar da criança como um dom simbólico. Não apenas pelo sentido de comunicação, mas também pelo privilégio que a palavra promove no desenvolvimento psíquico do sujeito, como já foi

pontuado anteriormente: a criança nasce em um estado de prematuridade psíquica e corporal.

Neste texto Lacan (1953/1998) destaca que a palavra é constituída por dois polos, presença e ausência, que ela carrega simultaneamente consigo mesma. É a partir da palavra que se cria o mundo material, externo, das coisas. As palavras são e tomam o peso como um corpo, porém elas não surgem do além, mas sim, são provenientes das imagens corporais do sujeito. Por este motivo, o estádio do espelho não é só importante no sentido de delimitar o corpo da criança; também é extremamente necessário para que ela possa adentrar no campo da linguagem e da troca social. Aqui temos um dos caminhos que ajudarão a percorrer o processo do autismo no próximo capítulo.

A linguagem tem um corpo, em si mesma, no sentido em que é complexa e que sua vida é independente da nossa. Assim como ressalta Fink, (1998) “a rigor, a linguagem obviamente não existe por si mesma, mas é apenas na medida em que o Outro como linguagem está ‘dentro’ de nós que podemos extrair um determinado gozo daí” (p. 126). Sem a linguagem não há o real acesso ao nosso corpo, não se tem conhecimento da autoimagem, não há de fato uma organização das imagens especulares em torno de um Eu. O corpo da criança fica misturado ao mundo.

Isto ocorre pois, como Lacan (1953/1998) enfatiza, a função da linguagem vai além do simples fato de informar. Ela está diretamente relacionada com a evocação do sujeito, não só se refere a algo ou alguma coisa (objeto) material, ela permite que o sujeito suporte o próprio desejo. “A fala, com efeito, é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial. É um corpo sutil, mas é corpo. As palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativem o sujeito (...)” (p. 302).

Aqui pode-se observar que não só as palavras têm relação direta com a imagem corporal, mas também se produzem e são apreendidas por aquilo que toca o sujeito, por aquilo que ele gosta ou tem de alguma forma uma relação com ele.

Ao falar a criança se direciona a um outro, a fim de estabelecer com ele uma relação de troca. Todavia, o processo da fala é complexo e depende diretamente da alienação fundamental produzida pelo estádio do espelho, a virtual e ortopédica. Para tornar-se falante é preciso, primeiramente, que o *infans* seja falado por um outro. A criança se constitui como sujeito por intermédio de sua relação com o Outro, ela vê a

imagem virtual no espelho mediada pelo olhar desse Outro e compreende como sendo a imagem real de si mesma, no mesmo caminho a sua fala vem, nos primórdios, como uma mensagem do Outro, quando na verdade é sua própria mensagem invertida (LACAN, 1953/1998).

Podemos apreender, então, que a fala é própria a cada sujeito, no sentido em que as palavras provêm das imagens corporais que foram abrigadas no Eu e por meio da relação que ele estabeleceu com o Outro, ainda enquanto *infans*. Todavia, o sujeito não a reconhece como sua, como própria, pois para ele a mensagem transmitida pela fala vem do Outro e não de si mesmo, como mencionado acima. Isto se dá desde a tenra idade, pois a fala, mesmo no início da vida da criança, foi sempre furtada por um outro alguém, a criança foi sempre falada por alguém (LACAN, 1953/1998).

É necessário clarificar aqui que não se fala do nada e nem para o nada, muito menos fala-se qualquer coisa, se fala daquilo que faz parte, que esteve presente nos primórdios da vida da criança e foi incorporado ao Eu de prazer. Fala-se daquilo que um dia também nos pertenceu, porém em algum momento tornou-se estranho, infamiliar, foi perdido, colocado para fora como o Eu-não, pois gerou ao sujeito certo desprazer (LACAN, 1953/1998).

As crianças autistas seriam então aquelas que se recusam e têm um completo desinteresse desde o início de seu desenvolvimento em criar com aqueles que delas cuidam qualquer vínculo de natureza pulsional, erógena. Em outras palavras, não respondem à demanda do Outro. São aquelas crianças que por algum motivo obscuro não se alienaram nem à imagem virtual de si e nem à fala do Outro.

Por esse caminho, não é suficiente que os pais desejem investir libidinalmente em seu filho; eles (os pais) têm de ter condições simbólicas e ter um fantasma<sup>17</sup> que atravesse sua relação com o bebê, que, por sua vez, deve ser capaz de devolver com pequenos gestos, como um olhar, que está ali presente na relação (LAZNIK, 2013a). Essa ideia será retomada no próximo capítulo.

---

<sup>17</sup> O fantasma trata-se de uma fantasia dos pais sobre o bebê, em que ele não é visto como impotente, incompleto, mas sim como um sujeito a advir. Isto ocorre por meio da mediação do seu próprio narcisismo paterno, que foi abandonado ao longo do desenvolvimento e retorna com o nascimento de um filho (FLESNER, 2012).

No mesmo ano do texto da *Função e Campo da fala e da Linguagem em Psicanálise*, Lacan (1953-54/1986) trabalhou em seus encontros, no seu seminário anual, a respeito do estágio pulsional do *infans*. Estágio o qual Freud denominou como fase objetal. Fase esta em que a criança passa a desejar/querer objetos externos a fim de se satisfazer, o prazer não está mais somente na autossatisfação, mas também se posiciona na relação dela com o Outro e com o mundo exterior.

Nos primórdios do crescimento, o corpo da criança é um corpo despedaçado. Despedaçado, como Jorge Coutinho (2010) articula, pela pulsão. Neste primeiro momento de vida, a criança sente as próprias sensações corporais como estranhas, invasoras. Os estímulos são sentidos com demasia. Todavia, por intermédio do estágio do espelho, a criança tem uma redução da parte desprazerosa causada pelo excesso de estimulação sensorial do corpo, pois a formação da imagem especular permite um sentido de coerência de si mesma e do mundo.

Esta imagem proporciona à criança uma forma de organização, uma primeira estruturação. Ela traz ordem ao caos anterior vivenciado no corpo do *infans* em decorrência das percepções e sensações. O que produz um primeiro sentimento do Eu da criança; há aqui uma certa antecipação da unidade ou identidade pessoal que está por vir. Neste momento, a criança passa a ser capaz de referenciar a si mesma como “eu”. É interessante mencionar que, em muitos casos, crianças autistas não conseguem se colocar na primeira posição da fala, não se utilizam do “eu” (da primeira pessoa do singular), pois quando falam de si mesmas, com frequência, utilizam-se da terceira pessoa do singular.

Sobre a percepção e a sensação, Soler (2007) argumenta que são ambas circunstâncias ordenadas mediante a relação do sujeito com a linguagem, não pelo aparelho cognitivo, como se poderia deduzir. Isto “implica que a linguagem não é um instrumento do sujeito, mas um operador, no sentido de que produz o próprio sujeito” (p. 34). O estágio do espelho não estaria, portanto, ligado apenas à imagem visual do *infans*, mas também ao efeito da linguagem. Aqui é importante destacar que nos anos que se seguiram à publicação do texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* de 1953, Lacan reformulou seu conceito de estágio do espelho, o que será discutido na próxima seção, 3º momento.

Todavia, antes de seguir o percurso, o texto de Lacan de 1953 ainda tem um aspecto relevante a ser discutido. No primeiro momento da vida o bebê, por não possuir uma consciência de si mesmo, está misturado aos objetos do mundo. Por exemplo, para o bebê o seio materno, que é a principal fonte de satisfação que ele encontra nos primórdios de sua existência, não é algo externo ao seu corpo, não está separado, mas sim é considerado como uma parte integrante de si mesmo, como um *continuum*. O Eu e o objeto são um só. Não há sequer uma ideia de onde termina uma pessoa ou objeto e começa um novo, um outro. Entretanto, com a percepção de uma primeira organização de um Eu, a criança toma consciência de que está separada da mãe e que o seio dela nunca lhe pertenceu.

Com esse conhecimento, a criança sente a perda do seio, que é intensificada pelo processo de desmame (de separação), como se ele tivesse por algum motivo sido arrancado ou perdido. O seio estava no lugar de objeto erótico/de amor, no sentido de que proporcionava à criança um grande prazer (FINK, 2018). O que irá produzir, futuramente, uma neurose, uma fantasia que justifique esta perda e que orienta o sujeito em sua relação com o mundo, mas isso não será detalhado na presente pesquisa.

É a partir da separação entre a criança e o objeto que surge um espaço, um ponto de partida, para a constituição da dialética da consciência. Sem a separação a criança não é capaz de ter acesso ao desejo, pois não há desejo quando não há nada que tenha sido perdido. Uma das funções do Eu é, justamente, direcionar o olhar do sujeito para alcançar o objeto cobiçado, objeto perdido e o colocar em movimento na vida.

A dialética da consciência é o que possibilita ao sujeito construir-se como um ser a partir do seu não ser, daquilo que não possui, não tem. É pela ausência, pela perda do objeto, que a criança poderá advir no lugar, na posição, de sujeito. É por meio da não presença e do não saber, sobre si e sobre o mundo, que a criança é empurrada a desejar.

Pensando por esse caminho, a criança só deixaria a sua posição de *infans* (daquele que não fala, mas sim é falado pelo outro) a partir do momento em que seu corpo, que até então era despedaçado, obtém uma mínima junção organizada por

meio de uma noção do Eu e que algum objeto precioso, que fez *a priori* parte do corpo, tenha se perdido ao longo do caminho.

A criança, com o auxílio da unidade do Eu, constituída no estágio do espelho, é capaz de ter a percepção da ausência, seja de si mesma (algo me falta), seja do outro que cuida dela (algo que falta a ele), pois “do ponto de vista da fala não se joga sozinho (...)” (LACAN, 1953-54/1986, p. 243).

A linguagem é o que alicerça a imagem corporal construída no estágio. A linguagem é, também, o que media o mundo psíquico da realidade à nossa volta (FINK, 2015). Não há escapatória da mediação da linguagem, exceto, talvez, ao autista, cuja linguagem por alguma obscura razão falhou, isto será debatido no último capítulo da presente pesquisa. Por hora, cabe seguir ao esquema L e, por fim, à reformulação do conceito do estágio do espelho na obra lacaniana.

#### **§ 4º Momento: O Eu e o Outro – Apresentação do Esquema L**

Ao longo dos anos 50, Lacan segue às voltas com a problemática da gênese da constituição do sujeito humano, tendo em vista que nos anos anteriores trabalhou com a conceituação sobre o Eu e a constituição da criança enquanto sujeito a partir da teoria do imaginário, como mencionado anteriormente. Sobretudo, por meio do conceito do estágio do espelho, mas essa via de estudo trouxe alguns impasses teóricos, principalmente, porque não permitia a inclusão da noção freudiana do inconsciente (FINK, 2018; SILVA, 2017).

Há neste período da obra lacaniana uma aproximação do estruturalismo de Lévi-Strauss e das teorias linguistas de Saussure e de Jakobson, que permitem a aproximação do imaginário com o simbólico, pois as imagens especulares da criança só podem adquirir um sentido pleno ao serem organizadas e internalizadas por meio do campo da linguagem. E é a mediante a linguagem que se ordena a função da fala (FINK, 2018; SILVA, 2017).

Esta articulação entre a função da fala com aquilo que possibilita a estruturação do sujeito permitiu o estabelecimento da relação com a hipótese do não-ser do *infans*, daquele que ainda não fala, mas sim é falado pelo Outro. É por meio

dessa articulação entre o não-ser, a não substância da criança enquanto indivíduo, com o ser-de-sentido estabelecido pelo modo de organização que a linguagem permite que a criança possa ser concebida na posição de sujeito (SILVA, 2017; SOLER, 2012).

A relação da criança com o Outro (**A**) é, conseqüentemente, a primeira condição para que haja a inscrição da linguagem que produzirá uma fala em operação (SILVA, 2017). Utilizar a linguagem em seu amplo sentido, das trocas simbólicas e sociais, por meio da fala, não é algo que precede o sujeito, pois é importante lembrar que os primeiros balbucios do bebê não são ainda organizados pela linguagem.

Os sons produzidos pelo bebê são, no primeiro momento, uma produção sonora com a qual a criança pode brincar. Apenas mais tarde esses sons se tornam “primeiras palavras”, a partir da aposta do Outro de que a criança já é um sujeito capaz de produzir uma fala<sup>18</sup>. Este ato de atribuir um lugar simbólico à criança gera, por consequência, um lugar para ela na cadeia simbólica, passando a ser reconhecida como membro da família, membro da sociedade.

Este modo de organização produzido pela relação da criança com a linguagem possibilitou à Lacan trabalhar a noção de inconsciente. Entretanto, cabe aqui ressaltar que esta é diferente da noção de inconsciente freudiano. Diante disto, para Lacan, nesse momento teórico, o inconsciente é um produto do discurso do Outro. Por essa razão, o inconsciente não é um lugar no psiquismo do homem, tão pouco é uma entidade, mais sim é um efeito da linguagem, é uma consequência de um discurso que é alheio ao homem, pois está além dele, tem uma existência própria. Ao mesmo tempo, é um discurso que determina o sujeito, cujo sentido sempre lhe escapa (SILVA, 2017).

Em suma, a partir desse momento da obra, a subjetividade da criança não só é composta pela dimensão das imagens e da realidade, como no período anterior da elaboração da conceituação do estágio do espelho, mas também é composta pelas palavras, pela linguagem.

---

<sup>18</sup> Há toda uma teoria psicanalítica a respeito dos sons, enquanto pulsão invocante, que seriam responsáveis pela constituição do sujeito por meio do campo do simbólico e da relação da criança com o grande Outro. Entretanto, essa teoria não será profundada na presente pesquisa.

No seminário 2, *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-55/1987), Lacan retoma o esquema óptico trabalhado em seu seminário anterior e acrescenta o esquema L (figura 2), a fim de enfatizar a importância do Eu na dialética psicanalítica, pois se trata de uma construção imaginária. Todavia, ele ser do campo do imaginário não é um fato ruim, muito pelo contrário, é o que nos faz humanos; sem o Eu imaginário poderíamos ser qualquer outra coisa aleatória do mundo.

Todavia, no seminário 2 (1954-55/1987), Lacan acrescenta ao conceito do estágio do espelho, ao Eu do campo imaginário, a linguagem, visto que a imagem especular é constituída não somente pelo reflexo da criança no espelho, mas também é acompanhada no discurso do Outro. O que a criança percebe como seu Eu (*self*) é estruturado, alicerçado, então, pela linguagem do Outro (FERREIRA-LEMOS, 2011).

Retomamos aqui a importante conceituação de Lacan sobre o corpo e o Eu, que enfatiza que o bebê humano vem ao mundo sem uma estrutura organizada de si e do mundo, não tem uma noção de sua existência. O corpo dela, portanto, não é um produto da natureza (como para os animais), mas é o produto de uma construção. Do que Soler (2012) chamou de um (corpo) produto de arte resultante da relação com o Outro, que lhe ensina como comer, como cuidar das suas excreções (controlar os esfíncteres), como se portar socialmente, entre tantas outras coisas.

A criança vai aos poucos domesticando o seu corpo por meio da relação que ela estabelece com o Outro e com as imagens que são, por ela, assimiladas no espelho. O que isso pode significar? Que a criança, no período do estágio do espelho, tem um júbilo com sua própria imagem, que passa a ser, por consequência, investida de libido e é internalizada pela criança. Esta primeira imagem especular de si mesma passa a ser o núcleo, o molde, do Eu infantil. Na sequência dessa primeira inscrição da imagem ideal de si mesma (ideal, pois antecede a realidade do corpo real da criança que ainda está precoce, desorganizado), outras autoimagens ideais são investidas, por libido, e internalizadas pela criança (FINK, 1998; 2018).

Essas autoimagens ideais da criança são aos poucos internalizadas e cristalizadas, por meio da ordem simbólica. É pelo olhar e pelas reações dos pais que tais imagens são carregadas de interesse ou ganham um valor libidinal para a criança. O Eu lacaniano é, conseqüentemente, o lugar de fixação e de ligações narcísicas. Ademais, é também repleto de imagens falsas, pois as imagens produzidas no

espelho são sempre invertidas, e deve-se levar em consideração que é através da linguagem, em sua forma de comunicação, que há a internalização das imagens ideais. Porém, como se pode imaginar, elas estão sujeitas a todo um leque de mal-entendidos produzidos pela comunicação (FINK, 1998; 2018).

O esquema L (figura 3) demonstrado abaixo tem, justamente, a finalidade de esquematizar essa junção entre o campo imaginário e o simbólico. Além disso, procura debater os mal-entendidos produzidos na comunicação humana.

Figura 3: Esquema L



Fonte: Lacan, (1954-55) 1987, p. 142.

O **S** representa o sujeito, sujeito analítico que não é sujeito em sua totalidade. Não é um ser total, pois esse não existe. Ele é sujeito em abertura, em pequenos instantes, porém não constantemente. Há um fato importante a ser destacado: o sujeito não se vê da posição de **S**, mas sim do pequeno **a**.

É através do Eu produzido pela imagem especular que se constituem os objetos do mundo para a criança, na medida que a formação do Eu é fundamental para a constituição dos objetos. Portanto, o Eu, o outro, o semelhante são todos considerados objetos para o sujeito. “Porém são objetos devido ao fato de serem assim denominados num sistema organizado que é o da linguagem” (BRAUER, 1994, p. 313). No esquema L, essa relação da criança com o objeto (com seu semelhante) é representado **a'**. Portanto, esse **a'** representa o outro imaginário.

A mensagem sai da posição do sujeito e se dirige para um outro imaginário. No sentido de que, quando falo, falo do lugar do sujeito (**S**) que não sei exatamente qual é, com um outro que mais ou menos penso que determino, para aquele que envio

minha mensagem. É a partir dessa relação que eu estabeleço com esse outro (**a'**), partindo de um lugar que não sei ao certo que ocupo, que calculo a minha posição enquanto eu imaginário (**moi ou o eu**<sup>1</sup>).

Esse esquema evidencia um mal-entendido na comunicação, pois quando falo, dirijo minha mensagem a um outro que suponho ser um espelho simétrico a mim mesmo. Essa situação se evidencia claramente em relações de pessoas enamoradas, apaixonadas, que supõem ser equivalentes umas às outras, supõem compreender-se plenamente, são um só, portanto são “substituíveis” na relação. Um poderia, supostamente, trocar de lugar com o outro. O que se destaca aqui é que a relação que criamos com o outro é primeiramente imaginária. Isto ocorre pois o Eu é constituído à imagem e semelhança do outro, assim como o homem seria a imagem e semelhança de seu criador, de Deus.

Falta ainda anunciar o último símbolo do esquema L que é o **A** (o grande Outro). Quando o sujeito envia a mensagem e ela chega ao **A**, ela sofre uma mutação, ela é invertida e reenviada para a posição do **S**. Em síntese, o sujeito recebe sua própria mensagem invertida da posição do **A**. Observa-se aqui que é a partir do ponto de vista do outro que o sujeito se estabelece, mas ao mesmo tempo o Eu é um outro para si mesmo. Pois, como foi debatido no estádio do espelho e depois no esquema óptico (esquema do buquê), a criança precisa do olhar do Outro para enxergar seu próprio reflexo, para enxergar a si mesma.

O **A** (Outro) não é o equivalente ao **a'**, não se refere ao outro semelhante. É, literalmente, o lugar da palavra. O Outro é o campo dos significantes e da fala, por este motivo ele precede o nascimento do sujeito, está lá *a priori*, ele é o *locus* campo simbólico, é o *locus* de todos os significantes. Este Outro (**A**) é a estrutura da linguagem, a qual convoca a criança em sua posição de sujeito, não mais de *infans*, diante da imagem especular. Além disso, é por intermédio do Outro (**A**) que a função da fala pode ser operacionalizada, ela permite a mediação entre o sujeito e a imagem especular (SILVA, 2017; SOLER, 2007, 2012).

O discurso que vem do Outro, o qual a criança recebe de forma invertida, só alcança o sujeito (**S**) de forma fragmentada, em vários pedaços, representado no esquema L (figura 3) pelo traçado pontilhado. Pontilhado, pois representa uma falha. Esta falha se dá mediante o atravessamento do discurso pela relação imaginária.

Logo, a relação imaginária acaba por mascarar a relação simbólica (FERREIRA LEMOS, 2011; SOLER, 2012).

É no lugar do Outro (**A**) onde se encontra a cadeia dos significantes e por meio dele que o sujeito pode presentificar-se, é no campo do Outro (**A**) que o sujeito vai surgir. A hipótese lacaniana é que o sujeito enquanto *infans* ocupa, inicialmente, um lugar vazio e é por meio da relação com o Outro (**A**) que ele começa a adquirir uma substância, que é sempre provisória. Em outras palavras, a criança nasce com um organismo, mas ainda não tem nem um corpo e nem um Eu, ambos serão desenvolvidos na sua relação com o Outro (**A**) (TAMANINI, 2018; SOLER, 1997, 2012).

Portanto, isso significa que todos os sujeitos, desde o *infans* ao idoso, possuem um organismo, mas esse fato não implica que possuem um corpo, pois para se ter um corpo é necessário preencher o lugar vazio do organismo com significações provenientes do campo do Outro. A criança precisa, nesse sentido, ser representada por pelo menos um significante proveniente do Outro para que possa existir no lugar de sujeito (TAMANINI, 2018; SOLER, 1997, 2012).

Antes que haja um significante para representar a criança, ela está no lugar de nada, de puro vazio de significação. Ao ser marcada pelo significante, ela passa a ser dividida, pois é um efeito da imagem especular conectada à linguagem. Ela perdeu o seu ser e está alienada. A criança é agora um ser transformado pela linguagem, alienada à fala. Quando ela faz uso da linguagem, aparece sempre uma ambiguidade evidenciada no esquema L (figura 3) pelo traçado pontilhado que liga o sujeito ao outro imaginário (**a'**).

O que Lacan (1954-55/1987) evidenciou com o esquema L é que o ser humano se articula entre dois planos, o plano simétrico do espelho (demonstrado no esquema ótico e no estádio do espelho), onde as relações são homogêneas e simétricas – mundo das identificações, e o plano que ele denominou como muro da linguagem, que organiza esse mundo que é trazido pelas imagens simétricas do espelho, das imagens.

Portanto, o registro do imaginário traz à criança as imagens do mundo e de si mesma, produz um sentimento de individuação (um Eu organizado pela imagem especular) e lhe possibilita posições específicas, em suas relações com os outros. Já

o registro simbólico possibilita as trocas simbólicas, uma pré-organização das relações com os outros, é estruturado pela linguagem e por suas leis, regras.

### § 5º Momento: O Eu é o Outro (campo simbólico)

Inicia-se essa § com o complexo texto de Lacan de 1956, o texto de abertura dos seus Escritos publicados em 1966, *O seminário sobre a “A Carta Roubada”*. Nele Lacan (1956/1998) traz o conto A Carta Roubada de Edgar Allan Poe e toma-a como metáfora, a fim de tentar esclarecer como a ordem simbólica atinge a constituição do sujeito que se dá a partir da sua relação com o significante.

Esse texto é uma síntese do que foi trabalhado no seminário 2 e marca a segunda fase da obra lacaniana pois, por meio dele, Lacan demarca a determinação subjetiva proveniente da ordem simbólica. Trata-se de uma reformulação teórica e epistemológica que circunscreve a posição constitutiva do sujeito por meio do simbólico (PIMENTA, 2012; IMANISH, 2014).

No conto, o detetive Auguste Dupin é chamado por um delegado parisiense para ajudá-lo a solucionar o caso do roubo de uma carta, importante, cujo conteúdo é misterioso. O que se sabe é que essa carta foi enviada à rainha e roubada do seu aposento real, por um certo ministro. A rainha vê que ele rouba a carta, porém não pode se manifestar, permanece calada, pois o rei encontra-se também no aposento e ele não pode saber da existência da carta. A rainha convoca o delegado (em segredo) para que ele recupere a bendita carta, porque o ministro a roubou a fim de chantageá-la. Após um longo tempo de procura, sem sucesso, o detetive Dupin é chamado para solucionar o caso<sup>19</sup>.

O que é importante nesse conto, o que Lacan (1966/1998) utiliza como metáfora, são duas cenas principais isoladas. Ambas as cenas têm três personagens envolvidos, três sujeitos, três olhares. Segundo Pimenta (2012), o que se evidencia nas duas cenas é a função simbólica, ocupada pelo objeto no qual a trama é

---

<sup>19</sup> O conto pode ser lido na íntegra por meio do link (o texto está no formato de PDF): [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1918730/mod\\_folder/content/0/Poe%20CARTA%20ROUBADA.pdf?forcedownload=1](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1918730/mod_folder/content/0/Poe%20CARTA%20ROUBADA.pdf?forcedownload=1).

amarrada: a carta. Esta carta ocupa o lugar do que Lacan denominou como significante puro, “que determina, pelo lugar que ocupa, o descolamento dos sujeitos na repetição intersubjetiva que se instaura” (p. 112). Isto é uma referência ao desenvolvimento psíquico da criança, que funda a intersubjetividade pela captação da própria subjetividade e ao mesmo tempo em que a isola, assim como constitui o Outro absoluto. Este Outro absoluto é aquele que carrega em sua natureza o tesouro dos significantes.

Em outras palavras, o que está em jogo aqui é a entrada da criança, em sua posição de sujeito, na linguagem, por meio da presença e ausência do Outro, que ainda é representado pela figura que dela cuida. O que há aqui é um jogo que convoca a presença (+) e a ausência (-), uma pede a existência da outra sucessivamente. É o significante que compõe a ausência, que cria a falta, algo é perdido para o *infans* passar para o lugar de sujeito (JORGE COUTINHO, 2008; PIMENTA, 2012).

Nesta direção, a constituição imaginária do Eu é mediada pela ordem simbólica. O significante toma destaque na formação psíquica da criança, visto que, há uma primazia entre o significante em detrimento do significado. Não é o homem que aprisiona o símbolo, a linguagem, mas sim o símbolo que o constitui enquanto sujeito. Pois “o significante é unidade por ser único, não sendo, por natureza, senão símbolo de uma ausência” (LACAN, 1966/1998, p. 27).

Na linguagem há um forte aspecto imaginário, especular, na forma da comunicação, pois o sujeito fala e supõe que o outro que escuta está na mesma dimensão de sentido, que ambos estão em sintonia. Na teoria de Saussure, o sujeito e o outro devem partilhar dos mesmos signos de linguagem para que possam se comunicar. Todavia, o que Lacan (1966/1998) propõe é que o significante tem uma autonomia por si só, para além do signo/símbolo, uma vez que o sentido desliza (eu falo uma coisa e o outro entende outra), na comunicação, então, quase nunca há de fato uma sintonia entre o que fala e aquele que escuta.

No seminário A carta roubada (1966/1998) Lacan teve como objetivo introduzir novos conceitos articulados ao estádio do espelho, que são introduzidos e reafirmados por meio do conto de Poe. A tese ilustrada ali é que o significante determina o sujeito, além disso, há uma discussão entre o significante e suas leis. O

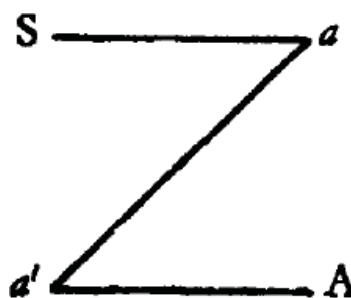
que começa a se evidenciar, nesse momento teórico, é que o inconsciente passa a ser considerado como estruturado pela linguagem (IMANISHI, 2014).

Dois anos após o seminário *A Carta Roubada* (1956), Lacan escreve um texto que é considerado um dos textos ímpares em relação à psicose, denominado *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1959). Neste texto Lacan debate a dimensão da voz na constituição do sujeito, pois é a partir dela que a cadeia de significantes se impõe por si ao sujeito. Neste momento pode-se destacar que a constituição do sujeito no momento do estádio do espelho não se dá só pelo olhar e pela relação do outro (imaginário), mas também necessita do significante (simbólico), que é mediado não só no nível de palavras, mas também da voz.

A fala toma uma importância na obra lacaniana, pois é ela que carrega consigo todos os paradoxos do sujeito, pois o importante da fala sempre está mascarado para o sujeito pelo fator acústico, pelas nuances da voz. Não se pode falar sem ouvir. O Eu se constitui primeiramente como o outro, por sua voz e pelo seu olhar (LACAN, 1959/1998). A partir daqui o conceito do significante ganha um novo atributo, pois passa a se referir ao que “você ouve quando alguém fala – pessoa que fala – e o significado é o que aquele som significa” (FINK, 2015, p. 295).

Lacan (1959/1998) apresenta novamente o esquema L (figura 4), só que dessa vez simplificado e com o objetivo de retomar a constituição do sujeito através do estádio do espelho, acrescentando mais conceitos e esclarecendo outros. O que fica claro, nesse momento, é que a imagem produzida no estádio do espelho contém em si mesma o gozo narcísico do sujeito, que é também responsável por produzir a alienação do sujeito à fala, à linguagem, que passa a funcionar de acordo com o ideal do eu, pois este está de acordo com o lugar do Outro (que ocupava na operação o suporte imaginário do corpo e do eu da criança).

Figura 4: Esquema L simplificado



Fonte: Lacan, 1959/1998, p. 555.

No esquema acima (figura 4), pode-se observar que é entre  $a$  e  $a'$  que se constrói a miragem narcísica do sujeito. O **S** representa o estado do sujeito, neurótico ou psicótico, que para se estruturar depende diretamente do desenrolar de sua relação com o Outro (**A**), o que é desenrolado aqui se trata do discurso (KAUFMANNER, 2006).

Logo, o esquema L simplificado (figura 4) é uma representação do inconsciente como discurso do Outro. Além disso, Júnior (2010) pontua que a relação do esquema L simplificado (1959/1998) com o estágio do espelho inaugura uma dupla inscrição: de um lado encontra-se o momento da assunção da imagem especular (imaginário); do outro há o momento de fissura que inaugura a marca do significante e a posição subjetiva (simbólico).

Essa dupla inscrição acontece na medida em que a imagem especular é o conjunto de elementos imaginários que compõem o corpo da criança – a partir da relação dela com um par – com o Outro. Esse par é composto pelo fato de o bebê humano ter uma prematuração original. Lacan (1959/1998) pontua neste momento da obra que a criação desse par imaginário da criança com o Outro possibilita que a relação simbólica possa ser construída, essa relação é o que seria a base de sua constituição de *infans* à posição de sujeito. Vale destacar nesse ponto, o que será debatido no próximo capítulo, que para o autista há uma carência nessa construção de par imaginário que inviabiliza a amarração do simbólico.

E como essa relação – criança e Outro – se produz? Pelo anseio da criança de que o outro deseje algo dela, desejo por desejo. A criança identifica-se, assim, com o objeto imaginário de desejo (LACAN, 1959/1998). Em outras palavras, a mãe (ou

alguém que faça essa função) é o primeiro objeto de amor da criança, enquanto na posição objeto a mãe tem um estatuto simbólico, pois sua relação com a criança se dá em uma alternância entre a presença e a ausência de sua imagem.

Sendo que a ausência da mãe traz frustração à criança, dado que nesse momento de vida há uma eterna insaciabilidade de demanda, o que a criança anseia é obter satisfação. A criança compreende, então, por meio da observação e percepção, que a mãe tem outros objetos no mundo, os quais demandam por sua atenção ou que lhe agradam. Depois desse momento de ver e perceber que a mãe tem outros interesses, a criança tenta se alojar onde ela supõe que será amada pela mãe. Este movimento da criança é a sua tentativa de localizar e restituir o objeto perdido dos pais ou cuidadores, esta é a base de toda a relação narcísica que se sucederá (LACAN, 1959/1998; KAUFMANNER, 2006).

Retomando aqui, a imagem produzida no estágio do espelho contém em si mesma o gozo narcísico do sujeito, que é também responsável por produzir a alienação do sujeito à fala, à linguagem, que passa a funcionar de acordo com o ideal do eu, pois este está de acordo com o lugar do Outro, que ocupava na operação o suporte imaginário do corpo e do Eu da criança (LACAN, 1959/1998).

Antes de ir adiante, é importante destacar outro ponto: na esquizofrenia, o sujeito tem uma regressão ao estágio do espelho onde se defronta com a imagem especular que se apresenta como signo mortal da própria existência. Há uma ruptura entre o Eu e o corpo. A imagem especular do sujeito, sem suporte do simbólico, retorna como uma figura ameaçadora da sua existência, já que não lhe pertence, pelo contrário, lhe é muito estranha, vem de outro lugar, como se pertencesse a um Outro. O que Lacan (1959/1998) afirma com isso é que na esquizofrenia há a dissolução do campo do imaginário. O imaginário é desamarrado e o simbólico vem como um tsunami para o sujeito.

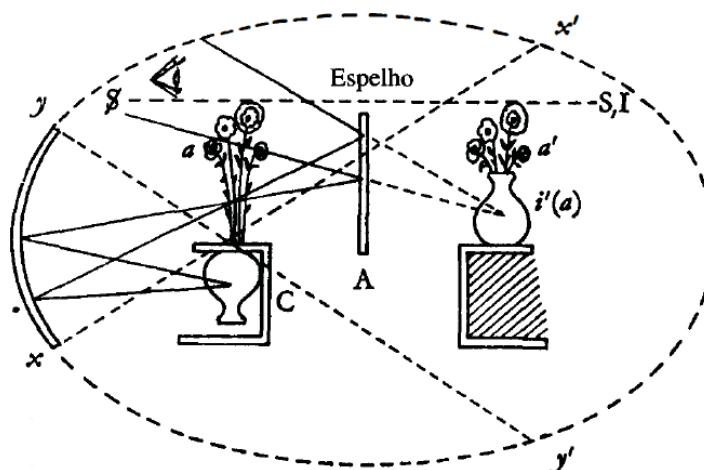
Neste texto, *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1959/1998), Lacan abandona, de vez, o que havia construído no *Complexos Familiares*, onde havia uma carga histórica e determinista (biológica) sobre o sujeito, a partir da relação com os outros reais (familiares ou cuidadores) que a criança estabelecia. A constituição do sujeito passa a ser vista por meio do jogo dos significantes, somado às imagens especulares e imaginárias (imaginário + simbólico

= sujeito). É por esse jogo entre a imagem e o significante que o sujeito é constituído (PIMENTA, 2012).

Dois anos mais tarde, a publicação do texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, Lacan (1960/1998) retoma o esquema óptico de 1954 (figura 2) sem modificar a montagem, mas acrescenta as relações entre o eu ideal e o ideal do eu por meio da nomeação dos lugares ocupados no esquema (figura 5) no texto *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade*.

No esquema (figura 5), a posição do sujeito é designada como  $\$$ , o espelho plano designado com o **A** (lugar do grande Outro). O vaso tem uma letra **C** marcada, que representa a primeira letra que “marca” o corpo da criança. As flores são o **a**. Já a imagem virtual é o  $i'(a)$ . No esquema não é representada a figura do eu ideal  $i(a)$ , que é a referência à imagem real com a qual o Eu se identifica, pois é pela relação da criança com o Outro que ela pode encontrar sua própria imagem e é essa mesma relação que possibilita a ela a separação dessa imagem.

Figura 5: Modelo Óptico de 1960



Fonte: Lacan, 1960/1998, p. 681.

A relação constituída entre o sujeito com o ideal do eu aparece no modelo na linha  $\$$  **S,I**. Essa linha é o que possibilita à criança ter a ilusão de ser um sujeito completo. A distância que o sujeito toma em relação ao outro é representada pelo espelho plano (que representa a função da palavra). Esse mesmo espelho plano é o que transpõe a imagem real ao plano virtual. Em outras palavras, o espelho plano

representa a mediação da relação do sujeito com a imagem, representa também a distância entre o sujeito e o outro (GRECO, 2011; SILVA, 2017).

O espelho plano foi inserido por Lacan (1960/1988) para representar a função da palavra, na medida em que transpõe a imagem real ao plano virtual. É por meio do distanciamento, criado pelo espelho plano entre o sujeito e o outro, que opera o Outro, inserindo o sujeito no campo da linguagem, no ato da fala. Este Outro é evocado/convocado pela palavra endereçada pela criança (SILVA, 2017).

Ademais, o Outro não é aquele que tem a função, somente, de mediar a imagem por meio da fala, mas também ratifica o seu valor para o sujeito. Aqui, segundo Silva (2017), é o momento que o grande Outro é transcendental, passa a ser de fato separado da figura do pequeno outro, que ocupa um lugar na díade imaginária. O ato da fala produzido na relação entre o sujeito e o Outro ocorre pois “a função da fala é colocada por Lacan como a mola superior da subjetivação, e a mola da fala é atribuída ao grande Outro (**A**)” (JÚNIOR, 2010, p. 151).

A criança pequena tem pouco acesso à verdadeira realidade de seu próprio corpo – que é representado no modelo óptico (figura 5) como o vaso invertido (oculto na caixa). As flores representam o que o sujeito consegue perceber da imagem (maturação e acomodação motora). O estádio do espelho é retomado no texto, pois há, agora, para além da imagem jubilatória com que a criança se identifica no espelho, o acréscimo do movimento da criança diante do espelho nos braços do seu cuidador e que não só a observa, mas também outorga com sua palavra o que ela vê ali (LACAN, 1960/1980; JÚNIOR, 2010).

Em outras palavras, é “(...) no gesto pelo qual a criança diante do espelho, voltando-se para aquele que a segura, apela com o olhar para o testemunho que decanta, por confirmá-lo, o reconhecimento da imagem, da assunção jubilatória em que por certo ela já estava” (LACAN, 1960/1998, p. 685). O olhar que a criança procura em questão é do Outro, quando há o encontro de olhares (entre a criança e o Outro) tornam-se um só olhar. Logo, o espelho é, na verdade, o olhar do Outro somado às suas respostas, ideal do eu, que possibilita à assunção a forma do eu ideal (FERRREIRA-LEMOS, 2011).

O eu ideal é aquele surge no processo do estádio do espelho e vem dar um suporte às incertezas do sujeito, a fim de retificá-las. Ao mesmo tempo tem uma

relação direta da busca da criança pelo desejo do Outro, visto que é uma formação imaginária pela qual o sujeito tenta encarnar a imagem ideal de si, que implica também em representar aquilo que se espera, anseia dela. A criança tenta, nesse duplo movimento, apreender a imagem ideal de si e somá-la à imagem ideal que os outros têm dela a si, forjar um lugar para si em meio a todos os atributos direcionados a ela (LACAN, 1960/1998).

O Eu do *infans* forma-se, por conseguinte, por meio da imagem que ele vê refletida no espelho, no olhar do Outro, a partir da série de imagens virtuais que o representam – para si e para o Outro. No entanto, a imagem especular constitui-se na noção da imagem de um corpo congelado, mesmo em movimento e em relação (PIMENTA, 2012; LACAN, 1960/1998). Desta forma, a identificação da imagem especular permite a criança ver a si mesma, como unidade, mas tem também uma carga de que o olhar acaba por mortificar os objetos, assim como constituir pontos congelados sem movimento (FERRREIRA-LEMOS, 2011).

O papel do significante na constituição do sujeito é sumamente importante, pois permite a coexistência da desordem (por meio da sincronia) – entre o que a criança vê, o que o Outro vê dela e do que ela é na realidade – com a ordem (diacronia) – pelo sentido de que a criança ainda não tem o controle de si, do seu corpo, mas que a percepção da unidade do Eu somada ao passar do tempo permitirá ter o controle, um vir a ser de si mesma (PIMENTA, 2012; LACAN, 1960/1998).

O que há com a assunção da imagem especular, portanto, é uma reorganização (ou uma primeira organização) do caos que o *infans* vivenciou de suas percepções, sensações, sentimentos, vontades e impressões. O que produz o campo do imaginário, que compreende as “imagens visuais, auditivas, táteis, olfativas e de outras percepções sensoriais de toda sorte, bem como da fantasia – é reestruturado, reescrito ou ‘substituído’ pelo simbólico, pelas palavras e frases usadas pelos pais para expressar a visão do filho” (FINK, 2018, p. 101). Em suma, o simbólico supera o imaginário, pois há uma primazia da linguagem, do significante, sobre o corpo da criança.

A reescrita do imaginário pelo simbólico é que o produziria um sujeito neurótico, quando não ocorre essa operação de reescrita, o que se tem é um sujeito localizado na estrutura psicótica, onde o imaginário segue a predominar. E o simbólico

toma estatuto de imaginário. A linguagem se dá por meio da imitação de outros, não é assimilada como radicalmente diferente dos signos e das imagens especulares, não recebe o estatuto de significante (FINK, 2018).

Com a intervenção da linguagem, da fala, há também uma reordenação das pulsões – elas ex-sistem, fora de um sistema delimitado, e não estão em um lugar específico ou esperado – que proliferam, mas de forma fragmentada, mas com uma certa organização. Pois, com o emergir da criança na posição de sujeito, há, conseqüentemente, uma delimitação artificial de borda em seu corpo promovida, justamente, no lugar onde a pulsão a tocou, da demarcação das zonas erógenas de Freud (PIMENTA, 2012; LACAN, 1960/1960).

Não só a pulsão toma aqui um novo rumo, mas também o conceito do inconsciente. Neste momento da obra lacaniana, o inconsciente só existe por meio do encontro entre o sujeito com a sua imagem narcísica, entre a imagem especular e o significante que a representa (PIMENTA, 2012). Resumidamente, o inconsciente engendra-se “quando o sujeito depara com essa imagem em condições que lhe evidenciam que ela usurpa seu lugar” (LACAN, 1960/1998, p. 675).

O inconsciente é como uma língua, é estruturado como uma linguagem. Ele se apresenta como aquele que funciona fora do esperado, fora do sentido, fora da comunicação estabelecida da forma imaginária, e está fora também do princípio do prazer (SILVA, 2017).

Antes de prosseguir, o texto de *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade* de 1960 traz, ainda, o conceito que ele debateu, anteriormente, em *A Agressividade em Psicanálise* em 1948, o transativismo, que passa a ganhar novos contornos, em que o outro, no tempo do estádio do espelho, ascende como um duplo de si mesmo, mas que ao mesmo tempo promove a rivalidade da criança com ela mesma, o objeto com o qual ela se identifica, como, por exemplo, outra criança, se torna simultaneamente um objeto de ódio e de agressão (JÚNIOR, 2010). Esse movimento de transativismo do Eu ocorre pela discordância entre eu ideal,  $i(a)$ , e ideal do eu,  $i'(a)$ , no esquema (figura 5).

Por mais que não haja nenhuma reorganização estrutural no esquema óptico (figura 5), Lacan (1960/1998) adiciona à teoria do estádio do espelho importantes considerações importantes para o conceito da identificação, do inconsciente, a

introjeção das insígnias (desejos, vontades, atributos...) do Outro, além disso, aborda a importância do significante e da linguagem, para o sujeito. E traz um breve debate, inicial, sobre o objeto *a*, objeto parcial e de desejo, desvinculado da imagem do corpo do sujeito, mas é também uma parte que foi responsável por sua estruturação. O que será abordado em seu seminário dois anos depois, no seminário da Angústia (1962-63/2005).

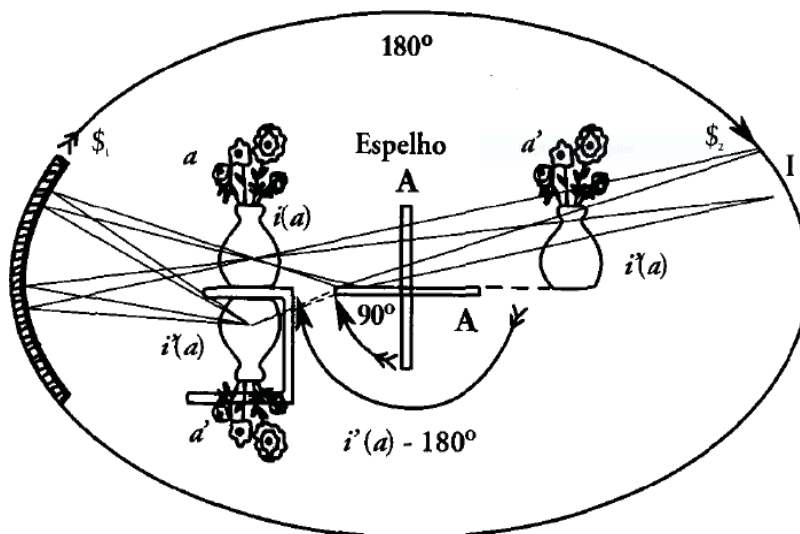
No início do seminário, Lacan (1962-63/2005) pontua que os seus trabalhos e estudos até o relatório de Roma, *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953), se referiam ao estádio do espelho e sua ligação com o imaginário e que após o Relatório, em que houve a descoberta do significante, o estádio do espelho passou a ter outro vislumbre, por meio do registro do simbólico.

O esquema óptico (figura 6) é retomado, no seminário (1962-63/2005), e introduz o conceito do objeto *a* nos moldes da concepção lacaniana, acrescentando-o ao esquema no registro, no campo do real na teoria do estádio do espelho. O registro do real é aqui referido como o que escapa tanto ao registro da imagem, imaginário, quanto da palavra, registro do simbólico. O objeto *a* é o objeto que determina e ao mesmo tempo causa o desejo (PENA *et al.*, 2019).

O estádio do espelho é um momento de dependência, pois o sujeito se constitui enquanto tal no lugar do Outro, no sentido em que é por meio do olhar do Outro que a criança constitui a sua própria imagem especular. Além disso, esse processo se marca pela relação que a criança tem com esse Outro, da relação com a marca do significante que ele lhe atribuiu (LACAN, 1962-63/2005).

Os significantes, por sua vez, são como rastros falsamente falsos. “Quando um traço é feito para ser tomado por um falso traço, sabemos que há aí um sujeito falante, sabemos que há aí um sujeito como causa” (LACAN, 1962-63/2005, p. 75). Sabemos, justamente, na medida em que o traço se apresenta como um vazio, que é preenchido por um falso traço, que na realidade não é da criança, mas também não é do Outro.

Figura 6: Esquema Óptico Completo



Fonte: Lacan, 1962-63/2005, p. 48.

É através da imagem especular, construída no estádio do espelho, que o sujeito estabelece suas relações com os objetos do mundo. A consciência por essa via é alicerçada e modelada por meio da relação do sujeito com a imagem do seu próprio corpo. Partindo desse princípio, o objeto do conhecimento é insuficiente, pois depende da imagem especular (LACAN, 1962-63/2005).

Antes de haver a constituição de uma imagem especular, o sujeito não tem a consciência de sua totalidade. Há um total desconhecimento da diferença de si mesmo do mundo (coisas, objetos, pessoas). Na sequência, existe uma fase de transição, na qual o sujeito se identifica com o outro, com seu semelhante, na medida em que é um reflexo dele e muitas vezes ali se confunde, no registro do imaginário (LACAN, 1962-63/2005).

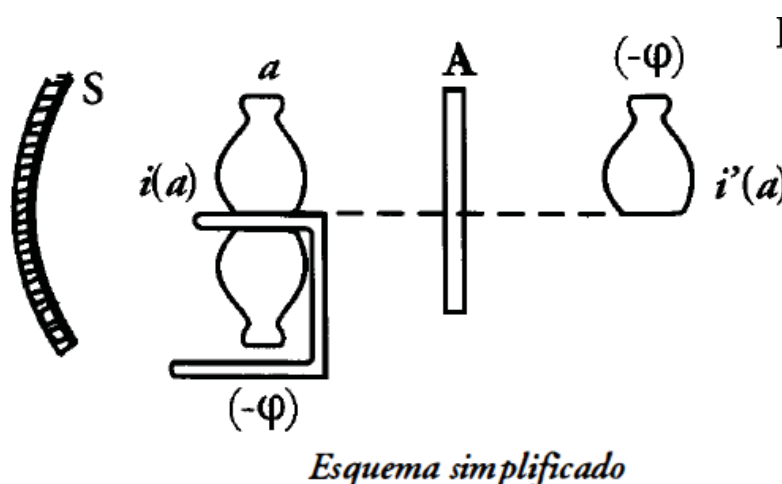
Por esse motivo, muitas vezes é difícil discernir o que é de si e o que é do outro. Surge aqui a introdução de um objeto em comum – objeto em comum ao outro – que é disputado, o que constrói um jogo de posse (é meu ou é seu?); fala-se aqui novamente no transitivismo e o dito objeto dividido entre o eu e o Outro, que não é um objeto qualquer, é o objeto *a* (LACAN, 1962-63/2005).

O objeto *a* é um resto, algo que cai, que não se sabe ao certo a quem pertence, se é ao sujeito ou ao Outro. É ele que demarca a castração e é, também, o que localiza a angústia. Está como o resto da operação entre o encontro do ser com

Outro (**A**). Por este motivo, é o que garante a alteridade do Outro, enquanto aquele que ao ser barrado faz com que a criança ou o sujeito possa deduzir o que é de fato o seu desejo. O desejo se presentifica como o enigma que reenvia ao se deparar com a castração<sup>20</sup>, que provoca a pergunta sobre o que o Outro quer de mim (PENA *et al.*, 2019; LACAN, 1962-63/2005).

A partir da nova perspectiva demonstrada por Lacan (1962-63/2005) para a castração e sobre o objeto *a*, que surge como representante do real, há uma reformulação no esquema óptico e novos elementos são acrescentados: **(-φ)** e **a**. A reformulação do esquema óptico (figura 7) pode ser observada logo abaixo.

Figura 7: Esquema óptico simplificado



Fonte: Lacan, 1962-63/2005, p. 49.

O **(-φ)** representa o falo<sup>21</sup> que aparece para o sujeito como uma falta na imagem do corpo, como um resto, pois nem todo investimento libidinal da criança

<sup>20</sup> A castração simbólica é, para mulheres e para homens, o conjunto de limitações de conhecimento e do ser. A castração advém, no primeiro momento, para a criança por meio da falta, do buraco, entrada no corpo da mãe, em outras palavras, na castração da própria mãe. Quando não há uma castração simbólica, o sujeito busca no real a sua continuidade, a automutilação é, em muitas ocasiões, um exemplo da tentativa do sujeito em fazer uma castração no sentido real da coisa (uma castração física) para promover um intervalo (FINK, 2015; SOLER, 1989).

<sup>21</sup> O falo aqui se trata do representante do desejo. Ele vem substituir, simbolizar ou, ainda, neutralizar o desejo do Outro. O falo representa o significante de uma perda, mas não de uma perda qualquer, de uma perda primordial colocada em cena pela castração, a fim de colocar a estrutura (neurose, perversão) em movimento. O movimento se dá por uma falta-a-ser, de uma carência no ser ou em uma carência a ser, trata-se de uma perda ou de uma ausência, visto que no início da existência não há um sujeito e nem um corpo, há um organismo. Organismo esse que terá sua imagem especular costurada

passa pela imagem especular. O falo (- $\phi$ ) surge aí como uma lacuna, “não só ele não é representado no nível do imaginário, como é também cercado e, para dizer a palavra exata, cortado da imagem especular” (LACAN, 1962-63/2005, p. 49).

O corpo, no esquema óptico simplificado (figura 7), não aparece mais como objeto que está inscrito na imagem, mas sim pelo furo marcado pela ausência do falo, pela castração, que vem para furar a consistência plena da imagem. Logo, a imagem especular não representa apenas uma imagem na qual o sujeito se identifica, mas também algo que foi construído para além dele, foi construído fora, no campo do Outro (GRECO, 2011).

Antes que haja uma imagem especular formada pelo estádio do espelho, a  $i(a)$  (imagem real do corpo) encontra-se em caos, desordem de pequenos  $a$  (objetos). Por conseguinte, nesse momento anterior da constituição da imagem real do corpo, a criança, o sujeito, está impossibilitado de brincar com a relação de ter ou não ter os objetos do mundo. Aqui não há um resto, nada do corpo ou do sujeito foi perdido, há uma relação de completude. A criança encontra-se, assim, em um sentido verdadeiro do que seria o autoerotismo (LACAN, 1962-63/2005).

A imagem  $i(a)$  real produzida no espelho côncavo representa então a primeira imagem narcísica da criança; antes dessa imagem, o corpo da criança está fragmentado. As pulsões, que estavam espalhadas de forma caótica pelo corpo, tomam um continente, um limite. A libido pode ser investida não apenas no próprio corpo da criança, como também em outros objetos, o que Lacan (1962-63/2005) elucida como reversibilidade da libido. “A angústia, quando surge, é sinal da presença do objeto  $a$ . Se  $i'(a)$  é uma imagem refletida de nós mesmos, autenticada pelo Outro, ela não deixa de ser falaciosa, pois está ausente” (GRECO, 2011, p. 11).

O corpo da criança não se dá de maneira simples, por mais que possa parecer assim a um primeiro olhar nos esquemas ópticos e no esquema L. A criança só poderá se identificar com sua imagem especular refletida por meio das insígnias (simbólico) e do olhar (imaginário) que o Outro lhe atribui (GRECO, 2011; LACAN 1962-63/2005).

---

pelo significante, que nomeia um espaço vazio onde o sujeito poderá se construir, se articular (FINK, 1998).

O eu primitivo nasce a partir de uma identificação com a imagem refletida, que se dá por meio de um engodo (de uma atração àquela referida imagem). “Há, portanto, certa continuidade entre a imagem e eu [moi], conferindo-lhe uma estruturação imaginária e atrelada ao narcisismo” (CORREIA, 2016, p. 48).

O corpo no espaço, proporcionado pela junção da imagem real com a imagem virtual, dispõe à criança, e posteriormente ao adulto, a sensação de impenetrabilidade, a indivisibilidade. Nesse sentido, o corpo não pode ocupar dois pontos no espaço ao mesmo tempo, pois é composto de uma imagem fechada, gestáltica e encerrada de si próprio do sujeito, da criança. Esta imagem totalizante é promovida por meio da mediação do olhar e da voz do Outro, que a criança, desde recém-nascida, vai apreender sobre o próprio corpo, aos poucos. É importante destacar que a imagem totalizante e unificada que a criança vê de si mesma é completamente diferente daquela que seus pais ou adultos à sua volta percebem, veem (CORREIA, 2016; LACAN, 1962-63/2005).

No seminário sobre *A Angústia* (1962-63/2005), Lacan traz que a comunicação, enquanto linguagem, não é algo primitivo, mas sim algo que é adquirido por meio da imagem especular [*i(a)*] e, essencialmente, pelo campo do Outro. A linguagem existe no primeiro momento para a criança no campo real, está em circulação, em curso, preexiste ao sujeito. É no tempo do estágio do espelho que a criança passa a fazer o uso próprio da linguagem.

Primeiro, ela recebe do Outro a sua própria mensagem, só que de forma invertida, como se fosse uma mensagem do Outro para ela. A linguagem entra em circuito quando é alicerçada, sustentada, por meio da existência da imagem virtual, especular, do seu próprio corpo. Essa imagem virtual, por sua vez, só pode ser constituída enquanto há articulação entre o olhar e a voz do Outro, autenticando o que a criança vê de seu corpo ainda prematuro, antes de ela ter controle de si, dos movimentos e dos esfínteres. Quando se estabelece a imagem especular, a criança se cativa com a imagem de si mesma (LACAN, 1962-63/2005).

No seminário *A Angústia* (LACAN, 1962-63/2005), além desses elementos que organizam a imagem especular da criança, somada à palavra do Outro, assim como as insígnias dele, e que possibilitaram à ela ascender na posição de sujeito há, também, o acréscimo do conceito do objeto *a*, que está em articulação entre a criança

e o Outro. Este objeto deve ser extraído do campo imaginário do corpo da criança, organizado na imagem especular. Ela regula uma perda libidinal, que, conseqüentemente, pode regular a pulsão (PIMENTA, 2012).

O que podemos observar na clínica do autismo é que há uma desregulação pulsional, bem como uma dificuldade em filtrar os estímulos de dentro e de fora do organismo, essa situação é marcada pela ausência da constituição da imagem especular e, por consequência, uma não organização do Eu como unidade. Essa discussão será abordada no próximo capítulo. Todavia, antes de ir adiante, faz-se necessário contextualizar um pouco do que Lacan trabalhou no seu seguinte seminário.

### **§ 6º Momento: O Eu eclipsado entre o S1 e o S2 (campo real)**

O seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964/2008), privilegia o registro do real como aquele que organiza as relações entre o imaginário e o simbólico. Logo, a importância que o imaginário teve no início de sua obra foi, por vias de fato, reduzida. É também o seminário que marca a “excomunhão” da IPA e da sociedade francesa de psicanálise. Ali, Lacan retoma mais uma vez a hipótese da constituição do sujeito.

A criança se vê e fala a partir do lugar do Outro, ela se vê pelo olhar que o Outro lhe dirige e fala pela linguagem que o Outro transmite, ambas as funções são recebidas como mensagens invertidas. A criança imagina que sejam atributos do Outro sobre ela, quando na verdade é ela mesma que vê e fala por meio de outro alguém. Surge nessa operação o ideal do eu (LACAN, 1964/2008).

O ideal do eu é representado, no primeiro momento, por um dos pais ou cuidadores da criança, sendo aquele que a segura no colo e outorga a imagem totalizadora do espelho. Será no futuro o ponto de referência, no qual o sujeito será como o outro, supostamente, o vê. “O ponto do ideal do eu é o de onde o sujeito se verá, como se diz, *como visto pelo outro* – o que lhe permitirá suportar-se numa situação dual para eles satisfatória do ponto de vista do amor” (LACAN, 1964/2008, p. 259).

É, também, a partir daí que a criança desenvolve seu eu ideal, que mais tarde, após do estágio do espelho, será o seu ponto de localização e comparação de si consigo mesma. Antes do momento da formação do eu ideal, o que operava era o transitivismo. Em suma, o eu ideal é aquele que nos viabiliza adentrar na realidade constituída pelo campo do imaginário (LACAN, 1964/2008).

A partir da identificação simbólica entre a criança e o Outro surge o traço unário. Esse movimento da criança é denominado identificação primordial, que constitui a criança, que até aquele momento estava na posição de *infans*, na posição de sujeito. Esta constituição implica o vazio, a perda do objeto *a*, do qual o sujeito pode emergir. É desse vazio, da perda de algo que esteve ali, presente no corpo da criança, que o sujeito advém mediante a ausência, a privação do objeto. O traço unário representa, assim, o primeiro dos significantes a marcar o corpo da criança (LACAN, 1964/2008).

A subjetividade da criança se estrutura, em outras palavras, por meio da linguagem. O campo do simbólico surge na articulação entre significantes, o traço unário ( $S_1$ ) permite a amarração entre o que é organizado pelo registro imaginário e por aquilo que toca o sujeito e seu corpo sem ser ali escrito, que está para além das representações, aquilo que pertence ao registro do real. O traço unário tem, por conseguinte, a função de “demarcar o lugar da alteridade na inscrição dessa perda como representação, como algo passível de se tornar localizável no campo do Outro” (SILVEIRA; VORCARO, 2016, p. 513).

Segundo Fink (1998), quando o traço unário ( $S_1$ ) é isolado, está ali marcado sozinho, fora de uma cadeia, sem conexão com outros significantes ( $S_2, S_3, S_4, S_5...$ ); o sujeito é subjugado, determinado, escravizado pela repetição infinita do  $S_1$ . Porém, quando o  $S_1$  é ligado a outro significante  $S_2$  surge a subjetivação, o sujeito emerge pelo sentido e como sentido, de si mesmo.

O *infans* não entra na posição de falante apenas com a inscrição do  $S_1$ , pelo contrário, no primeiro tempo da marca do traço unário, ainda é incapaz de ascender à fala, pois a fala demanda uma articulação de pelo menos dois significantes. O primeiro ( $S_1$ ) apela por um segundo ( $S_2$ ). A criança, em sua posição de sujeito, se divide entre o  $S_1$  e o  $S_2$ . A fala surge por meio da função do *Je* (eu simbólico); a estruturação do

Eu (*Je*) na posição simbólica implica, simultaneamente, a ascensão do Eu (*moi*) alicerçado pelo registro do imaginário (BRUDER; BRAUER, 2007).

Quando não há a marca de um  $S_2$ , logo, não há um sujeito. Pois não há sujeito  $S_1$  e nem no  $S_2$ , o sujeito emerge daquilo que um significante representa para o outro. Na medida em que o  $S_1$  em si mesmo é não-senso, é sem sentido. “O  $S_2$  representa um sujeito para  $S_1$  porque  $S_2$  atribui, retroativamente, sentido a  $S_1$ , um sentido que este não tinha antes” (FINK, 1998, p. 100). Caso o  $S_1$  não esteja no seu devido lugar na constituição psíquica, cada  $S_2$  que virá a seguir ficará desamarrado, ficará fora da cadeia significante.

Quando não há a ajuda da linguagem, quando sua estrutura não é assimilada, não ocorre a delimitação e nem a reorganização do corpo e das pulsões, a criança apreende as palavras por meio da imitação. Assim, há uma prevalência das relações imaginárias. Como, por exemplo, na psicose, onde as palavras são tomadas como objetos reais, como coisas vivas (FINK, 2018). No autismo, segundo Pimenta (2012), a linguagem também não é radicalmente diferente do seu sentido imaginário, de signos linguísticos. Não há, assim, uma contradição na condição estrutural entre os signos, não há uma significação a *posteriori*, não tem a sua função de significante.

No autismo existe, então, o significante mestre ( $S_1$ ) ou traço unário. Todavia, este é impossível de dialetizar, pois por alguma razão ficou em algum lugar perdido, no tempo e no espaço. Sem o  $S_2$  a criança não pode constituir um Eu simbólico (*Je*) amarrado a um Eu imaginário (*moi*). Permanece à deriva, de suas pulsões e dos estímulos.

O próximo capítulo trata então de articular o conceito do estágio do espelho e a constituição do sujeito no autismo, assim como debater sobre as implicações que a não amarração do corpo (imaginário) com a linguagem (simbólico) acarretam ao sujeito. No fim, há um esboço sobre o tratamento possível para o autista.

## Capítulo 3: A Constituição do Sujeito na Clínica do Autismo

### Seção 3: O autista no Espelho

*Para testar, coloco a mão direita espalmada sobre o espelho. Como era de esperar, ele ao mesmo tempo vem com a sua mão esquerda, encostando-a na minha. Sorrio para ele e ele para mim. Mais do que nunca me vem a sensação de que é alguém idêntico a mim que está ali dentro do espelho, se divertindo em me imitar. Chego a ter a impressão de sentir o calor da palma da mão dele contra a minha. Fico sério, a imaginar o que aconteceria se isso fosse verdade. Quando volto a olhá-lo no rosto, vejo assombrado que ele continua a sorrir. Como, se agora estou absolutamente sério?*

*Um calafrio me corre pela espinha, arrepiando a pele: há alguém vivo dentro do espelho! Um outro eu, o meu duplo, realmente existe! Não é imaginação, pois ele ainda está sorrindo, e sinto o contato de sua mão na minha, seus dedos aos poucos entrelaçarem os meus (FERNANDO SABINO, "O menino no Espelho", 1982/2003, p. 75).*

A escolha do trecho, acima, do livro "O menino no Espelho", de Fernando Sabino, não foi à toa e nem ao acaso. Partiu da observação da presente pesquisadora, durante a faculdade (enquanto estagiária) e após (enquanto acompanhante terapêutica ou na clínica), de crianças autistas "graves" que em toda a ocasião de encontro com a imagem refletida seja no espelho, em maçanetas, vidro etc., faziam uma série de caretas e passavam minutos a fio observando a imagem, muitas vezes necessitavam ser conduzidas para as outras situações ou atividades. Enquanto outras não davam a menor importância à imagem refletida, olhavam para um além do reflexo de si mesmas.

As que se interessavam pela imagem refletida aproximavam-se e distanciavam-se do reflexo, ficavam de costas e viravam-se, rapidamente, para a imagem, como se estivessem à espera de que ela, assim como no trecho do livro, tomasse vida própria. Que seu duplo saísse ali de dentro, em uma possível suspeita de que aquela imagem fosse de si, mas ao mesmo tempo, não. Esse é um dos pontos que serviram como questionamento à pesquisa, o enamoramento, a indiferença e o estranhamento da imagem especular dos autistas. A tentativa da pesquisa é, justamente, amarrar os conceitos da constituição do sujeito, do Eu, do corpo, no autismo.

Esse último capítulo então trata, primeiramente, do termo do autismo e de sua configuração como uma categoria diagnóstica, para depois debater sobre o conceito do autismo na psicanálise, assim como as implicações da falta de amarração de um Eu e de um corpo unificados para o sujeito autista. A última seção do capítulo traz pequenas vinhetas de atendimentos, da presente pesquisadora, a crianças autistas, a fim de exemplificar e contextualizar, de forma sucinta, os conceitos debatidos no trabalho.

### **§ 1º Momento: Autismo e a Medicina**

Antes de articular o conceito do estágio do espelho ao que foi perdido ou não ocorreu na constituição do sujeito no autismo, a partir da visão da psicanálise, faz-se necessário contextualizar de forma breve o termo e o quadro diagnóstico na medicina.

O termo autismo surgiu, inicialmente, para descrever um dos sintomas secundários da esquizofrenia, por Bleuler, no início do século XX. Tornou-se uma categoria diagnóstica, diferente da esquizofrenia, apenas anos mais tarde, por meio da pesquisa do psiquiatra Leo Kanner.

Hoje o autismo não só é quadro diagnóstico isolado, mas também agrega um elevado número de crianças e adultos, pois se encontra associado à ideia de um espectro, desde a publicação do DSM-5. Essa associação entre autismo e espectro nos colocou em um momento de epidemia. Sendo que, atualmente, o transtorno do espectro autista (TEA) é um dos quadros mais utilizados para diagnosticar crianças e adolescentes. O TEA está descrito hoje como um transtorno do neurodesenvolvimento.

Todavia, antes de nos aprofundarmos na questão da atualidade do diagnóstico, vamos tratar do início do termo. Segundo Dias (2015), a criação do termo ocorreu em 1906, cunhado pelo psiquiatra Plouller, a fim de descrever os pensamentos de pacientes diagnosticados com demência. Todavia, foi o psiquiatra suíço Eugen Bleuler (1857-1939) que o disseminou em 1911 e lhe agregou um novo uso.

Bleuler passou a designar um dos sintomas fundamentais da esquizofrenia como um estado autista do sujeito; para tanto, baseou-se na teoria freudiana do autoerotismo: onde a pulsão da criança não se encaminha para o exterior, mas sim fica retida no próprio

corpo que se satisfaz com esse investimento. Em outras palavras, há um desapego da realidade e uma predominância da vida interior (SCALZO, 2019).

Para Pimenta (2012), no momento do autoerotismo freudiano, a criança toma o próprio corpo como objeto de satisfação da pulsão, sem que ela avance para outra etapa, sem que seja direcionada a objetos do mundo, investida nos outros e nas relações. A lógica é que a criança, ao longo do seu desenvolvimento, passa a investir em outros objetos para além do próprio corpo, mas essa operação só pode ocorrer quando há a presença de um Outro.

Na esquizofrenia o estado autístico aparece como traço, de um retorno a esse estado original da pulsão que tem o corpo como próprio objeto. Todavia, nas palavras de Bleuler (1911/1993), o autismo quase coincide com o que Freud chamou de autoerotismo, porém, na realidade, faz referência à perda da realidade, mas ao mesmo tempo vai um pouco além, ao incluir o fato de que na esquizofrenia não há uma perda total e completa do sentido da realidade, só há nos espaços onde o esquizofrênico tem uma ameaça, uma contradição, nos seus complexos.

A satisfação com o próprio corpo, descrita por Bleuler (1911/1993), faz referência ao prazer, não à pulsão. Então, a correlação entre autismo e autoerotismo (onde a satisfação é sempre parcial), por vezes, é extrapolada pelos pesquisadores sobre o autismo da atualidade, uma vez que o autoerotismo aborda a pulsão sexual e o estado autístico refere-se ao fato cognitivo da coisa, a satisfação do corpo com o corpo, fora da relação com o mundo. Todavia, não se pode dizer que ambos os termos não têm fatores em comum.

Retomemos agora a concepção do autismo e do estado autístico desenvolvido por Bleuler (1911/1993). O esquizofrênico, nos momentos de surto, durante o delírio, entra em um estado autístico, pois ele perde a organização do Eu como regulador psíquico. Há no momento de surto uma invasão dos processos secundários, tal qual o estado de autismo, e o sujeito permanece em um constante estado semelhante ao sonho e/ou a associação livre, sem que a fala seja dirigida a uma outra pessoa, na lógica social da linguagem. Todavia, o aparecimento desse estado só ocorre concomitante à esquizofrenia, que é em si mesma o sintoma primário no momento do surto (SCALZO, 2019; FERREIRA, VORCARO, 2017).

Portanto, a esquizofrenia é considerada, para Bleuler (1911/1993), um distúrbio associativo e o autismo é um efeito da cisão das associações. A presença do sintoma primário (a esquizofrenia deflagrada – o delírio) altera as condições da operação e do funcionamento psíquico; os sintomas secundários se apresentam, então, como resultado da desorganização ocasionada pelo processo primário, são uma tentativa de adaptação do sujeito a essa nova realidade. Ambos os sintomas, primário e secundário, conjugados constituem os sintomas fundamentais do diagnóstico.

O estado do autismo é, assim, um dos sintomas secundários que tenta dar conta da cisão das associações. É uma tentativa de lidar com o distúrbio primário (delírio, alucinações...) por meio de um retraimento para a vida interior (fechar-se em si mesmo). O pensamento autista torna-se um valor de realidade, enquanto a realidade, em si mesma, é atribuída ao valor zero. Isso ocorre pois a alteração da realidade por meio da “fantasia permite ao paciente conciliar os seus afetos com os produtos da fantasia sem obedecer à imposição insatisfatória da realidade, uma satisfação que se realiza de forma tão radical no autismo de maneira a não encontrar nenhuma resistência” (SCALZO, 2019, p. 16).

Apesar de Bleuler (1991/1993) mencionar em uma nota de rodapé que o seu conceito não tinha relação com o conceito autoerotismo de Freud, já que poderia causar conflito nas escolas de psiquiatria devido à complexidade do tema, como Scalzo (2019) pontua, o conceito de autismo não é radicalmente separado da ideia do autoerotismo, uma vez que nem mesmo Bleuler abandona totalmente a ideia de satisfação da pulsão autoerótica do sujeito esquizofrênico. Pois o paciente esquizofrênico retrai seus interesses e sua satisfação no seu mundo interior a favor do caráter imperioso de seus próprios desejos e anseios.

Partindo da criação do termo autismo de Bleuler com o que mais tarde passou a constituir uma das características do diagnóstico de autismo, há um enlace em comum. Segundo Dias (2015): “assim, os sintomas essenciais dos esquizofrênicos das crianças autistas podem ser englobados sob um comum denominador: uma ruptura das relações entre eles e o mundo exterior” (p. 308).

Em 1943 Leo Kanner, psiquiatra austríaco, publicou um estudo denominado Os Distúrbios Autísticos de Contato Afetivo<sup>22</sup> a partir dos seus estudos sobre as psicoses infantis nos Estados Unidos. Com a publicação desse estudo, Kanner separa o autismo da noção de esquizofrenia proposta por Bleuler, constituindo-o como uma nova categoria de distúrbio afetivo; em que a criança apresenta diferentes características das consideradas normais para seu desenvolvimento.

O estudo foi composto pela observação e descrição do comportamento de onze crianças, 8 meninos e 3 meninas, todas menores de 11 anos de idade, com características muito semelhantes entre si, porém com comportamentos muito diferentes dos observados em outras crianças da mesma faixa etária (KANNER, 1943).

A principal característica destacada por Kanner (1943) dessas 11 crianças estudadas foi o isolamento e o retraimento social, na medida em que todas elas demonstravam uma incapacidade de estabelecer trocas e relacionamentos com outras pessoas, assim como uma recusa e negligência de tudo o que vem do mundo externo. Todas elas aparentavam ter uma barreira/escudo no contato com outras pessoas, com o mundo exterior.

Outras características marcantes que foram destacadas no estudo de Kanner (1943) foram: uma grande necessidade de imutabilidade do ambiente ou da rotina, pois quando modificadas (ambiente e/ou rotina), geravam acessos de raiva ou crises semelhantes a ataques de pânico; um prejuízo ou atraso na fala, na aquisição da linguagem; uma escassa ou nula comunicação com os outros ao seu redor.

Três dessas crianças estudadas permaneceram mudas por toda a vida, mas para Kanner (1943), não havia nenhuma diferença delas com as oito que começaram a falar, pois as que desenvolveram a linguagem não falavam com a finalidade de comunicar-se. Repetiam, quase que infinitamente, aquilo que lhes era falado, como um eco ou um papagaio. Kanner denominou essa repetição como ecolalia diferida<sup>23</sup>.

As oito crianças que desenvolveram a fala, além de repetir, aprenderam e decoraram uma série de nomes de objetos, coisas, cores, animais, até poesia. Todavia, ainda que tenham aprendido várias palavras com o passar do tempo, essa aprendizagem

---

<sup>22</sup> *Austistic Disturbances of Affective Contact*, no original.

<sup>23</sup> *Delayed echolalia*, no original.

não tinha a finalidade de estabelecer um relacionamento com os outros ao redor. Outra característica marcante observada por Kanner (1943) trata do sentido literal que as palavras tomam, sem flexão ou diferentes significados. Este é um ponto importante a ser considerado pelo estudo psicanalítico do autismo.

Todas as onze crianças tinham uma relação muito particular com a alimentação, o que Kanner (1943) relatou se tratar da primeira intrusão vinda do mundo exterior: a do alimento. A rejeição à alimentação foi vista como a representação da rejeição ao mundo externo. Todavia, essa rejeição não é sem consequências, pelo contrário, o que foi observado e relatado é que as crianças do estudo apresentavam graves distúrbios alimentares.

Além de apresentarem uma relação diferenciada com a comida, essas crianças do estudo de Kanner (1943) apresentavam também uma relação difícil com sons. Os ruídos muito altos eram capazes de deixá-las horrorizadas, aturdidas. No entanto, ao mesmo tempo que os sons externos produziam angústia, horror, elas mesmas produziam, por vezes, barulhos tão altos quanto aqueles que elas temiam, só que sem se assustar. Situação cômica, uma vez que algumas delas haviam sido consideradas surdas, quando menores, pois não respondiam a nenhum chamado ou som.

Kanner (1943) destacou, ainda, que essas crianças repetiam alguns comportamentos diversas vezes, como, por exemplo, se balançar ou como fazer suas rotinas diárias exatamente iguais, seguir uma sequência específica para ir dormir ou uma determinada forma de se alimentar. Todos os rituais ou sequência de comportamentos deveriam ser realizados por completo, sem interrupção ou mudança, visto que esses rituais e sequências se presentificam no comportamento da criança como estratégias de defesa, arquitetadas por essas crianças para se defenderem do mundo exterior e interrompê-las durante o processo desencadeava graves crises de angústia.

As crianças autistas teriam uma boa relação estabelecida com objetos, muito diferente das relações estabelecidas com outras pessoas. Foi observado também que os objetos para aquelas crianças tinham o valor de conservação da identidade, pois nunca ameaçavam o seu isolamento, aquilo que elas mais prezavam (KANNER, 1943). Essa forte relação estabelecida com os objetos pode ser constantemente observada nas crianças diagnosticadas como autistas.

O que Kanner (1943) pôde demarcar a respeito da relação das crianças autistas com os objetos foi o grande interesse delas por eles: podiam passar horas a fio em sua companhia, distraídas, mas quando separadas de tais objetos apresentavam comportamentos de raiva ou agressividade. Além disso, Kanner correlacionava ainda que o modo que a criança autista fazia uso de seus objetos, ela fazia do próprio corpo, como se ele estivesse no mesmo estatuto, balançando ou apresentando movimentos rítmicos, obtendo um certo júbilo nesses atos.

Apesar de todas essas características diferenciais, peculiares, e repertórios limitados, as crianças autistas têm sua capacidade cognitiva não prejudicada; pelo contrário, na maioria dos casos permaneceu intacta. Este fator foi identificado, pois elas apresentavam uma excelente memorização, assim como tinham a capacidade de decorar poemas, livros, o que foi constatado por meio daquelas que começaram a falar no decorrer do seu desenvolvimento. Nesse sentido, Kanner (1943) acreditava no potencial e na inteligência dessas crianças, mas destacou que elas aprenderiam de uma forma diferente das usuais.

Em 1944, um ano após a divulgação da pesquisa de Kanner, foi publicada a tese de livre docência do pediatra Asperger, a qual foi escrita um ano antes, entregue à universidade de medicina em Viena. Na mencionada tese, Asperger (1943/2015a) descreveu casos de crianças “anormais”<sup>24</sup> que, por algum motivo, tinham uma interrupção da sua relação com o meio ambiente, meio externo. Assim como o estado de esquizofrênicos em surto, descrito por Bleuler, onde o sujeito tem um rompimento entre o eu e o mundo externo.

Por este motivo, Asperger (1943/2015a) organizou os comportamentos observados das crianças em um quadro sindrômico e denominou-o como psicopatía autística infantil. “Segundo ele, trata-se de uma síndrome caracterizada por dificuldades de integração social das crianças, cujos sintomas apareciam após o terceiro ano de vida, sem, contudo, apresentar grandes problemas de linguagem, possuindo grande inteligência” (FERREIRA, VORCARO, 2017, p. 49).

Asperger (1943/2015b) descreveu as crianças com psicopatía autística com uma elevada dificuldade de socialização, como as descritas por Kanner, e pouco afetuosas

---

<sup>24</sup> Aspas pela autora.

(com relação a demonstração de carinho), porém com grande apego aos cuidadores (mãe/pai...). Destacou que, apesar da dificuldade social, as crianças observadas possuíam uma excelente capacidade linguística, inclusive, superior à média, e uma criatividade com as palavras. “Por trás da autonomia das formulações linguísticas, há a originalidade da vivência. As crianças autistas têm a capacidade de enxergar as coisas e os processos do meio ambiente a partir de novas perspectivas” (Asperger, 1943/2015c, p. 705).

Além disso, segundo Asperger (1943/2015), as crianças com psicopatia autística seriam naturalmente cientistas, pela curiosidade e elevado nível de inteligência. Asperger chega a levantar a hipótese de que essas características positivas seriam um tipo de hipertrofia compensatória ao retraimento em si mesma da criança. Ao longo dos anos, a psicopatia autística infantil passou a ser denominada como síndrome de Asperger, cujo comportamento e desenvolvimento seria “igual”<sup>25</sup> a um autismo de alto funcionamento.

Segundo Dias (2015), apesar das descobertas de Kanner e de Asperger terem ocorrido nos anos 40, no ano de 1968 o autismo ainda estava inserido no quadro de *Esquizofrenia de início na Infância*, na segunda edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais, no DSM II, referenciado como uma concepção psicogênica. Aqui ainda havia uma influência da psicanálise na concepção e descrição dos quadros diagnósticos.

Somente na década de 80, com a publicação da terceira versão do DSM, que os autismos de Kanner e Asperger saíram da categoria de esquizofrenia (das psicoses) e passam a englobar a categoria denominada de transtornos invasivos do desenvolvimento (TID), como autismo e síndrome de Asperger. Nesta versão, porém, o diagnóstico com base no DSM III deixou de ser atravessado pela psicanálise, que incluía a relação subjetiva entre o médico e o paciente, e passou a ser baseado apenas, na grande maioria dos casos, na observação de critérios objetivos.

A inclusão do autismo e da síndrome de Asperger no DSM III como distúrbios cognitivo-adaptativos de base orgânica é muito diferente daquilo que Kanner (1943) propôs, pois na visão dele o autismo seria um transtorno afetivo. Scalzo (2019) pontua que este foi um dos fatores relevantes para a associação do autismo, a partir do ponto de

---

<sup>25</sup> Aspas pela autora.

que ele seria um distúrbio do desenvolvimento, com a ideia de que os autistas têm déficits cognitivos e mentais. Essa ideia persiste até os dias atuais; apenas os autistas de alto funcionamento (crianças que antes seriam classificadas com a síndrome de Asperger) são considerados inteligentes.

No DSM IV, de 1994, passam a ser considerados como transtornos globais do desenvolvimento (TGD), caracterizados por um prejuízo severo e invasivo em múltiplas áreas do desenvolvimento. Na versão do DSM 5, em 2014, os dois quadros diagnósticos, que até então estavam separados, foram unidos no Transtorno do Espectro Autista (TEA), assim como os demais diagnósticos que integravam os Transtornos Globais do Desenvolvimento. Este era organizado em três graduações: leve, moderado, grave. Os principais critérios diagnósticos podem ser observados abaixo:

- A. Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, conforme manifestado pelo que segue, atualmente ou por história prévia (...);
- B. Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, conforme manifestado por pelo menos dois dos seguintes, atualmente ou por história prévia (...);
- C. Os sintomas devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento (mas podem não se tornar plenamente manifestos até que as demandas sociais excedam as capacidades limitadas ou podem ser mascarados por estratégias aprendidas mais tarde na vida).
- D. Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo no presente.
- E. Essas perturbações não são mais bem explicadas por deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual) ou por atraso global do desenvolvimento. Deficiência intelectual ou transtorno do espectro autista costumam ser comórbidos; para fazer o diagnóstico da comorbidade de transtorno do espectro autista e deficiência intelectual, a comunicação social deve estar abaixo do esperado para o nível geral do desenvolvimento (APA, 2014, p. 50-51).

Além disso, o Manual aponta, ainda, que todas as pessoas que receberam algum dos diagnósticos descritos dentro de uma das categorias do Transtorno Global do Desenvolvimento no DSM-IV devem receber o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. Neste balaio cabem, então, as mais variadas apresentações de crianças e adolescentes. O que se tornou problemático, pois houve uma ampliação da categoria, que, por sua vez, não traz uma boa definição (os critérios são amplos, como pode ser observado acima); não há nenhuma apresentação específica sobre a etiologia do transtorno. Porém, há uma prevalência do autismo em função do diagnóstico de psicose infantil.

Esta nova configuração do autismo como um transtorno espectral marca uma drástica mudança no número de casos diagnosticados. O autismo passou de uma síndrome rara, na época do isolamento do conceito enquanto uma categoria específica de diagnóstico por Kanner (1943), para uma epidemia diagnóstica que incide no mundo inteiro.

Segundo Laurent (2014), a junção de todas as categorias dos Transtornos Globais do Desenvolvimento em só diagnóstico, em TEA, só fez o número de diagnósticos crescer de forma exorbitante. O que pode ser justificado pela característica da palavra **espectro**, em si mesma, pois ela acaba por abranger uma margem muito maior do que as anteriormente utilizadas no quadro diagnóstico do DSM, autismo e síndrome de Asperger.

Em 2015, dois anos após a primeira publicação do DSM-5, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estimava que cerca de 70 milhões de pessoas no mundo foram diagnosticadas com autismo, o que corresponde a 1% da população total do mundo. Desta maneira, a síndrome pode atingir 1 a cada 50 pessoas, na proporção de 3 meninos para 1 menina.

Pode-se observar, portanto, que ao longo dos últimos anos o número de diagnósticos de autismo disparou, principalmente, depois que passou a integrar a categoria de espectro. Além disso, vemos no cenário artístico um grande aumento no número de filmes, novelas e séries sobre a temática. No cenário da ciência, por sua vez, são produzidas inúmeras pesquisas anualmente, especialmente, no âmbito genético, a respeito das possíveis causas do autismo e no âmbito comportamental, uma série de manuais tem-se desenvolvido para padronizar o tratamento da criança autista, nos quais a criança não tem sua singularidade observada e nem respeitada, passam por um processo educacional da aprendizagem e de comportamento, a fim de inseri-las no âmbito social com comportamentos dentro do quadro de uma dita normalidade.

A psicanálise, em todo esse contexto, tem, por outro lado, perdido espaço. A justificativa se dá por não se tratar de uma técnica científica, pois quase não produz trabalhos baseados em evidências empíricas da ciência. Não pode ser duplicada e replicada, não tem um molde de trabalho em comum para todas as crianças autistas. Este é um dos motivos pelos quais cada vez mais publicações psicanalíticas têm de

ser publicadas e divulgadas a respeito do autismo, principalmente sobre a prática clínica, não só em revistas específicas de psicanálise, mas também em outros espaços da *polis*.

Para tanto, o presente trabalho questiona-se: como se opera a constituição do sujeito na clínica do autismo? Através do conceito do estágio do espelho tentamos dar uma certa borda à questão, para chegar à discussão e esboçar sobre as possibilidades de intervenção neste campo.

## **§ 2º Momento: A constituição do sujeito – Autismo e Psicanálise**

No capítulo 2 da presente dissertação, pode-se observar o percurso de Lacan a respeito do conceito do estágio do espelho; o dito conceito foi escolhido para articular a questão do autismo, pois é essencial para tratar daquilo que ocorre nas circunstâncias peculiares do autismo, como, por exemplo, a hipersensibilidade aos estímulos sensoriais.

No seminário 9 – A identificação (1961-62), Lacan vincula uma ligação elementar entre o significante e a constituição do sujeito no lugar do desejo. O que amarra essas duas proposições é a imagem especular, a imagem fundamental (imagem nó), que permite ao sujeito mediar o seu desejo. O desejo do homem é o desejo do Outro, daquele que é idêntico a ele, porém o transcende, pois detém um tesouro – os significantes.

A criança se vê diante de dois desejos, o seu próprio (representado como um objeto) e o desejo do Outro. “E mesmo ao dar a esse desejo do Outro a primazia, ela teria de situar, de definir seu próprio desejo numa espécie de referência, de relação ou não de dependência a esse desejo do Outro” (LACAN, 1961-62/2003, p. 305). É a constituição do sujeito, por meio da sua imagem especular que promove uma ponte entre o sujeito, o desejo e o significante.

O significante é o que possibilita ao sujeito se constituir para além da demanda, da necessidade e da vontade, no lugar do desejo. O desejo trata-se de uma busca incessante por algo a mais, que não pode ser satisfeito por nenhum objeto especificado, não é passível de ser extinguido. A ligação do desejo com o significante

está vinculada ao movimento dialético, onde um significante “pede” por outro (metonímia). O desejo é oposto à fixação em um único objeto (FINK, 1998).

A extração do objeto *a*, objeto que simboliza algo que foi perdido da imagem totalizadora do Eu e do corpo da criança, é aquilo que traz, evoca, o desejo. O que causa desejo à criança é o desejo do Outro e não sua demanda. Não basta que a criança configure um objeto observado por aquele que presentifica o Outro, é necessário que ela seja olhada, aqui o olhar se presentifica como pulsão escópica. Não se trata de um olhar qualquer (FINK, 1998).

O olhar e a voz são manifestações do desejo do Outro, não são especularizáveis, não podem ser vistos em si mesmos, se expõem em uma forma abstrata, no sentido de que não podem ser capturados. Por essa razão, são muito difíceis de serem simbolizados ou formalizados pela criança, pelo fato de que não podem ser “significantizados” (FINK, 1998). O psicanalista Paul-Laurent Assoun (1999) tem um interessante trabalho sobre o olhar e a voz como pulsões, como as versões escópica e invocante do objeto *a*.

Para Assoun (1999), o olhar e a voz são objetos parciais, assim como o seio e o excremento, que possibilitam uma amarração entre aquilo que um dia foi demanda para ascender no lugar de desejo do Outro. O seio, enquanto representante do objeto oral, é referido como demanda **do** Outro, já o excremento, no lugar de objeto anal, é uma demanda **ao** Outro. O olhar, objeto escópico, é referido como desejo **pelo** Outro, a voz, surge então, como objeto invocante ou vocal, no que confere o desejo **do** Outro.

Há, portanto, uma analogia apresentada aqui, em que o olhar é o meio pelo qual a criança deseja **ao** Outro, assim como, é pelo seio que a criança demanda **ao** Outro. A mesma analogia se observa com relação à voz e ao excremento. Pela voz a criança deseja **do** Outro, pelo excremento ela demanda **do** Outro. A voz se presentifica com uma agressividade análoga à demanda anal. “Eis aí um ponto de destituição e de alienação radical. O olhar e a voz se encontram, assim, na linha de frente do desejo e da castração” (ASSOUN, 1999, p. 91).

Esta relação entre os objetos parciais e a pulsão coloca a imagem especular em outra posição,

Não é mais somente a função do “eu” [je] que está engajada nesta “*Gestalt*” ou exterioridade, onde ele é convidado a se

identificar, imagem do corpo próprio (2). É a recaptura desse “eu” [je] pelo que, desde antes do evento da assunção antecipada da sua imagem, prende-o sobre o fogo de um olhar. Em resumo, passa-se de uma problemática do “eu” [je] espetacular a um contexto em que o “eu” [je] se institui no coração do *speculum mundi* (ASSOUN, 1999, p. 91).

A imagem especular, em vista disso, não se trata simplesmente de uma ilusão, de uma *Gestalt* cativante cuja ligação com a agressividade é marcada, no momento do transitivismo do Eu. Ela é de certa forma um erro, na medida em que no início da existência a criança tem um desconhecimento fundamental e radical de si mesma; quando ocorre a assunção da imagem especular há uma operação de reconhecimento, todavia a relação se dá por meio um “des-conhecimento”. O Eu (*moi*) se constrói pela reunião da ortografia entre o corpo e o significante (LACAN, 1961-62/2003).

No momento em que a criança se engana com a *Gestalt* do seu corpo, e do seu Eu, acredita ter diante de si a imagem real de si mesma. O sujeito marcado pelo traço unário tem uma amarração entre o corpo e o significante, que lhe traz um certo apoio, mas no lugar se trata de um lugar de engodo, a identificação com imagem especular tem uma relação indireta no que se oculta atrás dela. O sujeito se constitui por meio de sua relação com o Outro, pois o sujeito é o sujeito do discurso, o da linguagem (LACAN, 1961-62/2003).

A hipótese psicanalítica é que no autismo o sujeito está dentro da linguagem, uma vez que houve a marca do traço unário (do  $S_1$ ), todavia está fora do discurso (das trocas simbólicas, de significantes). Segundo Maleval (2017), o autista apresenta uma carência enunciativa, não toma a palavra e faz uso dela na posição de enunciador, daquele que diz “eu quero”, “eu sinto”, “eu gosto”, “eu odeio”, etc. Isso não implica que o autista não se comunica, seja pela voz, seja pelo gesto, todavia ele se apaga no processo de comunicação. O autista, portanto, não coloca em jogo o gozo<sup>26</sup> vocal, nem seus afetos e, muito menos, a sua presença.

---

<sup>26</sup> O gozo (*jouissance*) de que estamos tratando aqui é, conforme Zizek (2010), uma intrusão violenta, traumática, de um excesso no corpo que traz mais dor do que prazer. Contudo, há um caráter imperativo no gozo, pois ele apresenta-se como um dever estranho e distorcido que o sujeito se sente impelido a satisfazer. O gozo tem uma natureza compulsiva.

O casal Lefort (2017) caracteriza que no autismo há uma ausência do  $S_2$ , o que deixa o  $S_1$  isolado, sozinho, fora da cadeia. O  $S_1$  não pode, dessa maneira, representar o sujeito autista. Pois, como observamos no seminário 11 de Lacan (1964/2008), o  $S_1$  sozinho não tem um sentido, está no lugar do *nonsense*. Pois, o  $S_1$  só recebe um sentido de forma retroativa, quando um outro significante é ligado à cadeia, na presença de um  $S_2$ . Portanto, quando o  $S_1$  não está no lugar onde deveria, na constituição psíquica, impossibilita a ligação com qualquer  $S_2$  que venha a surgir, a cadeia significante fica desamarrada.

No autismo há, então, segundo Laurent (2014), uma interrupção da mensagem da cadeia entre dois significantes, no entanto, não há um sinal da detecção dessa ruptura (como, por exemplo, a alucinação na psicose). O que ocorre é a repetição de um mesmo significante  $S_1$ , que é radicalmente separado de qualquer outro significante, essa desconexão retira o sentido da mensagem do Outro. Entretanto, essa pura repetição do Um produz um efeito de gozo.

Vale recapitular, nesse ponto, que o Outro aqui referido se trata do lugar que situa a cadeia de significantes, da produção de sentido, que representa tudo aquilo que o sujeito vai poder se presentificar. O ser (o sujeito) se articula ao sentido (o Outro) pela conexão de um significante. É nessa intersecção entre a criança e o Outro que nasce o sujeito (LAURENT, 1997).

Este Outro é o lugar dos significantes e da fala, ele precede e fala sobre o sujeito antes de seu nascimento. Assim, podemos dizer que o Outro é a primeira causa do sujeito, na medida em que o sujeito é efeito do significante. Antes de surgir o significante para representar a criança, ela não está na sua posição de sujeito. Logo, antes do significante o sujeito não é nada além de um ser vivo, pois é o Outro que responde à questão de sua existência e o transforma pela linguagem (SOLER, 1997).

Após tratar da questão do Outro, retomamos o autismo agora pelo ponto de vista de Soler (2007) que crê, primeiramente, que não há um autismo puro. O autista, então, seria aquele que está num estado aquém da alienação ao significante do Outro, permanece em sua borda. Porém, por mais que as crianças autistas permaneçam aquém da alienação e mesmo que algumas não falem, não significa que elas não sejam sujeitos, na medida em que falamos com elas e sobre elas.

Para as crianças autistas, sem a conexão entre o  $S_1$  e o  $S_2$ , a linguagem não se presentifica como significante, fica na posição de signo, de letra. Quando não há a costura entre as palavras (significantes) com imagem do *Eu* e do corpo (imagens especulares), a aparição dos objetos pulsionais compartilhados com o Outro permanecem no lugar de signos de presença. Dois objetos se destacam aqui como signos da presença: o olhar (a pulsão escópica) e a voz (pulsão invocante/vocal), como perseguidores da criança. Para se defender, as crianças autistas recusam, evitam, anulam os signos do Outro (SOLER, 2007).

Sem o apoio do *Eu* e da imagem especular, a criança não pode se separar de fato do Outro, as palavras ficam com peso de signo. O simbólico é mais do que o simples fato do aprendizado das palavras de uma língua. Para Soler (2007), “o acesso ao simbólico supõe (...) o efeito do esvaziamento no real do ser vivo, que produz a promoção de um significante” (p. 119), no sentido que o significante surge a partir da simbolização de uma ausência, pois demarca um vazio que depois será preenchido por um sentido.

Maud Mannoni (1971) articula que a criança, em seus primeiros anos de vida, deve passar por uma série de conflitos que são necessários para que ela possa ocupar a posição de sujeito. Esses conflitos são, primeiramente, os identificatórios, passando-se no campo do imaginário. A identificação está, no início, ligada, essencialmente, ao narcisismo pela imagem de si mesmo e, depois, pela imagem do outro.

A relação entre a criança e o outro é, então, marcada por uma situação dual, de enamoramento e de agressividade. Para que a criança possa se situar além da relação dual imaginária, é necessário que haja a entrada da linguagem, no simbólico, composto por significantes, pela lei, pela cultura (MANNONI, 1971).

Quando uma criança não adquiriu uma imagem totalizante de si mesma, enquanto corpo unificado, sente-se, por consequência, em perigo. Há uma sensação de estar ameaçada, estar em exposição, a uma agressão interior, todavia projetada no exterior, em resultado da agressividade contida no momento de transitivismo do eu (MANNONI, 1971).

O que Mannoni (1971) debate é, justamente, que quando há uma ausência da imagem especular e, conseqüentemente, de um *Eu* unificado, a criança está impedida de fugir do próprio corpo, ou seja, de regular as sensações, os estímulos, as

pulsões. O encontro dela com os signos da presença do Outro, sem o recurso simbólico, coloca-a em momentos de pura angústia, há uma sensação de que será aniquilada, destruída de presença do Outro.

A presença das pessoas, partindo desse princípio, é para a criança autista sentida como invasiva, pois sempre há uma relação de demanda e apelo do outro para com ela, o que é insuportável. Por este motivo autistas tentam anular a presença do outro, muitas parecem surdas. Elas não chamam o alguém, a medida em que recusam o Outro, se organizam pela ausência de uma dimensão de apelo e com a recusa a serem chamadas pelo Outro. São crianças que estão fora da troca com o outro, fora do eixo da demanda (SOLER, 2007).

É claro que, mesmo enquanto bebê, como pode-se observar pelas pesquisas de Laznik nos últimos anos, a criança apresenta gestos e uma motricidade que são carregados com significações. Todavia, bem como nos avisa Mannoni (1971), esses gestos, sons, motricidade etc. só passam a ter de fato um sentido pelo circuito da relação da criança com o Outro.

Vamos tratar de um exemplo, descrito por Gherovici (1999). O choro do bebê é inicialmente indiferenciado e vai aos poucos tomando significado por aquele quem dedica cuidados a ele. Este Outro, ocupado pela figura do pequeno outro, “traduz” o que o bebê quer expressar, qual mensagem ele quer enviar com seu choro. Este é o primeiro momento do sistema de comunicação. Nessa via, o choro toma um caráter de **voz**, de apelo, de demanda, não é mais apenas um grito sem sentido. Depois de estabelecida essa forma de comunicação, a criança tem uma transmutação das suas necessidades em demandas.

O corpo da criança, que nos primórdios é o da fisiologia, está em um lugar de organismo, mas quando é tocado pela linguagem, sofre um processo de reescritura, pois o que é da fisiologia será recortado pelo significante. Esse processo, como pontua Fink (1998) faz com que o todos os nossos prazeres corporais acabem por implicar e envolver uma certa relação com o Outro. A criança aliena seu corpo à linguagem, o sobrescreve, na medida em que foi tocado pelo significante.

No caso dos autistas, como nos adverte Maleval (2017), há uma dificuldade intrínseca em enlaçar os afetos (sensações, estímulos...) à fala (significantes). Dificuldade em amarrar o que há no corpo, no início, como uma necessidade em,

depois do significante, demanda. Há uma carência na mortificação do gozo vivo, que só é operada pela linguagem. “Com isso, não está dado à criança autista, de início, saber que os sons pronunciados pelas pessoas que a rodeiam estão em conexão com uma apreciação emocional. Ela não sabe por que experimentou isso” (p. 110).

É pelo olhar e pela voz que o Outro chama a criança, que por sua vez recusa essa intimação, convocação, do Outro. Isto resulta na ausência do apelo, que implica também na recusa de ser chamada pelo Outro. O Outro permanece para a criança no lugar de puramente real e, concomitantemente, ela permanece como puros significados do Outro. Esse aspecto as coloca na posição de sujeitos, mas não de enunciadores. “Por aí percebemos que esses sujeitos não entram por conta própria na alienação significante. São capturados nela apenas no nível da fala e dos significantes do Outro” (SOLER, 2007, p. 71).

Ao se privar do uso significante da linguagem, o sujeito não opera em uma construção do espaço, entre o aqui/ali, o eu/outro, sem diferenciação; a criança está então misturada com o mundo exterior. Ao tapar os ouvidos, a criança tenta produzir um intervalo, mas isto não é possível, já que não se pode proteger do verbo, da demanda que vem do Outro (LACAN, 1967). O autista decora a sequência do que lhe é demandado e, geralmente, não se importa com repetir diversas vezes, pois o que ele menos quer é que novas demandas sejam feitas. Podemos observar isso na execução exaustiva de atividades, como, por exemplo, nos métodos TEACH e ABA, exatamente iguais.

A criança autista não apela pelo outro, por vezes parece surda, pois não responde aos chamados; em outras parece ter problema de visão, não olha diretamente, ou olha só para alguns objetos, ou quando te olha te “atravessa” (como se você fosse transparente).

Quando a criança, segundo Flesler (2012), tenta colocar um tampão no jogo simbólico – que permite à criança adentrar no eixo da demanda “O que o Outro quer?” – que seria produzido em sua relação com o Outro, o significante passa a operar como signo. “Em lugar de representar o sujeito para um outro significante, representará algo para alguém, freando as novas significações para o sujeito” (p. 34). A criança fica, então, em um lugar congelado de representações com pouca ou nenhuma mobilidade de sentido. Nas crianças autistas vemos uma grande necessidade de imutabilidade

do ambiente, da rotina, isso surge como resultado de sua posição congelada e da relação com as palavras no plano de signos.

A superfície do corpo, para os Lefort (1984), é por onde o bebê começa a se estruturar na vida. Essa superfície é, primeiramente, de contato real e, ao mesmo tempo, uma superfície além do alcance da imagem de si mesma; no tempo do estágio do espelho há uma interposição entre a superfície do corpo com a superfície do espelho. “É esta superfície que separa dois espaços, redobrando o espaço real num espaço virtual, que a conduz a apreender verdadeiramente o primeiro espaço como limitado pelo espelho, com um além que é o espaço virtual” (p. 275).

Este redobramento da imagem especular por meio do espaço do espelho permite que a criança crie uma noção de distância entre si e o outro, dos corpos à imagem. Do dentro, do fora e do furo (do buraco). Isto quer dizer que, representam os furos reais no corpo da criança (da boca ao ânus) têm de ser inscritos, nomeados, por meio de sua relação com o Outro na forma de estruturas (LEFORT; LEFORT, 1984).

O que está implicado aqui é o corpo enquanto superfície que desliza os significantes e que é, concomitantemente, estruturado por eles. Esse deslizamento de significantes funda a metonímia de palavra a palavra, do nome da criança (do eu) à própria imagem, produz um sentido (LEFORT; LEFORT, 1984). “Há, portanto, a necessidade de um encontro do corpo com a imagem, pela intervenção da linguagem, para que variadas significações possam ser realizadas” (CALZAVARA; VORCARO, 2018, p. 35).

É a voz do Outro, enquanto objeto pulsional, que promove a noção de distância entre a criança e os outros, tem esse lugar de separação por conta dos significantes que delimitam o corpo e representam o sujeito (LEFORT; LEFORT, 1984). No autismo, pelo entendimento do casal Lefort, não há um Outro constituído à criança, pois a posição do Outro implica uma verdadeira alteridade, à qual a criança pode endereçar seu apelo; portanto, a criança autista não seria de fato um sujeito.

Todavia, na presente dissertação ressalta-se, por meio do entendimento de outros autores que há, sim, um sujeito autista, na medida em que o sujeito, como afirma Flesler (2012), é sempre sujeito da linguagem, já que o seu ser é atravessado pela linguagem desde o princípio, desde antes do nascimento. Lacan (1975), na

conferência em Genebra sobre o sintoma, afirmou que o ser humano é, em essência, um ser falante.

Na mesma conferência Lacan (1975) elencou algumas questões preciosas sobre o autismo e marcou que, embora a mãe fale à criança e sobre a criança, é de suma importância que a criança a escute. Todavia, o que ocorre no autismo é que a criança escuta a si mesma. Há ali uma fixação radical da criança ao gozo da linguagem.

Seguindo esse horizonte, a criança autista, como diz Soler (2007), necessita que o Outro permaneça inerte. Pois tudo o que se mexe no campo do Outro, tudo o que multiplica as demandas, que é instável, inconstante, imprevisível, tem impacto direto e imediato na criança. Nesse viés, a criança autista tem sua estabilidade na medida em que o Outro não se mexa. Por isso, a postura do autista é frear a dialética da fala do Outro, para que os signos da presença do Outro (olhar e voz) não entrem em jogo.

Segundo Pimenta (2012), a falta do organizador simbólico (da cadeia de significantes) à criança autista produz uma dificuldade na assimilação espacial, pois é na amarração entre o corpo e o significante que ocorre uma distribuição e ordenação das sensações, percepções de uma criança. A falta dessa organização, no autismo, faz com que não haja uma separação entre o dentro e o fora, portanto, eles aparecem como se fossem um contínuo, um toro<sup>27</sup>.

O corpo aparece na dimensão tridimensional, no espelho, quando há uma divisão espacial do corpo em um interior e um exterior; no primeiro momento, a criança tem uma noção si e do mundo de forma bidimensional. Os Lefort (1984) nos revelam que esse momento tridimensional do corpo ocorre quando o corpo do sujeito se encontra preenchido pelos significantes do corpo do Outro. O que isso acarreta? Que,

---

<sup>27</sup> O toro é uma superfície redonda, que se assemelha a uma boia, com um buraco no meio (um vazio). O toro foi utilizado por Lacan com a finalidade de demonstrar a relação que liga o desejo à demanda com relação à identificação. A demanda aparece para o sujeito por meio da repetição, repetição fundamental que desconhece aquilo que testemunha – um dito desejo que lhe é desconhecido. O desejo, mesmo em sua grande importância na estruturação do sujeito, permanece sempre como desconhecido (por sua natureza metonímica). “Por isso, pode-se entender que o desejo contorna o objeto, e o objeto é dito o que falta = *furo*.” (MONTEIRO, 2014, p. 135).

no primeiro momento da existência, o corpo configura à criança um objeto parcial; em outras palavras, é com as partes do próprio corpo que a criança brinca.

Os balbucios, no começo da vida do bebê, representam pedaços dele. A linguagem surge como pedaços, fragmentos de sons que um dia pertenceram ao corpo da criança. A pulsão invocante, arrematada pelo Outro, é o que permite que a criança constitua júbilo nos primeiros balbucios da língua materna (*lalangue*), o que produz à criança satisfação. A criança pequena brinca com os sons, a musicalidade dos fonemas e das palavras que posteriormente ocuparão a posição de significantes (JAANUS, 1997).

O que se pode observar, conforme Maleval (2017), é que as crianças autistas, desde o início, têm uma ausência ou uma pobreza de balbucios. Há uma dificuldade em cifrar, limitar, o gozo vocal. Não há um jogo de troca sonoras entre a criança autista e o Outro. A entrada da criança na linguagem está inscrita no campo dos signos, os balbucios não estão no nível da musicalidade da língua, mas sim como objetos, dos quais as crianças autistas se utilizam para tentar ordenar seu mundo.

Porém, como Laurent (2014) nos adverte, apesar de a criança autista estar aquém, ou melhor, na borda da linguagem, “uma vez nomeado, o corpo não pode esquecer sua inclusão no banho da linguagem” (p. 104). O autista, portanto, não está fora da linguagem, pois ele é capaz, dentro de determinadas condições, de expressar suas percepções e sentimentos por meio de uma mensagem, fala e/ou gesto, de uma maneira singular. Para ele, a própria mensagem não retorna de forma invertida do lugar do Outro (como no esquema L), pelo contrário, sem o recurso especular, a inserção da criança autista na linguagem se dá em um lugar da criação de língua privada (criação de palavras, significados diferentes...).

Observa-se na clínica com crianças autistas que elas têm uma grande dificuldade de compreender o humor, o sarcasmo, assim como têm com as palavras uma relação de literalidade. Têm dificuldades em entender as diferentes entonações na fala dos outros ao seu redor, como também têm dificuldade em operar uma entonação na voz.

O autista fala de forma a apagar a voz, ao mesmo tempo em que, em muitas ocasiões, tapa os ouvidos. Isso acontece, segundo Maleval (2017), pois a voz no lugar de objeto pulsional não é a sonoridade de uma palavra, mas sim aquilo que carrega a

presença de alguém, de um dizer. A voz enquanto objeto pulsional causa à criança autista terror, angústia. Tem, então, de proteger-se e o faz na medida em que apresenta uma verborragia ou um mutismo; a própria voz lhe causa horror, e com relação à voz do Outro, o autista a evita por meio da interlocução (interrupção do discurso) – fazendo eco (repetição), tapando os ouvidos, gritando...

A voz na posição de objeto pulsional tem como peculiaridade a especificidade de articular a identificação primordial da imagem especular da criança com o Outro. Isso implica que, no autismo, a recusa em ceder ao gozo vocal afeta a inscrição da criança e de seu corpo ao significante, ao campo do Outro (MALEVAL, 2017).

A criança autista seria aquela que não enlaçou o corpo à voz, na estruturação de um corpo erogenizado – marcado pela pulsão, a pulsão invocante. A voz do Outro fica no estatuto do som, não é articulada à pulsão, não assume o lugar de invocante. Por esta ocasião ou desencontro, a criança não tem acesso ao desejo do Outro, as palavras permanecem como ruídos, não emergem como significantes. Catão (2010) afirma que a voz na clínica do autismo não se constitui como uma função psíquica, não ocupa o lugar de objeto parcial.

A voz materna é como música, sem uma letra específica, para a criança e possui duas funções: de letra, que dá suporte ao significante, e como objeto, primeiro objeto diante do qual a pulsão se organiza e que possibilita a entrada do bebê na linguagem. “A função da fala é conferir um sentido às funções do indivíduo. O ato performático da fala visa a significação” (CATÃO, 2010, p. 115).

A voz produz à criança um choque em seu corpo, por ocasião, pode articular a imagem especular ao significante. Por outra, quando não há a articulação da imagem especular ao significante, a linguagem se inscreve por meio do signo, as palavras são cristalizadas em imagens (aprendidas por seus significados objetivos), o que dificulta a formação de conceitos simbólicos; não há espaço para o hiato do não-sentido (CALZAVARA; VORCARO, 2018; CASTRO, 2018).

O que nos aponta Fink (1998) sobre a questão é que, no autismo, podemos considerar que há apenas um significante ou apenas alguns poucos significantes mestres ( $S_1$ ) que são virtualmente impossíveis de deslizar, dialetizar. A criança autista não assimila o Outro como linguagem, por isso não responde no eixo da demanda. Quando a criança não está no campo discursivo da linguagem (dos significantes) e,

sim, no do signo, a palavra é tomada como uma coisa, como um objeto real. A linguagem é aprendida por meio de imitação pelo seu sentido literal.

Na prática, a não assimilação do significante e a não articulação com a imagem especular (que permanece no estado “aberta”) tem uma implicação direta na apreensão da realidade, pois nosso acesso à realidade ocorre pela mediação da linguagem (FINK, 2015). Todavia, para que a linguagem (enquanto significantes) possa se ligar à criança, precisa haver uma imagem especular, um corpo organizado. Essa relação se dá por um duplo movimento, em que o campo do imaginário necessita do campo simbólico e vice-versa.

Fica visível no trabalho clínico com crianças autistas que elas apresentam uma relação muito peculiar com a língua, mas também com o corpo. Na medida em que a “observação acurada de seus comportamentos permite concluir que não houve uma constituição imaginária que desse suporte à sua relação com o mundo” (PIMENTA, 2012, p. 130). Na constituição do sujeito autista, há idiosincrasias no estágio do espelho, na formação do corpo e do Eu, que resultam em dificuldades.

A partir do seminário 10 de Lacan (1962-63/2005), o objeto *a* passa a integrar o esquema dos espelhos (esquema óptico), para tratar sobre a constituição da imagem especular. Sendo ele o objeto que cai, o resto que não é nem do sujeito e nem do Outro. O objeto *a* deve ser extraído do campo imaginário do corpo da criança, organizado na imagem especular. No autismo, por não haver a extração do objeto *a*, não há a constituição das zonas erógenas (PIMENTA, 2012).

As zonas erógenas são responsáveis por delimitar o corpo e alojar o gozo, no sentido de que quando não há o “cutelo” da linguagem, o gozo não pode ser limitado, despedaçado, não passa por um interdito (PIMENTA, 2012; SOLER, 2012). “Dessa maneira, no autismo, a falta da inscrição significante, por parte do Outro primordial, não produz na criança a delimitação de seu corpo sob bordas erógenas” (CALZAVARA; FERREIRA, 2019, p. 440).

Como nos alerta Brousse (2014), quando não há a imagem especular, não há nem uma unidade do corpo e nem do Eu, e o que resta à criança é a experiência das sensações múltiplas, em que as sensações corporais e orgânicas não se organizam em unidade. O corpo fica fragmentado e a criança não consegue regular aquilo que vem do seu próprio corpo e nem os estímulos que vêm de fora.

As crianças autistas, mediante essa fragmentação do corpo e a não contenção do gozo, apresentam gestos que parecem ser, muitas vezes, enlouquecidos e sem sentido, denominados como os movimentos de estereotipia. Estes têm uma importante função de ato “de um ‘sujeito mudo da pulsão’, por ela agido, como se, nessa força do ato em que se agita, o sujeito tentasse, paradoxalmente, dar um lugar a um corte separador, onde não há” (FERREIRA; VORCARO, 2017, p. 91).

Bialer (2014) enfatiza que, além disso, os movimentos de estereotipia têm função de proteção corporal, de casulo, o que ajuda a controlar a entrada de estímulos e servem como organizadores/estabilizadores. Já que no autismo não há para o sujeito um filtro de estímulos – pois esse filtro é constituído por um corpo imaginário (imagem especular) e por um corpo simbólico (significantes) – há, dessa forma, uma sensação de bombardeio do mundo exterior (FINK, 2015).

Isso tem relação direta com o que Melão (2008) sinaliza sobre o autista: por não ter o circuito pulsional “fechado”, um corpo delimitado, o autista obtém a sua satisfação pelo orgânico, no Real do corpo, que não pode ser simbolizado e integrado a partir da imagem especular, o que leva o corpo a ser perceptivo e não simbolizado.

A falta de um corpo delimitado e a ausência do organizador simbólico (cadeia de significantes) acaba por gerar também distorções na temporalidade do autista. Diferentemente da neurose, em que a significação fálica que a criança dá ao desejo do Outro proporciona a ela organizar seu tempo, entre antecipação e retroação, no autismo, a relação com o tempo fica desorganizada. O que pode ser exemplificado, conforme Pimenta (2012), com o fato desses sujeitos responderem as perguntas como um eco, pois entre a pergunta e a resposta há um lapso de tempo, na medida em que as duas estão desconectadas.

Em face desse cenário, no conjunto das peculiaridades e de fenômenos, o que de fato pode ser observado é que não há apenas comportamentos x ou y que representem toda a categoria de autistas. Alguns falam, outros não. Uns mantêm contato pelo olhar, outros não suportam esse contato. O que nos aponta ao horizonte de que nem sempre o sujeito que é diagnosticado como autista por meio dos critérios do DSM-5 é considerado autista pela psicanálise, visto que, para a psicanálise, o

sujeito autista é aquele que se relaciona de uma forma específica com o Outro e com o objeto.

Isso significa que à psicanálise o que realmente interessa para o diagnóstico clínico de autismo é a relação da criança frente ao Outro. Segundo Soler (2007), os autistas são aqueles que se sentem perseguidos pelos signos da presença do Outro. Pelo objeto voz e pelo objeto olhar. A presença do Outro é invasiva, pois quando há demanda, surge um mar de angústia, então não querem que novas demandas se apresentem, toda vez que há uma nova demanda, isso gera um grande esforço (o autista não tem o recurso das imagens especulares e nem dos significantes para se representar).

Por isso, há uma tentativa de anular o Outro, e por esse motivo, alguns parecem surdos ou aparentam ter problemas no olhar. Na mesma via de não atender à demanda do Outro, a criança autista não apela pelo Outro, não há uma dialética na demanda. O corpo da criança autista fica como que fora-das-normas, do desenvolvimento pulsional, não tem um limite corporal. O que se apresenta na aparente ausência de fronteira entre o próprio corpo e o corpo do Outro, que resulta também em uma percepção de que o corpo do Outro é um prolongamento do seu (PIMENTA, 2007; SOLER, 2012).

Na próxima seção abordaremos essas questões por meio de pequenos extratos clínicos da pesquisadora, em atendimentos e acompanhamentos terapêuticos de crianças autistas, com a finalidade de referenciar e articular, mesmo que de forma sucinta, o que foi trabalhado ao longo da pesquisa.

### **§ 3º Momento: O autismo em manifestação**

Apresentaremos vinhetas (extratos) clínicas extraídas da prática clínica da presente autora com a finalidade de ilustrar os temas aqui desenvolvidos.

O relato de pequenas vinhetas tem como intuito demonstrar o que foi proposto como objetivo geral do trabalho: a articulação do conceito do estágio do espelho e a constituição do sujeito no autismo. Essas pequenas pontuações preservam a identidade das crianças atendidas; os nomes apresentados aqui são fictícios, assim

como não será relatada a história minuciosa de nenhuma delas por questões éticas e de sigilo.

A questão de pesquisa surgiu em meio a momentos específicos e pontuais ocorridos durante o trabalho de acompanhamento terapêutico ou de atendimentos clínicos. O primeiro a ser apresentado é o Michael, um menino de 9 anos, diagnosticado com autismo grave. Michael não falava, porém cantava quase o tempo todo, sabia todas as músicas de Michael Jackson de cor e salteado. Cantarolava e fazia as batidas das músicas seguindo o ritmo delas.

Michael quase nunca fazia contato visual comigo ou com as outras crianças que o cercavam. Todavia, quando íamos ao banheiro ou em espaços onde havia um espelho ou uma superfície que permitia a visão do seu reflexo, ficava muito tempo fazendo caretas, se aproximava e afastava da imagem refletida de si mesmo inúmeras vezes. E nesses momentos, por meio da imagem do espelho, fazia o contato visual comigo. Contato este mediado pelo reflexo, que parecia ser mais suportável; em várias ocasiões sorria em nosso encontro de olhares, o que não acontecia em outros momentos do dia.

Segundo Laurent (2014), sem um corpo (imaginário e simbólico), articulado entre a imagem especular e o significante, é necessário que o analista seja parceiro do autista e lhe empreste algo do próprio corpo para que a criança possa construir uma borda, que dará forma ao corpo dela. Para que uma criança consiga sustentar a troca de olhares, é necessário que ela tenha um corpo que lhe dê consistência, pois sem esse, a experiência do estádio do espelho se resume à do duplo, em um momento bidimensional do corpo – onde há uma mistura entre o Eu e o outro, onde há um transativismo e, ao mesmo tempo, uma agressividade.

O autista é aquele que permanece fixado no real, sem suporte do simbólico para lidar com esse excesso em seu corpo (com o gozo) e sem a possibilidade da imagem especular para lhe dar auxílio. Fica também sem a sua divisão subjetiva, o que resta então ao autista é a construção de bordas, mas sem furos, sem a erogeneidade pulsional que o faria criar laço com o Outro (LAURENT, 2014).

O encontro do olhar de Michael com o meu, inicialmente, se dava nesses momentos em que a imagem do espelho ou o reflexo em outra superfície mediava a troca de olhar, pois nas outras situações que os nossos olhares se cruzavam, ele

desviava na mesma hora. O espelho, para ele, tinha a função de apaziguar o objeto olhar. Pois, como podemos recapitular, é através do olhar que o *infans* pode se reconhecer como sujeito, é por ele também que o sujeito começa a instaurar seu eu, a partir do ponto inicial do narcisismo (LACAN, 1953-54/1986).

A imagem especular constituída do corpo do *infans* tem a função de mediar o dentro (*Innenvelt*) e o fora (*Umwelt*), mundo interno e mundo externo, pois, ao criar essa separação, a criança começa a formar seu mundo subjetivo e seu próprio eu (*moi*), identificado à imagem especular. Todos esses processos, apesar de aparentarem ser rápidos, constroem-se aos poucos e têm seus percalços, pois o momento de constituição imaginária do corpo também é um momento de paralisação da imagem. O estádio do espelho permite a constituição do sujeito por meio da visão da imagem especular somada ao encontro com o olhar (objeto escópico) e pela voz (objeto vocal) do Outro, que outorga aquilo que a criança observa (CORREIA, 2016).

O sujeito encontra-se, então, capturado por sua própria imagem, imagem esta que é representante de seu corpo, de modo que é a partir dela que ele se relaciona com o mundo externo, no sentido de que “o corpo ganha seu peso pela via do olhar” (LACAN, 1975, p. 7). Essa imagem só se constitui na medida em que ele, quando bebê, foi desejado pela mãe (no lugar do Outro primordial), tornando-se destinatário deste desejo.

Flesler (2012) aponta aqui que esta operação ocorre porque a criança está em um jogo com a mãe (cuidador), jogo este que consiste em enganar a demanda do Outro primordial: a criança vai ocupar o vazio que possibilitou sua existência, vazio do casal parental, com uma certa aparência de ser aquilo que era necessário para, precisamente, tapar esse vazio. A constituição do sujeito é um tempo, tempo que é recreativo (de recriar), pois depende de que haja um jogo, que a criança joga com outro alguém, não pode se jogar sozinha e não se pode jogar caso esteja acoplada, coloca ao outro, na medida em que ficaria privada de movimento.

Ana, uma menina autista de também 9 anos, ao contrário de Michael, não fazia a troca de olhares nem por meio do reflexo no espelho. Pelo contrário, nos momentos do encontro dela com a própria imagem refletida, parecia que não estava vendo nada. O seu olhar estava para além do espelho, assim como nas ocasiões em que o seu olhar passava por mim; também havia a impressão de atravessamento. Ana

passava horas cantando, característica compartilhada com Michael e com muitas outras apontadas na literatura. Cantarolava em português, inglês, espanhol e francês, sabia ler nessas línguas também. Todavia, Ana em nenhum momento falava sobre si ou sobre o que queria, por vezes cantava músicas que passei a tratar como a sua maneira de expressar suas sensações e vontades.

Pelo fato de os autistas não incorporarem a voz, isso causa, não uma dificuldade em adquirir a linguagem, mas uma dificuldade de posicionarem-se como sujeitos da enunciação, como no caso de Ana, que mesmo cantando e lendo em quatro línguas, não dizia algo sobre si mesma. Isto ocorre pelo fato de eles não perceberem que a linguagem serve para a comunicação. A linguagem está como um objeto sonoro. “A cisão entre a voz e a linguagem é sentida como enigmática e dolorosa, mas ela se impõe à vontade” (MALEVAL, 2017, p. 103).

Como Castro (2018) indica, os autistas, mesmo sem a constituição da imagem especular e da aquisição da cadeia de significantes, podem aprender a linguagem pelo signo. Nesse sentido, eles aprendem a falar, por imitação, e podem também aprender a ler e escrever, contudo, eles têm uma dificuldade imensa em tomar a palavra de forma autêntica, já que no mundo de signos o franqueamento simbólico (o deslizamento de significantes) é impossível. Apesar de Ana saber ler nas quatro línguas, em todos os momentos, do seu contato com livros, ela não aparentava ser tocada pelo conteúdo. Ela lia, porém não modificava sua entonação e nem aparentava ter interesse no que estava lendo. Lia para cumprir uma tarefa. Isso acontecia, pois como Soler (2007) nos revela,

apesar de falar e dispor de sua língua, [o autista] não dispõe do simbólico. Estamos muito próximos da formulação freudiana, que diz que as palavras são tratadas como coisas. É que o acesso ao simbólico supõe mais do que a aprendizagem da língua; ele supõe o efeito de esvaziamento no real do ser vivo, que produz a promoção de um significante (p. 119).

As palavras enigmáticas, os significantes, ao contrário dos signos com seus sentidos restritos – representados por imagens cristalizadas, têm a função de reorganizar os buracos da criança, de delimitar o corpo que até então estava em fragmentos (sem a articulação do imaginário e com o simbólico). Como em um jogo: o bebê deixa-se seduzir e alienar, através da voz, aos significantes que o Outro primordial lhe oferece. A criança autista é aquela que não se seduziu pela voz do

Outro aos significantes, que ficou excluída do mundo dos significantes. Fica congelada no lugar do  $S_1$  que se repete indefinidamente (CASTRO, 2018; JERUSALINSKY, 1989).

Por último, apresento Sabrina, uma autista também dentro da categoria grave, mas que, diferentemente das outras duas anteriores, era adolescente (de 18 anos). Sabrina, assim como Michael e Ana, gostava muito de cantar. Ela, por vezes, falava algumas coisas para referenciar o que queria ou necessitava, falava em tom de choro coisas como: “cabeça, dor, cabeça”. Percebi, ao longo dos atendimentos, que essas palavras surgiam em momentos que ela não queria mais fazer aquilo que era solicitado ou quando ocorria alguma coisa em sua casa antes do atendimento.

Sabrina parecia enamorada por seu reflexo no espelho, encostava o rosto e/ou a mão contra o espelho, sorria, cantava. Gostava muito de tirar “*selfies*”, toda vez que via meu celular, queria ver sua imagem pela câmera frontal. Passei a pontuar à ela que isso era bem coisa de adolescente, gostar de se ver e se fotografar, ela me olhava nesses momentos e dava risada. Na frente do espelho também, ela apresentava movimentos de estereotipia, balanço ritmado do corpo – para frente e para trás –, em ocasiões que escutava uma música que gostava muito ou em momentos nos quais estava visivelmente angustiada.

Nos momentos da música, sua estereotipia se apresentava como uma relação com a satisfação, havia uma imensa alegria. Segundo Gonçalves (2017), o corpo, para o autista, se apresenta como um estrangeiro, como se fosse objeto e não um corpo em si. No momento da estereotipia, então, essa relação do corpo como objeto fica visível, na medida em que o autista usa o movimento do próprio corpo para obter prazer. A estereotipia de Sabrina, nessas ocasiões, se apresentava como uma forma de delimitar um certo circuito pulsional.

Nas outras ocasiões em que Sabrina apresentava uma estereotipia frente ao espelho, aconteciam quando precisava lavar as mãos, os braços e, por vezes, o rosto sujo de tinta. Ela começava a se limpar e os movimentos de estereotipia começavam a aparecer. Quanto mais ela se limpava, mais angustiada ela parecia ficar (sua expressão facial nesses momentos era de muita dor), e mais, os movimentos de estereotipia ficavam violentos. Sobre isso, Maleval (2010) nos alerta que as fronteiras que a linguagem confere ao corpo estão ausentes no autista, que não goza da

linguagem, mas sim de seu próprio corpo, por essa via, não há uma limitação em seu gozo, esse, mais além do prazer, implica um grande sofrimento misturado a uma satisfação. A estereotipia de Sabrina, nesses momentos, denunciava a inundação do seu corpo pelo gozo.

Barroso (2013) afirma que, sem a construção de um corpo, por meio do estádio do espelho e da relação com o Outro, o autista não pode circunscrever seu gozo, fica à deriva no infinito, sem mediação, a criança não pode se enunciar, apesar de por vezes se comunicar. Pode-se pensar por essa via que o corpo é, para o autista, um objeto, do qual ele faz uso como qualquer outro objeto externo. Sendo assim, para a criança autista, a construção de um corpo delimitado por um circuito pulsional, mesmo esse seja construído de forma menos elaborada do que em uma neurose, já teria a função de apaziguar o gozo e fazer barreira a esse outro que vem e invade, ameaçando-o de destruição.

Passei a dar à Sabrina adesivos, ao invés de tintas ou canetinhas, para ela colar no corpo. Ela ia então em frente ao espelho e colava adesivos nela mesma e em mim, e eu fazia da mesma forma, também colava adesivos em mim e nela sucessivamente. Poucos movimentos corporais se apresentavam, não configurando uma estereotipia em si. Depois de alguns atendimentos de colagem de adesivos no corpo, Sabrina passou a pegar meus objetos (meus óculos, minha blusa, minha pulseira, meu colar) para usar. Ela ia, então, em frente ao espelho usando os objetos “roubados” (ela não pedia, só puxava e eu lhe entregava) e sorria muito, enquanto me olhava pelo reflexo do espelho.

A mãe e a babá de Sabrina passaram a relatar situações nas quais ela, apesar de não falar expressamente pela forma verbal, mostrava por meio de gestos e ações aquilo que ela queria ou não fazer. O tratamento de autistas, conforme Pimenta (2012), não deve forçá-los à linguagem e à fala, mas sim permitir que eles falem por procuração, por gestos ou por meio de objetos autísticos, objetos preciosos que as crianças autistas escolhem para ajudá-las a intermediar sua relação ao mundo (onde elas podem falar por meio de uma “procuração”).

O estádio do espelho se configura como um tempo lógico do sujeito. Tendo isso em vista, podemos, no mínimo, desconfiar que há sempre um tempo para que a imagem especular se organize, mesmo que minimamente. O sorriso de Sabrina frente

ao espelho, ouvindo música e cantando, com vários adesivos colados no corpo, assim como o uso de meus objetos pessoais de vestuário, nos permite refletir sobre o júbilo do *infans* frente a totalidade de sua imagem.

Dado que a criança olha sua imagem especular com um aspecto de contemplação, de satisfação, que vem em confronto com o desconhecimento tão fundamental que temos ao nascer sobre nós mesmos, essa imagem dá a ela um apoio, uma base, para estar no mundo. É pela imagem de completude que a criança se vê como um sujeito no mundo. A imagem especular não dá apenas suporte ao interior, mas também ao exterior do sujeito (LACAN, 1964/2008).

Com as coordenadas do casal Lefort (1984), pode-se compreender que não é a idade cronológica, em si, que apresenta as coordenadas da constituição do sujeito. Pelo contrário, as coordenadas se dão pela estrutura, pelo advento do significante que articula a relação do sujeito com o Outro. Aqui correlacionamos ao tempo lógico do estádio do espelho, que também é um tempo lógico de constituição do sujeito, por meio da relação entre a imagem especular, o significante, a voz e o olhar do Outro.

No sentido de que a criança emerge enquanto sujeito, se distingue como tal, a partir da relação entre dois ou mais significantes entre si ( $S_1$ -  $S_2$ ), pois no momento inicial, no qual há apenas um significante, traço unário ( $S_1$ ), ele funciona para o sujeito como um signo; mas é a partir dele que a criança pôde começar a se constituir. Assim como é por meio dessa marca primordial que a criança pode localizar a perda do objeto *a* no campo do Outro, o que abre portas para o seu desejo<sup>28</sup> (LACAN, 1964/2008).

Michael, assim como Sabrina, após alguns meses de atendimento e intervenções em frente ao espelho (nomeava os sentimentos de suas caretas que ele fazia, imitava suas expressões...) e em intervenções por meio de músicas e livros, passou a expressar suas vontades e/ou suas não vontades. Sua mãe relatou, com surpresa e felicidade, que em uma saída para ir ao médico, ele, pela primeira vez, expressou a ela um “desejo” (em suas palavras).

---

<sup>28</sup> O desejo é uma forma de metonímia, no sentido da figura de linguagem, pois se trata da busca constante do sujeito em tamponar a falta, substituindo um objeto por outro, em uma cadeia sem fim. Quando o desejo se realiza, transforma-se em um outro. É por meio do ideal do eu e da perda do objeto *a* que o caminho do desejo é iluminado (LACAN, 1964/2008).

Quando passaram pela barraquinha de cachorro-quente, a caminho do médico, ele começou a sorrir e cantar, apontou para a barraquinha. Nesse primeiro momento, a mãe não soube afirmar se ele queria mesmo um cachorro-quente. De qualquer forma, lhe disse que não dava tempo, pois estavam em cima da hora para chegar à consulta. Quando chegaram no consultório, Michael demonstrou estar bravo, contrariado, ficando de costas para ela e para o médico.

Assim que terminou a consulta, refizeram o mesmo caminho da ida para voltar, quando chegaram perto da barraquinha de cachorro-quente, novamente, Michael gritou “Qué cachorro-quente!”; a mãe ficou estarelecida, em suas palavras, “ele nunca tinha me dito o que queria”, foi com ele até a barraca e pediu um cachorro-quente. Michael começou a pular e cantarolar músicas de Michael Jackson enquanto o cachorro-quente era preparado, para a mãe isso representou um sinal de felicidade. Michael comeu o cachorro-quente inteiro entre sorrisos e canções.

Como Maleval (2015; 2017) nos afirma, a retenção da voz no autismo, enquanto objeto pulsional, trata-se de uma recusa ao apelo do Outro, o que gera uma dificuldade de entrar no lugar da troca e do lado social. Esta retenção apresenta-se como um obstáculo à inscrição do sujeito no campo do Outro. Essa não articulação da linguagem, em sua posição de significante, trava a dialética entre o autista e o Outro.

Portanto, a constituição da criança como sujeito articulado, entre imaginário – imagens especulares do Eu – simbólico – significantes, representações –, demonstra que “o desenvolvimento não tem nada de natural, mas, principalmente porque situa novamente para nós a dialética do sujeito, do objeto e do Outro como coordenadas para a atividade do analista” (SCALZO, 2019, p. 112). Ou seja, o sujeito nasce por meio da ligação entre sua imagem especular e o significante.

Michael consegue, após meses de atendimento, gritar aquilo que tem vontade de comer, em relação a outras crianças de 9 anos, isso pode parecer algo muito comum, porém para ele foi um grande esforço. Na medida em que ele fala algo de si, carrega algo de sua presença no seu dizer. Michael, ao pedir o cachorro-quente, se apresenta como sujeito da enunciação,

(...) o endereçamento ao Outro ali se afirma, seu caráter assertivo – até mesmo imperativo – testemunha o gozo vocal que as suporta. Porém, nada é mais maçante que isso para a

criança autista. É só no cúmulo da angústia que ela pode deixar escapar um enunciado desses, ele próprio extraordinariamente angustiante, vivido como uma mutilação, uma vez que coloca em jogo não somente a alteridade, mas uma cessão do objeto do gozo vocal ao gozo do Outro (MALEVAL, 2017, p. 93).

Apresentar-se na posição de sujeito da enunciação, da linguagem, implica à criança a existência de um risco, pois para o Eu advir, é necessário que haja uma forma virtual da imagem do próprio corpo, pois a unidade do corpo não está dada desde o início, logo, é preciso que haja a intervenção do desejo do Outro para que a unidade possa ser obtida. É preciso dar um contorno ao fundo pulsional originário, ao corpo, para que a imagem especular possa deslizar entre os significantes. Para que o sujeito possa advir da representação de um significante ao outro.

A clínica com crianças autistas nos demonstra apreender que o processo de constituição do *infans* em sujeito não é uma tarefa simplória e nem está dada desde o nascimento. É necessário que ocorram vários processos para articular a imagem especular ao significante, pois é possível que a criança se reconheça no espelho, mas como no trecho do início do capítulo, sem a amarração do corpo enquanto unidade, a uma noção do Eu, com o desejo do Outro e seus significantes, resta uma sensação de estranhamento e desintegração do corpo da criança. E, sem um corpo delimitado e representado por significações, resta à criança uma sensação de dilaceramento, de desintegração, já que no contato com o Outro ela se mistura, se perde.

Trabalhar no dia a dia com crianças autistas exige muito do analista. É uma clínica cansativa, pois demanda que o analista trabalhe com seu corpo em constante movimento; é uma clínica de detalhes, de pequenos gestos, de pequenas trocas, o analista tem de estar atento aos sinais que o autista lhe dá sobre aquilo que está vivenciando.

Trata-se de uma clínica que necessita que o analista, segundo Laurent (2014), faça luto de sua demanda histórica, tendo em vista que o autista não entra na dialética da demanda – não apela ao Outro e nem responde aos apelos do Outro; é, por fim, uma clínica em que o mínimo efeito, por exemplo, a criança brincar com uma palavra (rir, cantar com ela), junto ao analista, é em si mesmo uma grande conquista. Deve-se ter em vista que a presença do Outro é invasiva ao autista, o que implica que os representantes dele, os pequenos outros (pessoas que o cercam), também o são.

Segundo Pimenta (2012), o trabalho do analista com a criança autista deve, antes de qualquer coisa, possibilitar à criança autista criar maneiras de tratar e mediar sua relação com o Outro, que está para ela, inicialmente, como ameaça à sua existência, já que não há um limite corporal que a separe do mundo. “Toda a sua construção [do corpo] se encaminha para lhe instaurar uma borda que venha a demarcar um tênue limite entre exterior e interior” (p. 194). O trabalho psicanalítico visa a que a criança possa estar na presença de outros sem se angustiar, para isso, é necessário que haja uma mínima constituição do sujeito no estágio do espelho. Em outras palavras, que o autista crie bordas em seu corpo que deem a ele suporte no encontro com o Outro ou com seus representantes, os pequenos outros.

Portanto, pode-se observar, em grande parte dos casos, que o autista é aquele que, justamente, não conseguiu constituir ou consolidar sua imagem especular, a fim de receber e colocar em movimento (deslizar) os significantes vindos do Outro primordial (aqui nos referimos à figura dos pais ou cuidadores), e por isso angustia-se ao ter contato com os pequenos outros pelo mundo.

Sem um corpo amarrado, arrematado pelo significante e delimitado pelas imagens especulares de si mesmo, o autista permanece a esmo, à deriva. Fecha-se como em uma concha na tentativa de se defender do mundo, que para ele apresenta-se como ameaçador ou aniquilador de sua existência. O analista deve caminhar, no trabalho com o autista, com cautela para não ficar em um lugar de onipotência. Daquele que supõe saber de tudo sobre o autismo em si mesmo enquanto categoria diagnóstica.

O analista tem de caminhar com cuidado, certa delicadeza, e atenção a todas as possibilidades de recursos que o autista possa construir para estar no mundo com menos angústia. Em suma, o trabalho se faz na finalidade de que, primeiramente, haja a diminuição do sofrimento do autista, pois estar no mundo sem bordas, sem limites é, no mínimo, desolador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como finalidade articular o conceito do estágio do espelho e a constituição do sujeito no autismo e para tal fim teve de percorrer um caminho pelas obras selecionadas de Freud e de Lacan.

O primeiro capítulo se inicia com o texto *Introdução ao Narcisismo* de 1914, onde Freud aborda o conceito do narcisismo com um caráter central. Nas primeiras aparições, o tema do narcisismo configura-se em segundo plano. Todavia, nesse texto, o narcisismo configura a primeira operação na constituição do Eu, como unidade, da criança, pois é nesse momento que a criança tem pela primeira vez uma totalidade inicial de si mesma e, por isso, pode tomar seu próprio Eu como objeto de amor. Antes dessa inscrição, há apenas o autoerotismo, que se trata do investimento libidinal em partes específicas do corpo (é importante destacar que ali o corpo da criança está ainda fragmentado).

Segundo Freud (1914/2010), para que o narcisismo se constitua, para que essa nova operação psíquica ocorra, é necessário que os pais não só invistam libidinalmente em seus filhos, mas também lhe emprestem o seu próprio narcisismo (primário) que há muito já haviam abandonado, que marquem seu corpo que será, aos poucos, unificado. Esse abandono do narcisismo dos pais foi necessário para poderem adentrar e fazer parte do meio social.

Na sequência é trabalhado o texto *Os Instintos e seus Destinos* (1915/2010), onde Freud debate sobre a pulsão, quais são os seus caminhos. Os caminhos da pulsão são somados à teoria do narcisismo. A pulsão seria o que subverte o corpo, transformando em um corpo erogeneizado, e quando isso não acontece ou acontece de forma precária, a formação de uma unidade de imagem corporal do bebê fica comprometida.

Na sequência apresentamos *O infamiliar* (1919/2019) e *A Negação* (1925/2019); nesses textos acrescenta-se mais duas proposições à ideia da formação. Trazem o tema do duplo e os objetos de *Lust* (prazer) e *Unlust* (desprazer). O duplo trata, durante a infância, do nascimento do Eu da criança a partir da identificação da figura de criança, portanto, do Eu com o outro. O outro serve de maquete para a criança constituir o próprio Eu. Tudo o que nessa operação não é agregado ao Eu é

expulso da representação dele (fica no lugar de objeto *Unlust*). Toda a aparição do objeto de *Unlust*, na vida adulta, causa ao sujeito uma sensação de horror, de elevada angústia, um sentimento de estranho familiar, pois coloca o sujeito defronte de sua mortalidade.

Na sequência no capítulo 2, há um percurso histórico e conceitual do tema do Estádio do Espelho na obra de Lacan, começando pelo texto dos Complexos Familiares de 1938, que é o primeiro texto ao qual Lacan se refere ao conceito do Estádio do Espelho, baseado no estudo de Wallon sobre a relação das crianças com sua imagem diante do espelho. Aqui há ainda uma grande influência da biologia no pensamento lacaniano da constituição do sujeito.

Todavia, em 1949, Lacan complexifica o tema, para além do texto de 1938, e dedica um texto inteiro para tratar do Estádio do Espelho, onde ele passa a construir com sua própria teoria a despeito do tema. No *O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu* (1949/1998) Lacan aborda a questão da imagem especular pelo Estádio, que configura o momento em que o corpo do bebê, que ainda está despedaçado, passa a ser uma estrutura totalizante, a partir do encontro com sua imagem refletida no espelho.

Lacan (1949/1998) relata que a imagem especular do bebê no espelho tem uma eficácia simbólica para a delimitação do Eu, pois separa, por meio da imago do próprio corpo, aquilo que é relativo ao mundo visível daquilo que é uma alucinação e um sonho. A função da imago do corpo é, precisamente, unir o organismo com a realidade. Unificar o mundo interno com o externo, sem que haja confusão. Esse processo é fundado pela identificação com a imagem refletida, como miragem, no espelho. O que configura o momento no qual a criança tem um júbilo com a miragem de si e o seu corpo ainda impotente de bebê é integrado, simbolizando dois aspectos: a permanência do eu e a destinação alienante ao desejo materno. Neste momento, o conceito do Estádio do Espelho está relacionado ao registro simbólico.

Com o texto *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise* de 1953, Lacan passa a discutir o falar da criança como um dom simbólico. O Eu desenvolvido por meio da imagem especular, imagem virtual do corpo, produzida pelo estádio do espelho por inúmeras façanhas imaginárias, é costurado por intermédio das palavras. Pela linguagem. O corpo é a base da articulação da linguagem, é o que

viabiliza ao sujeito fazer uso dela, mas deve-se levar em consideração que a linguagem é por si só um corpo (FINK, 2018). Portanto, a partir desse momento, o Estádio do Espelho é tratado por dois âmbitos: imaginário e simbólico.

O acréscimo do Estádio do Espelho no campo simbólico ocorreu pois não é só importante para integrar e delimitar o corpo da criança, mas também é extremamente necessário para que ela possa adentrar no campo da linguagem e da troca social. O corpo do bebê, portanto, pode, também, ser observado pela dimensão do significante (simbólico). O corpo é costurado e unificado ao Eu, dessa maneira, pela fala. Pela voz do Outro.

Falar se constitui como um dom simbólico (LACAN, 1953/1998), a partir do qual cada palavra é composta por dois polos: presença e ausência. Polos estes que ela carrega consigo mesma. Dessa forma, “a fala localiza-se aquém do sujeito e para-além do Outro” (PIMENTA, 2012, p. 113). É a partir da palavra que a criança cria uma separação entre si mesma e o mundo material, ou seja, o mundo externo ou a instância das coisas. As palavras são e sustentam o peso de um corpo, através das imagens corporais do sujeito.

Na sequência, Lacan, no seminário 11: *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964/2008), acrescenta mais um registro à constituição do Eu e ao conceito do Estádio do Espelho, o registro do Real. Acrescenta à teoria o traço unário e junta a constituição do sujeito, além da imagem especular amarrada no corpo pelo significante (pela linguagem) e costurada pelo Olhar e pela Voz do Outro, à delimitação do corpo pelo gozo.

O sujeito se distingue como tal a partir da relação entre dois ou mais significantes entre si, pois no primeiro momento inicial, no qual há apenas um significante ( $S_1$ ), ele funciona para o sujeito como um signo, mas é a partir dele que a criança pode começar a se constituir. O significante é para o sujeito o primeiro e o que constitui a função radical do inconsciente.

Portanto, a criança não sai da sua posição de *infans* e entra na posição de falante apenas com a inscrição do  $S_1$ , pois, no primeiro tempo, a marca do significante parece como a do traço unário; por isso, é incapaz de ascender à fala, uma vez que a fala demanda uma articulação de pelo menos dois significantes. O primeiro ( $S_1$ )

demanda, anseia por um segundo ( $S_2$ ). Quando a criança se divide entre o  $S_1$  e o  $S_2$ , está na sua posição de sujeito. Quando não há a marca de um  $S_2$ , não há um sujeito.

Essa última afirmação puxa a questão do último capítulo, pois a criança autista configura aquele sujeito que, por algum motivo obscuro, não consegue se identificar com o todo da imagem especular, não forma um Eu e nem um corpo como unidade. Há uma dificuldade no reconhecimento de si e do outro. Sem a costura do Eu e do corpo, o significante é marcado, porém não tem como se articular, a linguagem vem para ele como signo (algo concreto) e/ou de forma desmedida (sem uma limitação). Sem uma borda corporal, a figura do Outro se apresenta de forma invasiva.

Ao se privar do uso significante da linguagem, o sujeito não opera em uma construção do espaço, entre o aqui/ali, o eu/outro; sem diferenciação, a criança está então plenamente misturada com o mundo exterior. Ao tapar os ouvidos, a criança tenta produzir um intervalo, entre ela e o mundo, tenta silenciar a palavra, porém isto não lhe é possível, já que não há como se proteger do verbo, da demanda que vem do Outro (LACAN, 1967).

O autista decora uma sequência do que lhe é demandado e, geralmente, não se importa em repetir diversas vezes, de forma incansável, pois o que ele menos quer é que novas demandas lhe sejam direcionadas, quer permanecer na constância da imutabilidade. A criança autista não apela pelo outro, por vezes parece ser surda, na medida em que não responde aos chamados; em outras, parece ter problema de visão, não olha diretamente, ou olha só para alguns objetos, algumas apresentam estrabismos graves; ou ainda, quando te olha, te “atravessa” (como se você fosse um vidro transparente ou não existisse).

O que Soler (2007) traduz sobre esses comportamentos é que o autista está aquém da alienação, o que o leva a permanecer em uma borda. Na superfície do corpo e da palavra. Além disso, ela nos lembra que, por mais que a criança autista não fale, não significa que ela não seja um sujeito. Muito pelo contrário, cabe lembrarmos ponto que a criança autista é de fato um sujeito, justamente na medida em que falamos com ela. Há neste Outro, diga-se aqui, da posição do analista, uma suposição de alguns significantes ( $S_2$ ) que a representam, ou seja, que podem dar uma borda a essa criança que se encontra congelada na posição do *nonsense* do  $S_1$ .

O presente trabalho não teve como finalidade abordar especificamente o âmbito do tratamento analítico de autistas, por isso há apenas algumas articulações sobre como este poderia ocorrer. O que podemos observar na literatura analítica por meio do casal Lefort (1984), Soler (2007), Pimenta (2012), Laznik (2013), Laurent (2014) e Maleval (2017) é que o trabalho do analista com as crianças autistas trata a sua relação com o Outro, da costura de uma borda que permita não só fazer uma barreira da criança ao mundo, mas que também delimite um tanto de gozo e permita um suporte (por meio da imagem especular) da inscrição dos significantes. Para tanto, discutem a via do duplo, dos objetos autísticos, assim como um dedicado trabalho com aqueles que representem a figura do Outro para as crianças...

Todavia, antes de encerrar, cabe, então, o questionamento: o que o trabalho clínico pode possibilitar à criança autista nesse cenário? Em primeiro lugar, o trabalho do analista com a criança autista pode proporcionar a construção de possíveis jeitos de tratar e mediar sua relação com o Outro, que está para ela, inicialmente, como ameaça à sua existência, pois, por não haver uma delimitação corpórea, tudo o que vem de fora pode atingi-las e causar uma forma de destruição psíquica. É necessário haver uma borda corporal que faça a função de criar um tênue limite entre aquilo que pertence ao sujeito e aquilo que pertence ao exterior, como na operação de constituição do sujeito freudiano de objetos que fiquem no lugar de *Lust* (de prazer – dentro) e de outros objetos que permaneçam como *Unlust* (desprazer – fora).

O trabalho psicanalítico na clínica do autismo propõe que a criança autista possa estar na presença de outros sujeitos sem se angustiar, ou se angustiar menos. Para que ela tenha condições, mesmo que mínimas, não só de construir um limite corporal, mas também de posicionar-se frente ao outro, para apresentar a ele um limite, o qual o outro não pode ultrapassar. Além disso, que a demanda do Outro não se apresente como uma ameaça existencial ao autista. O que já é bastante no universo sem limites, infinitizado, que o autista habita.

## REFERÊNCIAS

- APA – Associação de Psiquiatria Americana. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 4ª edição. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- APA – Associação de Psiquiatria Americana. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 5ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ASPERGER, H. Os “psicopatas autistas” na idade infantil [Tese de livre-docência, entregue para a faculdade de medicina da Universidade de Viena]. (Parte 1). Ver. Latinoam. de Psicopatol. Fundam [online]. 2015, v. 18, n. 2 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n2p314.10>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- ASPERGER, H. Os “psicopatas autistas” na idade infantil [Tese de livre-docência, entregue para a faculdade de medicina da Universidade de Viena]. (Parte 3). Ver. Latinoam. de Psicopatol. Fundam [online]. 2015, v. 18, n. 3 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n3p519.8> . Acesso em: 20 ago. 2020.
- ASPERGER, H. Os “psicopatas autistas” na idade infantil [Tese de livre-docência, entregue para a faculdade de medicina da Universidade de Viena]. (Parte 3). Ver. Latinoam. de Psicopatol. Fundam [online]. 2015, v. 18, n. 4 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n4p704.8>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- ASSOUN, P-L. *O Olhares a Voz: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz: fundamentos da clínica à teoria*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1999.
- BARROSO, A. F. *Lacan: entre linguagem e pulsão, por uma psicanálise do sujeito*. Rev. Subj., v. 15, n. 1. Fortaleza, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3l6xVYb>. Acesso em: 22 ago. 2021.
- BERNARDINO, L. M. F. *O Traço do Caso na Clínica Psicanalítica com Crianças e Adolescentes*. Rev. Assoc. Psicanal., n. 38, p. 20-28, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3cliZLj>. Acesso em: 10 de mai. 2021.
- BIALER, M. A Lógica do Autismo: uma Análise Através da Autobiografia de um Autista. Psicol. em Estud. [online], v. 19, n. 4. Maringá: 2014. Disponível em: <https://bit.ly/30QKbor>. Acesso em: 22 jun. 2019.
- BIRMAN, J. Cartografias do Feminino. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- BIRMAN, J. *Arquivo da agressividade em psicanálise*. Nat. hum., v. 8, n. 2, p. 357-379. São Paulo, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3oUjmbf>. Acesso em: 22 mai. 2021.
- BLEULER, E. *Dementia Praecox or The Group of schizophrenias*. (Versión castellana Daniel Ricardo Wagner) Buenos Aires: Ediciones Hormé, S.A.E, 1993 (original publicado em 1911).
- BRAUER, J. F. *O outro em Lacan: consequências clínicas*. Psicol. USP, v. 5, n. 1-2, São Paulo, 1994. Disponível em: <https://bit.ly/3oZBr85>. Acesso em: 23 nov. 2020.

BROUSSE, M-H. *Corpos lacanianos: novidades contemporâneas sobre o Estádio do espelho*. Opção Lacaniana. v. 5, n. 15, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3FCBUn8>. Acesso em: 15 fev. 2021.

BRUDER, M. C. R.; BRAUER, J. F. *A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação*. Psicologia em Estudo [online], v. 12, n. 3. Maringá, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000300008>. Acesso em: 4 nov. 2020.

CALZAVARA, M. G. P.; VORCARO, A. M. R. *Efeitos da incidência da linguagem no corpo do sujeito autista*. Tempo psicanal. [online], v. 50, n.2. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3CLPVx5>. Acesso em: 10 ago. 2020.

CALZAVARA, M. G. P.; FERREIRA, M. A. V. *A função materna e seu lugar na constituição subjetiva da criança*. Estilos clin., v. 24, n. 3. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://bit.ly.com/gyXBGI>. Acesso em: 10 ago. 2020.

CASTRO, J. E. O método psicanalítico e o estudo de caso, p. 24-33. In: NETO, K.; MOREIRA, J. O. (orgs.) *Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade*. Barbacena (MG): EdUEMG, 2010.

CASTRO, B. R. *A psicanálise pode contribuir para o tratamento de autistas*. Opção lacaniana [online nova série], ano 9, n 25-26, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3clcxeg>. Acesso em: 19 jun. 2021.

CATÃO, I. *A Voz na Clínica Psicanalítica*. In: BARBOSA, D. C.; PARLATO-OLIVEIRA, E. (orgs) *Psicanálise e Clínica com Bebês: Sintoma, Tratamento e Interdisciplina na Primeira Infância*. São Paulo: Instituto Langage, 2010.

CORREIA, N. L. *Da ausência do olhar do outro à ausência do limite corporal: sobre a fragmentação corpórea no autismo* [Dissertação de Mestrado] Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Pernambuco, 2016.

DEJOURS, C. *Primeiro, O Corpo: Corpo Biológico, Corpo Erótico e Senso Moral*. Porto Alegre: Dublinense, 2019.

DIAS, S. *Asperger e sua Síndrome em 1944 e na Atualidade*. Ver. Latinoam. de Psicopatol. Fundam [online], v. 18, n. 2, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n2p307.9>. Acesso em: 18 mar. 2020.

FERREIRA-LEMOS, P. P. *Sujeito na psicanálise: o ato de resposta à ordem social*. In: SPINK, M. J. P.; FIGUEIREDO, P.; BRASILINO, J. (orgs.) *Psicologia social e personalidade [online]*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; ABRAPSO, 2011, pp. 89-108. Disponível em: <https://bit.ly/2Znv0CY>. Acesso em: 5 set. 2020.

FERREIRA, N. P. *Jacques Lacan: apropriação e subversão da linguística*. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online], v. 5, n. 1. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982002000100009>. Acesso em: 20 ago. 2020.

FERREIRA, T. VORCARO, A. *O Tratamento Psicanalítico de Crianças Autistas: Diálogo com Múltiplas Experiências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FINK, B. *O sujeito lacaniano; entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FINK, B. *Fundamentos da Técnica Psicanalítica: Uma Abordagem Lacaniana para Praticantes*. Reino Unido: Karnac, 2015.

FINK, B. *Introdução Clínica à Psicanálise Lacaniana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FLESLER, A. *A Psicanálise de Crianças e o Lugar dos Pais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

FREUD, S. (Obra publicada em 1914) Introdução ao Narcisismo. In: \_\_\_\_\_. *Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e Outros Textos [1914-1916]*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-50.

FREUD, S. (Obra publicada em 1915) Os Instintos e seus Destinos. In: \_\_\_\_\_. *Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e Outros Textos [1914-1916]*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 51-81.

FREUD, S. (Obra publicada em 1917) A Teoria da Libido e o Narcisismo. In: \_\_\_\_\_. *Conferências Introdutória à Psicanálise [1916-1917]*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 545-569.

FREUD, S. (Obra publicada em 1919) O Infamiliar. In: \_\_\_\_\_. *O Infamiliar [DAS UNHEIMLICHE] edição bilíngue*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 28-125.

FREUD, S. (Obra publicada em 1925) A Negação. In: \_\_\_\_\_. *O Infamiliar [DAS UNHEIMLICHE] edição bilíngue*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 141-150.

FREUD, S. (Obra publicada em 1933) Angústia e Instintos. In: \_\_\_\_\_. *O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos [1930-1936]*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 224-262.

GARCIA-ROZA, L. A. *Artigos de Metapsicologia, 1914-1917: Narcisismo, Pulsão, Recalque, Inconsciente*. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

GHEROVICI, P. *A Infância não é Coisa de Crianças*. Estilos clin. [online]. v. 4, n. 6, pp. 18-27. São Paulo, 1999.

GONCALVES, A. P. et al. *Transtornos do espectro do autismo e psicanálise: revisitando a literatura*. Tempo psicanal., v. 49, n. 2, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2ZmRXWS>. Acesso em: 15 mai. 2021.

GONÇALVES, R. C. *A Influência do Desenho na Clínica Psicanalítica para a Constituição do Sujeito: Um Estudo de Caso sobre o Autismo Infantil*. Estilos clin., v. 22, n. 2. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3DNNr2z>. Acesso em: 14 mai. 2019.

GRECO, M. Os Espelhos de Lacan. Opção Lacaniana online nova série, ano 2, n. 6, novembro de 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3CKDDFi>. Acesso em: 3 ago. 2020.

IMANISHI, H. A. *Desvendando Lacan: duas metáforas e uma teoria psicanalítica da metáfora*. [Tese de doutorado] Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

JAANUS, M. A desmontagem da pulsão, p. 134-154. In: FELDSTEIN, R.; FINK, BRUCE; JAANUS (orgs). *Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

JALLEY, É. *Freud, Wallon, Lacan: A criança no espelho*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2011.

JERUSALINSKY, A. *Psicanálise e Desenvolvimento Infantil: um Enfoque Transdisciplinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

JORGE COUTINHO, M. A. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008.

JÚNIOR, J. O. B. O Estádio do Espelho de Jacques Lacan: gênese e teoria [Dissertação de Mestrado]. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2010.

KANNER, L. *Autistic Disturbances of Affective Contact*. Journal Nervous Child Maryland, 1943. Disponível em: <https://bit.ly/3DOUGY7>. Acesso em: 10 fev. 2020.

KASZUBOWSKI, E. A.; AGUIAR, F. *O Registro do Imaginário nos Antecedentes Lacanianos*. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online], v. 18, n. 1. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982015000100007>. Acesso em: 3 mar. 2021.

KAUFMANNER, H. *A Solução Elegante de Lacan: Uma formalização do “Além do Princípio do Prazer”* [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Belo Horizonte, 2006.

LACAN, J. (Obra publicada em 1938) *Os complexos familiares na formação do indivíduo ensaio de uma função em psicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LACAN, J. (Obra publicada em 1948). A agressividade em psicanálise. In:\_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (Obra publicada em 1949) O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu tal Como nos é Revelada na Experiência Psicanalítica. In:\_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (Relatório do Congresso de Roma em 1953) Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise. In:\_\_\_\_\_. *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (Seminário original de 1953-1954). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LACAN, J. (Seminário Proferido em 1954-1955) *O Seminário, Livro 2: O Eu na Teoria de Freud na Técnica da Psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

LACAN, J. (Obra publicada em 1956/66). *O seminário sobre “A carta roubada.* In:\_\_\_\_\_. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Lacan, J. (Obra publicada em 1959). *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose.* In:\_\_\_\_\_. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Lacan, J. (Obra publicada em 1960). *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade.* In:\_\_\_\_\_, Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (Seminário original de 1960-1961). *O Seminário livro 8: A transferência.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

LACAN, J. (Seminário original 1961-1962). *O seminário, livro 9: A Identificação.* Inédito. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

LACAN, J. (Seminário original de 1962-1963) *O Seminário livro 10, A angústia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, J. (Seminário original de 1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (2. ed.).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LACAN, J. (Obra publicada em 1967) *Alocução sobre as Psicoses da Criança.* In:\_\_\_\_\_. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (Conferência Proferida em 1975) *Conferência de Genebra sobre o Sintoma.* Opção Lacaniana. São Paulo, no 23, pp. 6-16, dezembro de 1998.

LAURENT, É. *A Batalha do Autismo: Da Clínica à Política.* Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LAURENT, É. Alienação e separação I & II p. 31-51. In: FELDSTEIN, R.; FINK, BRUCE; JAANUS, M. (orgs). *Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997

LAZNIK, M.-C. *A Voz da Sereia: O autismo e os Impasses na Constituição do Sujeito.* 2ª reimpr. Salvador: Ágalma, 2013.

LAZNIK, M. C. *Lacan e Autismo.* In:\_\_\_\_\_. *A Hora e a Vez do Bebê.* São Paulo: Instituto Langage, 2013a.

LEFORT, R.; LEFORT, R. *O nascimento do Outro.* Salvador/BA: Fator, 1984.

LEFORT, R.; LEFORT, R. *A distinção do autismo.* Belo Horizonte, MG: Relicário Edições, 2017.

LUSTOZA, R. Z. *A Natureza Secreta do Estranho: uma Interpretação Lacaniana da Angústia em Freud.* Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 35, n. 2, p. 473-487, jun. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3DOnfVy>. Acesso em: 10 fev. 2020.

MALEVAL, J-C. *O que existe de constante no autismo?* Rev. Curinga, n. 31. Minas Gerais, 2010. Disponível em: <https://bityli.com/5fcT7Y>. Acesso em: 13 dez. 2019.

MALEVAL, J-C. *Por que a hipótese de uma estrutura autística?* Opção Lacaniana, v. 06, n. 18, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3DPiQl5>. Acesso em: 10 mar. 2019.

MALEVAL, J-C. *O Autista e sua Voz*. São Paulo: Blucher, 2017.

MANNONI, M. *A criança, sua "doença" e os outros*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980 (original publicado em 1971).

MELÃO, M. S. *A Escrita e a Constituição do Sujeito: Um Estudo de Caso*. Estilos clin. v. 13, n. 25, p. 94-117, São Paulo: dez. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3cEWGpX>. Acesso em: 18 nov. 2017.

MONTEIRO, M. P. *A Topologia de Lacan*. Estudos de Psicanálise, n. 41. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/30WxIFn>. Acesso em: 21 mai. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIA DA SAÚDE – OMS. *Transtorno do espectro autista*, Escritório Regional para as Américas da Organização Mundial da Saúde. Brasília, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3cL3sKM>. Acesso em: 10 jun. 2019.

PENA, B. F. *et al. Das flores à angústia: o esquema óptico de Bouasse, por Lacan*. Estud. psicanal., n. 51, p. 149-155, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3FJs0jC>. Acesso em: 24 nov. 2020.

PIMENTA, P. R. *O objeto autístico e sua função no tratamento psicanalítico do autismo* [Tese de doutorado]. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Minas Gerais, 2012.

PINHEIRO, N. N. B.; LUSTOZA, R. Z.; PINHEIRO, D. P. N. *Pesquisa em Psicanálise na Universidade: seguindo o método freudiano*. Analytica, v. 8, n. 15. São João del Rei, 2019. Disponível em: <https://bityli.com/KasEx3>. Acesso em: 11 fev. 2021.

SCALZO, P. B. *O sujeito como operador essencial na clínica psicanalítica no autismo* [Dissertação Mestrado]. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

SILVA, L. C. *O Estatuto do Outro no Pensamento de Jacques Lacan* [Dissertação Mestrado]. Universidade de Brasília Instituto de Psicologia (UNB). Brasília, 2017.

SILVEIRA, D. M. G.; VORCARO, A. M. R. *Da VERNEINUNG ao Traço Unário*. Agora, v. 19, n. 3. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982016003009>. Acesso em: 2 jun. 2021.

SOLER, C. *A Clínica do Real*. Brasil: Rev. da Clínica Freudiana, 1989.

SOLER, C. *O sujeito e o Outro I & II* p. 52-67. In: FELDSTEIN, R.; FINK, BRUCE; JAANUS, M. (orgs). *Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

SOLER, C. *O Inconsciente a Céu Aberto da Psicose*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

SOLER, C. *Lacan, o inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012.

SOLER, C. *A oferta, a demanda e a resposta*. Revista De Psicanálise Stylus, v. 26, p. 15–32, 2013.

TAMANINI, A. *A Referencialidade Deslizante: entre os Efeitos de Real e de Sujeito*. Universum, v. 33, n. 1. Talca, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-23762018000100260>. Acesso em: 20 mai. 2021.

WALLON, H. (Obra publicada em 1934) *Los Orígenes del Carácter en el Niño: Los preludios del sentimiento de personalidad*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión. 1975.

ZIZEK, S. *Como Ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.